

A Filha do Doutor Negro **de Camilo Castelo Branco**

PREFÁCIO

Eu era estudante na Academia do Porto em 1845.

Em uma das férias pequenas do ano, indo eu despedir-me de um cavalheiro, meu patrício, de volta para o Porto, disse-me ele:

– Vou encarregá-lo de uma comissão. Tome o senhor estas quatro peças. Vá ao topo da Calçada do Mirante. Se lá encontrar ainda uma mendiga, pergunte-lhe se conheceu um homem chamado António da Silveira. Respondendo ela que me conheceu, e provando-o com alguns sinais, que o senhor facilmente colherá, entregue-lhe este dinheiro. E se o senhor, uma ou outra vez, sentir o desejo de abster-se de algum passageiro passatempo, e empregar, em favor de pessoa desvalida, o dinheiro, que tal recreio lhe havia de custar, vá depor, no regaço da pobre da Calçada do Mirante, a sua esmola. Verá que sensação doce e consolativa Deus lhe dá em retorno da sua beneficência; verá, meu amigo... Quando o senhor voltar a férias grandes, eu lhe contarei pelo miúdo quem foi a mulher. Careço de recopilar as minhas reminiscências. É este um labor melancólico de que fogem os velhos, cuja mocidade foi desaproveitada ou desastrosa. O tempo mal-baratado chora-se na vizinhança da sepultura; e as afeições perigosas, que lá se nos engolfaram na voragem das alegrias, parece que renascem com a formosura sinistra que tiveram nos últimos anos, quando mais desvanecidas deviam de estar na memória. Assim mesmo, há saudade ainda no recordar tristezas, que eram o escuro do quadro de mil cores da infância. *Forsam et haec olim meminisse juvabit*. Vá, pois – concluiu António da Silveira, disfarçando as lágrimas –, e volte a contar-me que romances lhe sugeriu a visão dessa mulher andrajosa, para a qual a própria caridade olharia sem interesse, enquanto eu lha estou apresentando entre umas névoas misteriosas, que parecem esconder alguma princesa incógnita, assim à semelhança das ilustres penitentes da Idade Média. Escreva-me do Porto a dizer-me se a pobre do Mirante ainda vive.

– E, se eu a não encontrar – atalhei –, quem me há-de dizer que ela morreu?

– É sensata a pergunta... Deixe-me ficar pensando na resposta alguns dias, que não sei responder-lhe agora. Entretanto, escreva-me.

No mesmo dia em que cheguei ao Porto, fui ao local indicado por António da Silveira.

Vi uma mendiga sentada na rua, e encostada ao muro do jardim do sr. Braga. À beira dela, enroscado sobre parte do capote da pedinte, dormia um cão de água, cuja brancura e limpeza contrastava com os remendos sobre que se deitara.

A pobre representava cinquenta e tantos anos. Como o vento de Janeiro era cortante, e a noite vinha já desdobrando, não pude ver-lhe bem o rosto que ela resguardava com a gola do capote. Ao ver-me parado à distância de dois passos, estendeu-me ela a mão aberta, sem proferir as palavras costumadas da súplica. Aproximando-me, disse-lhe:

– Vossemecê conheceu António da Silveira?

A mendiga levantou o rosto de golpe, encarou-me, e disse:

– Já está com Deus?

– Vive, e está bom – respondi.

- Bendito seja o Senhor! – tornou ela. – Há quatro anos que não tive novas dele...
- Creio que é vossemecê a pessoa a quem ele manda entregar este dinheiro...
- Devo ser eu, que já recebi outras esmolas da sua caridosa mão.
- São quatro peças que lhe entrego por ordem do sr. Antônio da Silveira.

A pobre beijou o embrulho e conservou-o entre as mãos erguidas, enquanto orou. Depois, levantou-se, tomou nos braços o cãozinho, que tiritava, e disse-me:

– Faça-me a esmola de dizer ao, sr. Silveira que a desgraçada Albertina fica pedindo, a Deus saúde e contentamento para o seu benfeitor.

Perguntei-lhe onde morava.

– Tenho a minha enxerga num baixo aí da Rua da Soveia – respondeu Albertina –; mas, se Nosso Senhor me ajudar, amanhã, com este benefício do sr. Silveira, irei meter-me na Ordem de S. Francisco, e de lá irei dar contas a Deus.

Avisei do sucedido o meu amigo, e ele reiterou a promessa de me entreter uma tarde com a história da mendiga do Mirante.

Fiquei eu imaginando o que viria a ser a história desta mulher. Já naquele tempo me andava o cérebro, o coração, ou o espírito – não sei bem o que era – a fermentar a massa de volumes que saíram depois mal levedados, alguns azedos, outros insípidos, e Deus sabe se outros hão-de sair piores na substância e no feitio. O certo é que eu, em 1845, há quase vinte anos, bem que nem sequer entressonhasse o céu e o inferno de escritor, já me empenhava em tecer enredos de romances, enquanto os meus lentes de química e botânica se desvelavam em me fazer compreender que há ácidos e óxidos, e que há vegetais monocotiledóneos, e vegetais andróginos: cousas de que eu sinceramente não duvido nem sei nada.

O trecho de novela, que eu fantasiava por conta da maltrapida Albertina, era injurioso à pobre mulher. Queria a minha derrancada imaginação que ela tivesse descido as escadarias de unia vida precipitosa até se atolar no esterquilínio donde saíra para se assentar nas lájeas das ruas, estendendo a mão à caridade dos transeuntes. Ora, como já então estavam escritos aqueles muito sabidos versos de Victor Hugo, que dizem:

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe!

Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!

eu cobria de flores as escadas resvaladiças do vício, e ia a melhor grinalda coroar a mártir no seu atoleiro, e lembrar-lhe, como estímulo de esperanças em melhor mundo, o *quia dilexit multum* de Jesus Cristo, com referência à pecadora, repulsada da vizinhança das pessoas honradas, segundo o padrão da honra convencional deste mundo. Vinha, portanto, a ser o hipotético romance de Albertina a milésima história de uma milésima desgraçada, com um remate de vida destoante do acostumado: em vez de morrer na enfermaria da Misericórdia, e do catre passar à mesa das dissecações anatómicas, acabava os seus penosos dias sob o tecto hospitaleiro da Ordem de S. Francisco, mediante quatro peças esmoladas por um homem, o único talvez que se lembrava de a ter visto bela, e deslumbrante na vertigem do crime impudente e faustoso.

Que hedionda história eu engendrara! Para isto não valia a pena cerrar eu os ouvidos às prelecções dos srs. Santa Clara e Costa Paiva, quando um me dizia que há ácidos e óxidos, e o outro me podia encantar com a maviosa poesia dos amores dos vegetais monocotiledóneos e andróginos! Por amor destas estragadas fantasias, deixei eu de ser uma pessoa de serventia química neste mundo; e fiquei escassamente sabendo, em botânica, que as árvores são vegetais.

Aguilhado pela impaciente curiosidade, que me não deixava esperar quietamente a época das férias grandes, fui à enfermaria da Ordem de S. Francisco procurar Albertina, com o disfarce de lhe oferecer o meu préstimo.

– Não preciso de nada, bendito seja o Senhor! – me disse ela – Foi o sr. Silveira que mandou saber de mim? Santo homem! Coração de Deus na mocidade e na velhice!...

Esta linguagem predispôs-me a julgar do espírito da mulher com vantagem. Condensavam-se as nuvens do mistério em volta de Albertina; mais insofrida portanto a curiosidade, o prurido de romper a nuvem, e desnudar o segredo daquela existência. Aventurei esta sonda em forma de observação cristã.

– A sr^a Albertina sofre com admirável paciência os dissabores de sua vida!

– Que remédio, senão sofrê-los! – disse ela.

– Mas há poucos infelizes que saibam assim consolar-se.

– É porque são poucos os infelizes que sabem o caminho do Calvário, o porto da Cruz – redarguiu a mendiga do Mirante.

– Há muitos anos que é desgraçada? – perguntei com a audácia de um espírito esfalfado, que anda a cavar ideias para romances no recôncavo da consciência de toda a gente.

– Eu não sou desgraçada – respondeu ela serenamente –. Sou o que o meu Criador quer que eu seja. Se não tenho sobre que Deus chova, também não tenho cousa sobre que se cravem os olhos da inveja.

– Mas... – retorqui, balbuciando – parece-me que a sr^a Albertina, antes de chegar a esta posição...

– Se me dá licença – atalhou a irmã da Ordem de S. Francisco, –, vou à minha enfermaria, que são horas de médico.

Despedi-me, descontente do tom admoestador com que a pobre castigou a minha renitente investigação, e fiz parte disto ao meu amigo Silveira, o qual me respondeu nestes termos: «A vida dessa mulher não é o que o senhor cuida. Há umas histórias que se ouvem, sem se pedirem: são as dos crimes, que se desafogam das presas do remorso; e também as há negríssimas, contadas pela fatuidade cínica. Dessas busque-as o senhor que as há-de achar de molde para escrever um *Flos diabolorum* de ambos os sexos. No tocante, porém, à história de Albertina, dir-lhe-ei que os revezes são de uma espécie que não anda usada em romances, por ser iguaria insossa a paladares enfareados de condimentos ardentes da especiaria francesa, os quais cifram em sangue, lágrimas e lama. O pior da humanidade, o sedimento, as fezes do coração, servidas em taças de ouro – o ouro da linguagem florente à Jorge Sand, e satanicamente vigorosa à Frederico Soulié, que é isso senão lama? Oferecessem a biografia dessa mulher que o senhor visitou na enfermaria de S. Francisco a algum daqueles capitalistas da imaginação corrupta, aposto eu que eles a não aceitariam para romance sem a cláusula de alterarem a história de modo que lhe jarretassem as virtudes principais como inverosímeis, e as acidentais como empecilhos à travessão do, enredo. Essa mulher decerto lhe não contará sua vida, porque faz de conta que lá está Deus que a sabe, e espera ser chamada a receber a fêria dos que trabalharam por ordem e estipêndio d'Aquele que *per transitit benefaciendo*. Já o senhor vê que tem de ouvir uma história de mediano interesse para os seus anos verdes. Há-de achá-la destituída de peripécias para um conto de livro que se vende consoante o travo de malícia, ou o destemperado do horror; porém, se o senhor a retiver em sua memória, passados vinte anos, bem pode ser que o seu espírito se compraza em escrevê-la, e o seu público se deleite em alternar com ela o fastio de alguma leitura dos seus romances escritos dez anos antes, sob a inspiração das paixões más.»

Quando voltei à província, apresentei-me a António da Silveira, que pontualmente desempenhou a sua palavra. A história de Albertina, no trajecto de vinte anos, muitas vezes me acudiu à lembrança, nas horas em que eu combinava na palheta as cores com que bosquejei os quadros tristes e alegres da humanidade, que mos aceitou benignamente, não porque fossem bons, mas porque eram fiéis: das deformidades da natureza seria injustiça irrogar-me censura a mim. Desaproveitei o romance de Albertina, em todas as vezes que me lembrou, porque me alistara na laureada e gananciosa milícia dos romancistas do *terror grosso*, como deles dizia Júlio Janin, o celebrado folhetinista, que escreveu *O Burro Morto*, romance que começa a aterrar a gente desde o título, e, lá pelo meio adiante, mete a humanidade num banho de sangue, de muita gente e do burro citado.

Afinal, e muito a tempo, desertei às bandeiras dos mestres franceses, e entendi no melhor modo de descrever os usos e costumes da minha terra, os sentimentos bons e maus como por cá os tenho visto, as paixões como elas são cá, e como creio que elas são em toda a parte, tirante as composturas, artificios e maravilhas de linguagem, com que, para maior glória do génio pestilencial, corruptor das almas, os pintores da sociedade adulteram a verdade das cousas e pessoas:.

Cai a propósito neste ponto declarar eu à crítica bem intencionada de alguns avaliadores, dos meus últimos livros, editados em folhetins do *Comércio do Porto*, que nem levemente me constroem as condições que me pauto, e imponho no desenvolvimento da ideia moralizadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitário. de cada um dos romances. Tais são os publicados com os títulos: *Três Irmãs*, *Estrelas Funestas*, *Estrelas Propícias*, *O Bem e o Mal*. E, afora estes, que a crítica irreflectida cuidou me haviam sido assim prescritos e agorentados pela seriedade daquele jornal, escrevi com igual intento e desassomburada espontaneidade o *Amor de Perdição*, o *Romance de um Homem Rico*, e outro que está no prelo, chamado *Amor de Salvação*. De nenhuns outros me ficou tão cheio o ânimo de contentamento, contentamento, sem vaidade, satisfação de ter povoado a minha fantasia de imagens, que seriam ainda sublimes e belas, quando não fossem imitáveis e verdadeiras.

A esta série de romances pertence *A Filha do Doutor Negro*, bem que o título prometa cenas escuras, e se dê um jeito de engodo à curiosidade. Não vem para isso. Faço pouco finca-pé em títulos, e não dou nada pela cousa que traz logo um rótulo de negócio, no modo como se intitula. Chamei ao livro assim, porque a heroína do romance, como já se vai dizer, tinha muita honra em ser assim conhecida.

A razão por que eu esperei vinte anos esta hora, hora de íntima dor, em que principio a escrever tal romance, é que eu, nesse longo termo de meia existência, cuidei que, sem intercalar de episódios imaginários a história de Albertina, mal ou de nenhuma maneira lograria dar-lhe vida, interesse, variedade e número, como diria um correcto juiz com o Quintiliano em mente. Agora, revirou-se o meu entendimento em cousas desta ordem, como em quase todas as cousas ordenadas ou desordenadas pela gente. Estou apto para trasladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado à imaginativa o que a natureza me não dá. Se, alguma vez, falsifico as tintas, ou derramo a mãos-cheias flores sobre as úlceras, é isso um excesso de generosidade que uso com o mundo e comigo. Bastam as misérias vistas: poupemo-nos à estampa, que não corrige nem condena. Para juiz lá está Deus. Para algoz, basta que cada um o seja de si próprio.

Porto – 1863.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Em 1810, António da Silveira, cadete de cavalaria de Bragança, chegou ao Porto com o seu regimento. Confluiu para aqui a força armada do Norte, agitada pelo refervente patriotismo da junta governativa, espartada serodiamente da sua pávida, senão estúpida, inércia. Um romancista de espírito eminente e grandes dotes de investigação, o sr. Arnaldo Gama, em dois excelentes romances, tem esmiuçado os mais importantes quadros da invasão dos franceses em Portugal. Isto me forra à canseira de imitar os meus colegas peninsulares que, antes de dizerem quem é o homem que chega, descrevem a noite, se ele chega de noite, o terreno que pisa, as ruas que percorre, as sensações que causa aos encontrados, o que ele pensa do céu e da terra, e o mais que nunca homem se lembrou de pensar, até ao fim de uns tantos capítulos, que se tornam admiráveis pela paciência de quem os escreve.

António da Silveira era então mancebo de vinte anos. Simpatizava com Napoleão, que ele, de si para si denominava o «apóstolo involuntário da emancipação dos povos», enquanto o seu coronel, arengador de oitiva, atassalhava sempre Bonaparte, nas suas alocuções, com os flageladores epítetos de «bárbaro! tigre da Córsega! demónio da meia noite! e besta do Apocalipse!»

Silveira era ainda parente do general daquele apelido, personagem admiravelmente boçal e intrépido, capaz de imitar os Codros e os Cúrcios, se os conhecesse; português à antiga, e estou quase em dizer – o último dos portugueses que se criaram nas agramas de Trás-os-Montes. Fora o general, inflamado em amor da pátria, que tirara pelas orelhas o sobrinho da molidão ociosa das suas meditações e o levava a jurar bandeiras. António lia indolentemente o seu Horácio *procul a negotiis*, ou o seu Virgílio, *sub tegmine*, como o pegureiro Tíro, enquanto o solo pátrio estremecia batido pelo tropel das hordas conquistadoras. Educado pelos prosadores e poetas do Lácio, o moço, solitário pensador das fragosas montanhas penduradas sobre o rio Córrego, amava a liberdade à romana, a liberdade dos Gracos e dos Catões, por amor da qual uns cidadãos, se arrancavam as entranhas como Bruto, e outros ofereciam o pescoço à espada dos pretorianos como Cícero, e as próprias mulheres se cortavam o seio com o punhal como Caecina Paetus.

Daqui procedia o seu afecto a Napoleão, como filho bastardo da revolução francesa, e o seu amor à soledade dos seus pardieiros solarengos, afogados de serranias.

Não obstante, o façanhoso Silveira – que podia muito com os pais de António, filho dócil e incapaz de sacrificar a obediência às suas imaginações romanizadas pelos poetas e prosadores latinos – levou-o daí para Bragança, e, lá, ao agaloar-lhe o braço com o listão de cadete, lhe vaticinou que seria general como dez dos seus avós, visto que não tinha propensão para bispo, como outros dez avós dele.

Assim, pois, desceu o regimento ao Porto em 1810. António da Silveira foi aboletado para a rua de S. Miguel, enquanto se não reorganizava quartel para cavalaria. O patrão do cadete era o doutor Negro.

Apelidava-se assim o bacharel Francisco Simões de Alpedrinha, porque era mulato, nascido no Brasil, lá muito do interior do império, filho de um preto, magistrado do Rio de Janeiro, famoso por muitas letras e rectidão.

Francisco de Alpedrinha formara-se em 1785, na Universidade de Coimbra. Completado o curso, preferira os ares de Portugal às vantagens prometidas no seu Brasil. Escolhera o Porto, para residir e aqui viera assentar banca de jurisconsulto. A cor não foi implicância à concorrência de clientes. Estreara-se magnificamente, defendendo um réu famoso e protegido. Sobreexcedeu a nomeada de todos os seus colegas forenses;

e, daí a pouco, todas as causas difíceis e lucrativas eram confiadas da perícia e astúcia do doutor Negro.

Houve aí na Rua Chã uma formosa menina que amou Francisco Simões de Alpedrinha; não era nobre nem rica; mas assim mesmo negaram-lha os pais, à conta da cor do pretendente. Uma noite, a fascinada criatura deixou-se cair de um postigo aos braços do seu negro, que o era duas vezes pela escravidão da alma e pelo lustroso azeviche da epiderme em que ela imprimiu o seu primeiro beijo. Daí a meses, com precedência de depósito judicial e longo pleito, estavam casados, amando-se como Desdémona e Otelo – a linda rival da neve, e o preto de olhos coruscantes –; mais felizes, porém, que os desastrosos amantes do trágico inglês, amavam-se sem sombra de ciúme.

Deste consórcio nasceu em 1790 uma filha.

Era Albertina.

Quando o cadete de cavalaria se aboletou em casa do doutor Negro tinha Albertina vinte anos. Denunciava ela visivelmente a procedência da raça paterna no esmaiado amarelecido do rosto, e no alvor esfumados dos olhos; enquanto, porém, ao feitio das feições, era o traslado de sua mãe, melhorado na negridão e espessurados cabelos.

Filha única, encanto do doutor, e orgulho da mãe, recebera uma educação esmerada, e, naqueles tempos raríssima ainda entre meninas da primeira classe. Seu pai, mais instruído em belas letras do que o comum dos jurisperitos, fora o educador de Albertina em leitura, escrita, língua francesa, história e geografia.

António da Silveira, convidado a conviver com os seus patrões, agradou ao doutor, que secretamente adorava Bonaparte, como pegão de vento arrasador do velho edifício social, e evangelizador armado das doutrinas da igualdade. O doutor, no mais escondido de sua consciência, queria sobretudo, a igualdade das cores, e esperava que a civilização lograsse igualar os acidentes, logo que efectivamente se decretasse a igualdade da substância. Pelidava ele pela fraternidade dos descendentes de Sem, Cham e Japhet, visto que os três procederam do mesmo tronco. Tinha razão, posto que, cinquenta e quatro anos depois, a civilização ainda lha não tenha dado. Os pretos continuam a ser filhos de Cham, e nós de Japhet. Noé é nosso avô comum, é isso verdade; porém, sobre o gerador das raças negras, pesa ainda a maldição de Deus. Todos sabem que o segundo filho do patriarca, sobrevivente ao dilúvio, escarneceu seu pai, tomado do vinho que inventara. Pobres negros, a civilização apenas pudera com muito custo e o rodar de mais quatro séculos aliviá-los do nosso azorrague!

O rancor ao privilégio era desculpável e sensato no ânimo do doutor Negro. As doutrinas, timidamente balbuciadas pelo cadete, chegaram-lhe ao âmago, e abriram a represados panegíricos ao vencedor de Austerlitz, ao rei de Itália, ao imperador dos franceses, ao melhor Alexandre, cuja espada era a um tempo escalpelo extirpador do cancro social, e facho lampejante de civilização, progresso, resgate, e reformação da humanidade.

Enquanto o doutor apostrofava, António da Silveira estremecia electrizado pela torrente galvânica expedida dos olhos de Albertina. É certo que ela olhava meigamente o cadete; mas sem intenção, sem amor, sem aquele jeito congénito de quase todas as senhoras, chamado à moda *coquetismo*. O que ela tinha no olhar vinha a ser um natural requebro, peculiar a todos os olhos cujo dossel de pálpebras desmaia langorosamente, e cuja pupila se contrai como ferida por luz demasiada. Estes olhos assim quebrados são mais perigosos que os ardentes e irrequietos, porque involuntariamente fazem o mal; são como as lavas que, por força de sua natureza, abrasam quem as toca.

A filha do doutor não amava o hóspede, nem mesmo lhe admirava o, porte esbelto e marcial: gostava de ouvi-lo, que o dizer dele tinha a graciosa originalidade do moço instruído, que entra, sem instruções prévias, na sociedade, a falar a linguagem florente das suas silenciosas contemplações, quais a inspiração lhas dava, lá nos topes das serras, na ourela dos regatos, e no frondoso, das balças.

Ele, sim, António da Silveira, é que amava Albertina.

Fora a primeira mulher que vira para amar-se aquém das suas montanhas.

A sede do amor já o lá queimava em cima. As Lais e Frines, as Corinas e Lésbias dos seus poemas e romances das idades heroicamente destragadas não correspondiam ao tipo que ele entressonhara, bosquejado no melhor livro para amor, na melhor arte de amar: o livro da natureza, que se nos abre aos dezasseis anos. Até aos vinte, esperava a mulher, cuja sombra, como dríade intangível, se lhe encostava namorada e doída de ternura a cada tronco de árvore das suas florestas. O visionário, com o espírito aquecido pelas leituras nada ideais dos chamados tempos divinos de Homero, já se não contentava com os mitos das velhas Cosmogonias: queria o *quantum sufficit* da realidade, o envoltório gentil da ave de paraíso, que o acordava dos sonhos com o sonoro fremir de suas asas ao voar-lhe do coração para o céu.

A mulher era Albertina. Outras mais belas poderia ele ter visto na cidade das formosas, no Porto, que as tem de remota posse, como aquela cidade ida Grécia, o ninho das graças, não às três, mas às mil, da qual cidade os contemporâneos diziam:

Non licet omnibus adire Corinthum

Vinha isto a dizer que amor em Corinto era privilégio dos afortunados, dos magnates, dos dignos das maravilhosas mulheres que se deixavam adorar por obséquio.

Não assim na moderna cidade das formosas: estas sabem que o são, e dão mais tento do quilate dos seus méritos, quanto mais belas se vêem no espelho das almas, que não é o vidro, que cada ano delata uma ruga, senão que um como bronze em que a imagem vai esculpida desta existência de sonhos à soberana realidade da existência infinita. Lá é que é a celestial Corinto, a fonte sagrada das águas de eterna juventude.

Pois sendo tantas as belezas impressivas do Porto (se bem que, em 1810, muitas das principais andavam foragidas à fama libertina, que precedia *l'enfant chéri de la victoire*, o invasor Massena), António da Silveira unicamente sentiu coração para a filha do doutor Negro.

Francisco Simões acalorava a inclinação do moço, encarecendo as qualidades da filha.

– A primeira virtude de Albertina – dizia ele com a suprema boa fé, se não malícia de pai é que está a fazer vinte anos minha filha e não amou ainda. Que tesouros de amor não encerra aquele coração! Que ventura será a do homem que tiver o segredo de abrir o selo que até agora somente se descerrou às enchentes do amor filial!

António cuidava estar ouvindo a sincera apologia que os pais fazem das filhas aos forasteiros, segundo a invariável forma das descrições da hospitalidade homérica.

O doutor sondou facilmente o ânimo do hóspede. Congratulou-se. Deu os parabéns à filha, e cuidou que o silêncio dela exprimia o contentamento abafador, que não deixa ao coração mais liberdade que a de um até dois suspiros.

Não teve mão de si o jubiloso bacharel Alpedrinha; assim que o ensejo lhe saiu a talho, disse ao cadete que se não reprimisse, quando tivesse que dizer com referência a Albertina.

António, alegremente surpreendido, achou-se eloquente, e discorreu com a leal e expansiva cordialidade dum rapaz que, apesar de cadete de cavalaria de Bragança, se considera em casa de Labão, naqueles santos primórdios da humanidade.

– Eu casarei com sua filha – disse ele em remate de um exórdio adorável de simplicidade – se me ela quiser. Pedirei licença a meus pais, e eles, que me amam e desejam minha felicidade, consentirão; se não consentirem...

– Isso é fácil suprir-se... – atalhou o Jurisperito. – Eu casei judicialmente...

– Mas a desobediência... – interrompeu António.

– A desobediência – volveu o doutor imposta pelo coração é uma culpa que em si contém sentença absolutória divina e humanamente falando. Um pai não sabe nem pode calcular sobre operações, da alma inflexíveis à pauta !do raciocínio. Como hei-de eu contradizer o que minha filha assentar que é a felicidade do seu coração? Quando é que um pai afoutamente pode prometer que seus filhos serão ditosos pelos casamentos que ele lhes elege, em frieza de ânimo, e a combinar planos: e traçados como se mandar architectar uma casa com tantas janelas, e tantas salas, e tantas alcovas! O nosso direito à submissão dos filhos caduca desde o momento em que eles nos respondem com o coração, quando nós lhes interrogamos o juízo, Se os violentamos, fazemos da autoridade um flagelo; se eles nos obedecem, a submissão não é já virtude, senão suicídio.

Deste arazoado induz-se que o bacharel tinha ainda frescas as lembranças dos provarás com que articulara contra os pais da sua noiva depositada. Estas doutrinas, num romance – graças ao descrédito da cousa – não fazem mal nem bem; mas, na prosa, e estrada ramerraneira da vida chã que a gente arranjou, é preciso cautela contra semelhantes doutrinas. O coração, com que todos os imberbes, rebeldes às cãs paternas, encham a boca, não é cousa nenhuma por que se faça obra. O coração é uma capa de brocado, que se deita às costas da tolice, para lhe esconder os aleijões. Quando o amor se torna em raquitismo de alma, podemos contar com carcunda para toda a vida. Fazer de uma veleidade uma transfiguração de índole quero dizer, cuidar que o amor avassala a razão, e que este predomínio aos olhos propriamente de um pai é cousa respeitável, eis um desvario que nivela a alucinação do filho com a necidade do progenitor. A experiência não cessa de pregoar que os casamentos voluntários, contra o alvitre dos pais, levam em si peçonha de culpa, maldição sancionada em cima, onde está o Grande Espírito que ditou a quarta lei do decálogo.

Eu não sei se este dizer é erva sardónica nos beijos de algum dos meus leitores, cuja inépcia Possa ser superior à minha boa fé. Seja o que for; onde estiver feliz um homem que arrancasse a esposa dos braços de sua mãe, ou a mulher que apresasse um marido com os arpéus da lei, espoliadora dos direitos paternos, esses que me desmintam, rasgando esta página e mandando-ma rubricada com os seus nomes. Quando isso acontecer, hei-de eu cuidar que sou um tolo maior da marca.

Tomemos o fio da história.

CAPÍTULO SEGUNDO

António da Silveira, na véspera da salda do seu regimento para as fronteiras, ameaçadas de franceses, achou-se a sós com Albertina. Até àquela hora, não ousara dizer-lhe a palavra mais difícil de exprimir, quando é verdadeira. Os que mais amam, antes de o dizerem à pessoa que mais convém que o saiba, empalidecem, dessecam-se, e são capazes de irem a uma héctica. As artes da língua latina todas conjugam o verbo amar por inteiro: os alunos saem das escolas com os ouvidos impregnados, digamo-lo assim, do mais vital e usual verbo de todas as línguas sabidas e ignoradas dos políglotas. Pois, assim mesmo, com toda esta profusão de *amar* no infinito, de *amo* no presente, de *amei* no pretérito, e de *amarei* no futuro, acontece que a memória do verbo por excelência se enoita e cerra logo que o mais solerte gramático se acha como que afrontado pela mulher para quem ele parece que pontualmente aprendera a conjugação do verbo *amar*! Isto é admirável; e mais admirativo ainda no cadete de cavalaria de Bragança, onde ele, com um ano de praça – ou tarimba como lá dizem – e convivência de camaradas vezados à alta barganteria do galanteio, devia atar despejado, quero dizer emancipado do pejo que purpureia as faces ao amator bisonho.

Amava do imo da alma; é o que era; amava pela primeira vez; é o que nunca tinha acontecido a um cadete de há cinquenta anos; que naquele tempo, a só palavra *cadete*, sem auxílio de adjectivos, indicava logo um libertino, terror das famílias alheias, e dissipador dos bens da própria.

António da Silveira, em oito sílabas, definiu-me o seu modo de ser naquele tempo: EU ERA UMA MENINA – disse-me ele. Isto é o mais que um homem inocente pode dizer de si, quando a menina é inocente, entendamo-nos; porque, há meninas que, a respeito da pureza do seu espírito, podem dizer: «Eu era como um cadete dos mais casquilhos de há cinquenta anos.» Há de tudo; e desta variedade e desordem é que se faz a ordem e a graça do universo.

Albertina não estava no caso da menina com quem António da Silveira se comparava, nem na plana da outra, que quisesse comparar-se a um donzel de moral desbaratada.

O amor não era novidade para ela. Se o fora, devia de tingir-se-lhe o rosto, quando o hóspede lhe disse:

– Não posso por mais tempo ocultar a paixão que...

Aqui, entalou-se o moço.

E ela, nem pálida nem escarlate, escutava-o, e vinte segundos poderia ele contar nos quarenta acelerados latejos, que lhe deu o coração, até poder balbuciar o fecho da frase:

– ...A paixão que sinto por a sr^a D. Albertina.

As pálpebras magníficas dos olhos da filha do doutor Negro caíram de golpe, e assim permaneceram instantes como a elaborar duas lágrimas. E as lágrimas apontaram e derivaram nas faces, antes que ela pudesse responder o seguinte:

– Eu não posso amá-lo...

António da Silveira, a poder lembrar-se de alguma coisa naquele momento, devia de ser do verso do seu Virgílio:

Obstupui, steterunt que comas et vox faucibus hoedit.

que o Barreto Feio traduz:

*Pasmei, arripiou-se-me o cabelo,
E nas jantes a voz me ficou presa*

Mas eu creio que lhe não lembrou cousa nenhuma em latim. Nestes apertos de coração, não há propriamente um professor de latinidade que possa respirar por um hexâmetro.

O cadete estava de pé; e, quando em análogas circunstâncias, toda a pessoa discreta e briosa se levantaria da cadeira para sair, é então que ele se assentou. Justificadamente o fez; a arte pode estranhar o caso; mas a natureza admite-o: é que sentiu um tremor e desfalecimento de pernas, acidente que mais que muito confirma o que ele depois disse de si: «Eu era uma menina».

A filha do doutor aproximou-se dele, estendeu-lhe a mão, e murmurou:

– Seja meu irmão. Estime-me, e compadeça-se, que eu sou muito desgraçada por não poder amá-lo!...

E desatou em lágrimas e soluços.

Erguera-se António da Silveira, ouvindo passos no pavimento da casa próxima.

Era Francisco Simões de Alpedrinha.

Albertina retirou-se a enxugar as lágrimas entre as cortinas de uma janela. O hóspede, com um ar de assombro que tanto podia chamar-se parvo como sublime, ficou chumbado às costas da cadeira, sobre que apoiara as mãos.

O doutor saiu da sua perplexidade nestes termos:

– Que vem a ser isto? Albertina vem de chorar!... o cavalheiro está surpreendido!... Isto é una cena de amor; não pode ser outra cousa! Mas... amor começado por lágrimas!... Ora vamos, menina. Teu pai é teu amigo, e amigo do sr. Silveira. Eu creio que nem ele nem tu sois almas capazes de sentimento do qual eu não possa ser confidente. Albertina, fala.

António da Silveira, sem auxílio de Horácio ou Virgílio, teve uma ideia heróica, respondendo assim com a mais pronta e ingénua naturalidade:

– Eu despedi-me da sr^a D. Albertina; e ela, correspondendo à viva saudade que eu levo desta generosa família, comoveu-se...

– Nobre comoção! – acudiu o doutor. – Essas lágrimas louvo-as eu; escondê-las de mim é desconfiar da minha sensibilidade, menina. Eu prezo como a filho o sr. Silveira, e oxalá pudesse arrancar-lhe do corpo esta farda, que se me afigura a libré do despotismo! Pobre moço, com que ânimo se vai expor a morrer, passado de uma bala do campo adverso, onde estão os instrumentos cegos da civilização do mundo!

– Em todo o caso é um dever defender a Pátria – interrompeu o cadete.

– Pátria! – voltou o doutor Alpedrinha – o que é pátria!... *Ubi bene, ibi patria*. Quem está bem nestas espessas trevas de Portugal!?... O Brasil é o melhor céu do globo; e eu desconheci-o como pátria, porque é uma colónia desta metrópole obscura. Quem quiser ter em Portugal uma pátria amável, tem de refazer o país, franqueando as fronteiras aos iniciadores da civilização, e não trancando-lhas com o ferro e com o peito. Sr. Silveira, não lhe aconselho que deserte às suas bandeiras; mas admoesto-o a que poupe a vida, sem desaire da honra e da disciplina. Que sandice eu disse agora! *Honra e disciplina!*... Honra, sinónimo de servidão a bonzos e fidalgos que lá se estão refastelando na corte do Rio em redor do inerte rei, que se contenta com a coroa desautorada, e com alguns arrâteis de simonte para cada mês. *Disciplina!* Eu vi o que era a disciplina do exército português no dia extremo do general Freire, e do Porto Carreiro e dos outros. Meu amigo, não se exponha, peço-lhe em nome de minha filha, e ela pede-lho em nome do coração, que o ama! Não é isto verdade, Albertina?

– Conheço que o é sinceramente – acudiu pressuroso António da Silveira,

apertando a mão do doutor.

– Mas ela não fala! – tornou Francisco Simões, encarando em Albertina. – Estás sufocada, filha?! Reanima-te!... O nosso Silveira voltará para nos dar a todos a felicidade. Não é verdade, meu amigo?...

– Voltarei, sr. doutor – balbuciou o moço.

– Com juramento de cavalheiro?

– Com juramento – ratificou o moço.

– E minha filha vai jurar-lhe fidelidade como nos tempos poéticos das cruzadas.

Remocemos as velhas épocas, meus filhos! Jurem nas minhas mãos

O entusiasmo com que o doutor Negro proferiu estas expressões preliminares do juramento ia a entrar nos domínios do riso, quando Albertina com firme voz e sereno semblante, disse:

– Meu pai, eu só posso jurar que seria eternamente amiga do sr. António da Silveira. Ele é bastante generoso para prescindir doutro juramento, que seria falso; e meu pai é bastante meu amigo para me não compelir a prometer o que é impossível cumprir.

Reluziu a cútis do doutor, e arroxaram-se-lhe os beiços. O relance dos olhos afuzilou uns tímidos raios de cólera, os primeiros que a menina viu no olhar caricioso de seu pai. É que de assalto lhe veio à lembrança que sua filha, aos catorze anos, fora surpreendida numa janela, trocando frases de timbre amoroso com um moço de baixa extracção, um amanuense do cartório de seu pai; facto horrendo, que ele tinha esquecido, quando disse ao hóspede que a primeira virtude de Albertina era estar a fazer vinte anos sem ter amado ainda.

António, admirado do aprumo da formosa mulher, amando-a mais por isso mesmo, invejando até o galardão do homem que lhe dava auso a tamanho e tão insólito desengano, continuou a obedecer ao impulso de sua generosidade, dizendo:

– A sr^a D. Albertina só pode e deve amar um coração desprendido doutros afectos. Eu estou comprometido noutros amores, meu amigo, tive a virtude de o confessar a sua filha.

– Então... – atalhou o doutor iracundo – dissessem isso logo, e já V. S^a mo podia ter dito!... ou... permita-me dizer-lhe que andou como não andam cavalheiros, quando me pediu minha filha!

António caiu em si, e viu que a generosidade era inconciliável com a mentira, e que a virtude é cousa mais custosa de praticar do que muita gente cuida.

Albertina vem em socorro do corrido moço, e exclama:

– O sr. Silveira é um cavalheiro, meu pai! Eu é que sou a culpada; fui eu quem lhe disse que não podia amá-lo.

– Entendamo-nos! – exclamou o doutor. – Mui há uma complicação de cousas que me embrulham a razão. És tu que rejeitas o sr. António da Silveira, Albertina?

– Sou eu que o prezo como irmã, e não posso ser voluntariamente sua esposa.

– Bem! Tomarei as minhas medidas! – redarguiu Francisco Simões de Alpedrinha. – Muito bem! eu não sabia quem tu eras, criatura! Criei-te e afaguei-te como um anjo; do muito amor com que te satisfiz os caprichos resultou a liberdade arrogante com que falas a teu pai. Esta filha já diz que rejeita o esposo que seu pai lhe oferece. Muito bem: eu serei de hoje avante o que devia ter sido até aqui... Veremos!... Sr. Silveira, V. S^a não perdeu nada. Eu dava-lhe Albertina, cuidando que ela era um tesouro. Enganei-me. Está desfeito o engano. Volte quando quiser a esta casa: o amigo cá está com os braços abertos. Vá, cavalheiro, vá, que esta mulher era indigna de si.

Albertina chorava ofegante de soluços.

António, com os olhos no chão, e os braços cruzados, ouvia as frases duras do

doutor, e chorava-lhe a alma compadecido da ansiada menina.

Este lance foi cortado a tempo pela toada das clarinetas e tambores, que tocavam à generala. O cadete saiu abruptamente relanceando um derradeiro olhar a Albertina. O rebate falso do aparecimento de franceses na serra de Valongo foi como invenção de algum santo, que viu as angústias do honrado moço, e as da pobre menina, benemérita da piedade das almas sensíveis, e admiradoras dos corações intrépidos.

No dia seguinte, o regimento de Silveira saiu do Porto. O cadete militou até ao fim da campanha, se não com bravura, igual a muitos que saíram condecorados como bravos. O inimigo contra quem ele pôs peito era o seu coração, a saudade apaixonada da filha do doutor Negro.

Finda a guerra, passou pelo Porto. Antes de entrar em casa do doutor Negro, inquiriu novas desta família.

Tinha decorrido um ano apenas, depois do lance descrito; e o que disseram a António da Silveira era cousa tão estranha e incombinável com a brevidade daquele espaço de tempo, que o moço apertava a cabeça nas mãos, de espantado, e chorava de comiseração.

Aquí vai o que ele ouviu mais ou menos prolixamente contado:

Albertina seis anos havia que se afeiçoara a tini amanuense do escritório paterno. Este moço, chamado João Crisóstomo, gozava todo o bom nome que pode ter-se naquele modo de vida, e era benquisto. Fora em menino para o Brasil, enviado por seu pai, lavrador das cercanias do mosteiro de Vairão. Esteve lá uns dois anos bem acreditado com o patrão! Porém, como a saúde lhe escasseasse, voltou para Portugal. O pai, que não era dos mais razoáveis, e tinha outro filho a quem deveras queria, recebeu-o de má sombra. João pedia-lhe que o deixasse ordenar; o pai deu-lhe uma enxada, e mandou-o roçar tojo. Era o moço débil e enfermiço: não pôde com as asperezas da lavoira, e fugiu para o Porto, confiando-se na promessa de Jesus, que disse aos galileus:

«Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros; e contudo vosso pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?

E porque andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam.

.....
 Não vos aflijais, pois, dizendo: que comeremos, ou beberemos, ou com que nos cobriremos?»

João Crisóstomo lera estes e outros versos do Evangelho de S. Mateus; aceitou-os consolativamente, sem todavia querer imitar às cegas os lírios do campo, que não trabalham nem fiam. As vestes pomposas do lírio, tais que nem Salomão as teve maiores, no dizer de Cristo, lá lhas tece e aveluda em noites serenas um raio da lua, e, ao enrubescerem-se os vises das montanhas, um primeiro raio do sol lhas doura; mas ao homem, desde o berço da humanidade, condenado ao trabalho, faz-se-lhe mister não cuidar de todo em todo que é lírio.

Avisadamente o pensou assim o filho do lavrador do Couto de Vairão.

Chegou ao Porto, onde a inércia é um estigma, e achou de pronto trabalho e pão sobejo à sua necessidade.

CAPÍTULO TERCEIRO

Entrou João Crisóstomo ao escritório de alguns advogados e escrivães, alegando que tinha sofrível forma de letra, e, por pequeno salário, copiaria papéis; o último onde pediu trabalho, e teve aceitação, foi o do doutor Negro, cuja aspereza de génio afugentava os amanuenses.

João Crisóstomo, logo na primeira semana, pagou com as orelhas uma falta de ortografia, repetida depois do aviso. O doutor era escravo da ortografia etimológica, e o moço tendia racionalmente para a simplicidade que o sr. Castilho, cinquenta anos depois, aventou com grande dispêndio de filosofia e paciência inútil. Já as orelhas do pobre João foram obscuras mártires deste ramo de civilização do alfabeto!

Com a sua muita docilidade, quando mais não fosse, logrou ele cativar a estima do doutor, de fora parte um cabal conhecimento das palavras que se escrevem latinamente com cinco ff e mais.

João tinha entrada de escada acima na casa do doutor. Albertina era criança de nove anos, e ele tinha dezessete. A menina aprendia dele o talho da letra inglesa, e obedecia mais depressa aos brandos rogos do amanuense que aos do pai, se teimosa recusava, com trejeitos de amimada, decorar as declinações da gramática francesa. João, para lhe conciliar a vontade, ora dengosa, ora rebelde, estudava com ela nas horas vagas, e assim aprendeu a língua francesa, e o mais que o doutor ensinou à filha.

Quando Albertina perfez catorze anos, Francisco Simões disse rudemente ao amanuense que as suas ocupações no escritório não tinham que ver com o que lá ia em cima. Este desabrimento procedia de alguma desconfiança, que João Crisóstomo confirmou fazendo-se amarelo ou escarlata, modos variados e infaustos com que o coração atraiçoa seu amo... ou o seu escravo. Eu penso do coração o que Alphonse Karr pensava do seu *Terra-Nova*: a gente não sabe bem se o cão é nosso amo, ou nós dele. De modo que é o coração um pérfido inimigo, que temos dentro de nós, o qual nos denuncia no rosto, quando tudo lhe sacrificamos, paz, honra, futuro, vida e (perdoe-nos a natureza e o progresso das luzes!)... o estômago, até o estômago lhe imolamos, este celeiro da saúde, o cofre das graças que acetinam e purpureiam a cútis, e tudo o mais chamado beleza, vigor e galhardia.

Tudo isto perdeu João Crisóstomo, assim que o doutor lhe vedou o ingresso no primeiro andar. A tristeza e definhamento agravaram mais as suspeitas do pai de Albertina. Ao mesmo tempo, a menina desmedrava, não ia à mesa sem muitos rogos da mãe; e, indo, mal encontrava os olhos do pai baixava os seus com sobreceño, e respondia, chorando e mordendo as lágrimas nos beiços, se ele a interpelava severamente.

Deu-se, daí a poucos dias, o successo decisivo: posto de sobreaviso, o doutor surpreendeu um colóquio da rua para a sua janela. João foi agredido, e deixou-se espancar, de braços cruzados. Primeiro cansou o braço ao doutor que a paciência ao honrado moço. Albertina fugira da janela no intento de sair à rua. Quando o pai a viu, deixou o amanuense, e foi, cego de ira, com as garras recurvas sobre a garganta de Albertina; mas um pai, seja qual for a cor que tem, não estrangula uma filha.

João Crisóstomo não podia voltar mais àquela casa. Procurou outro escritório, que facilmente se lhe deparou com melhorados interesses.

A pessoa que informava António da Silveira deste ponto deu um salto para seis anos depois, não podendo esmiuçar os factos seguidos até princípios do ano de 1811, época em que Albertina fugiu de casa..

No momento em que o alferes colhia estes pormenores, estava Albertina num

convento de Braga, e João Crisóstomo preso nas cadeias da Relação do Porto. O narrador sabia contar apenas que o amanuense perdera a demanda, e fora condenado como raptor a alguns anos de prisão; e que Albertina, trazida do depósito judicial para casa do pai, fugira novamente, e fora presa no pátio da cadeia, e dali transferida para o convento.

Animou-se Silveira a procurar o doutor Negro. Encontrou-o mudado. Recebeu-o o velho chorando; mas sem veemência de transportes. Parece que uma glacial apatia lhe tolhia os movimentos. A intercadências, ficava-se como esquecido, e tartamudeava frases desconcertadas e alheias do assunto.

António atalhava-o, se ele vociferava trementes vozes contra Albertina.

– Não seria felicidade lá mais ao diante deixar V. S^a casar sua filha com esse rapaz tão mal julgado pelas leis? – dizia o Silveira com a independência de uma boa e sincera razão.

Mal julgado pelas leis! – exclamava o doutor. – Pois o raptor de minha filha, o meu assassino podia ser julgado de outro modo!

– Eu não sei bem o que a lei chama raptor

– volveu Silveira. – Cuidava eu que uma filha que foge a seus pais, e declara que quer casar com o homem para quem foge, não é raptada...

– É raptada porque é seduzida! – bradou Francisco Simões – A sedução que é, senão um rapto, um cruelíssimo roubo do coração de uma filha ao amor de seu pai! Quem ousa aí provar-me o contrário disto?

António calou-se, porque as lágrimas do velho eram mais irrespondíveis argumentos; porém, ao encará-lo em silêncio, dizia entre si:

«Aqui está este homem penando o que fez penar ao pai de sua mulher! Olho por olho, dente por dente, dizem os livros sagrados. E como ele se esqueceu das doutrinas que tão eloquentemente preleccionava há um ano! Este mesmo pai dizia:

«Como hei-de eu contradizer o que minha filha assentar que é a felicidade do seu coração? O nosso direito à submissão dos filhos caduca desde o momento em que eles nos respondem com o coração, quando nós lhes interrogamos o juízo.» *O vanas hominum mentes, o pectora coeca!*

António da Silveira aventurou-se a pedir ao doutor que, embora denegasse consentimento à filha para casar com o condenado por amor dela, perdoasse ao desgraçado, e o deixasse ir ganhar sua vida. A isto respondeu o doutor:

– Se eu caía em tal, o mesmo era ajuntá-los. Assim que Albertina pudesse fugir do convento ou de minha casa, estaria com ele. Deixá-lo estar o meu assassino onde está. Eu morro primeiro que ele; morro, e esta ideia é que me vai matando a pedaços. A minha inteligência está a apagar-se. Despedi uns clientes, e os outros fugiram-me. Não sou já o homem que era. Estou esquecido: perdi o amor ao trabalho. Só por dura necessidade me sento a esta banca. Caem-me as lágrimas no papel. Lanço de mim com desesperada agonia os livros. Enche-se-me a cabeça de sangue, e atiro-me sem acordo aos braços de minha pobre mulher, que já sabe que vai ficar viúva e desamparada.

– Remedeie essa angustiada situação – voltou Silveira.

– Como?! – acudiu o doutor. – Como, senhor? Casando-os?

– Não direi tanto, visto que é inflexível a sua repugnância, sr. Alpedrinha; mas dê o perdão condicional ao preso; ele que vá do Porto para longe, e sua filha que volte à companhia do pai.

– Isso não remedeia... Albertina tem-me ódio. A minha filha morreu; e deseja que eu morra, quando eu a estou amando, assim mesmo, assim perdida e desprezível.

– Desprezível... porquê? – interrompeu Silveira.

– A baixeza daquela alma!... Cegar-se de paixão por um sevandija, que ela viu

entrar nesta casa de tamancos e jaqueta de saragoça! Ela, que eu criara como se um dos mais distintos mancebos da sociedade a estivesse esperando! Dotada de tantos talentos, formosa, altiva, descer até ao homem de salário na casa de seu pai!... Porque é preciso que saiba, sr. António da Silveira, que meu bisavô era um general em 1654, dos mais distintos na independência do Brasil contra os holandeses; meu avô foi magistrado superior, meu pai também, e os Alpedrinhas competem em antiguidade de nascimento, e honra e saber, com as mais ilustres casas de Portugal!

O doutor Negro repisou neste artigo da sua prosápia, e desgarrou-se tanto da trilha da modéstia e do siso, que o interlocutor teve dó daquela febril cabeça, que se perdia! Quando pôde, esfriou-lhe os impulsos de soberba com muita brandura de reflexões humanitárias acerca da igualdade dos nascimentos; e delicadamente lhe lembrou que um apologista da rasoira social, passada sobre as desigualdades absurdas pelo braço providencial da revolução francesa, devia ser mais consequente consigo mesmo.

Estavam cerradas para sempre as portas daquela razão degenerada pela dor. O velho, se caía em si por momentos, destemperava em mais frenéticas invectivas contra a filha, e contra o algoz da sua alegria.

Dizia-me António da Silveira: «As agonias daquele infeliz, das quais eu fui testemunha por espaço de três horas, puderam tanto comigo, que me ficaram servindo de *memento, homo*, através de uma longa vida. Acudia-me sempre o espectáculo do doutor Negro, quando eu meditava praticar um acto ocasional de dano ou dissabor para alguém. A mão da Providência pesara sobre ele tão dura quanto ele pesara sobre o seio de outro homem, que também era pai; mais dura direi, porque o outro vira sua filha honrada, senão invejada; e este era quem com sua própria e espontânea mão a pusera debaixo dos olhos do mundo como uma nódoa, e a todo transe embaraçava a reabilitação da mulher difamada, injustamente difamada.

– Injustamente? Pois ela não tinha fugido para a companhia do João Crisóstomo? – interrompi eu.

– Não, senhor: de casa do pai saíra para casa de um procurador de causas, homem de bem, amigo do moço; desta casa, condenado o raptor, voltou para casa do pai; daqui fugiu, e breves passos deu até à cadeia que lhe era perto; e da cadeia, ainda antes de ver o preso, foi, como já lhe disse, levada ao convento de Braga. Já vê que o mundo a infamava injustamente.

Silveira despediu-se do doutor, com promessa de voltar. Dali foi à Relação procurar o preso João Crisóstomo. Conduziram-no a um quarto de malta, e mostraram-lho sentado a uma mesa de pinho, escrevendo. Diz António da Silveira que o sujeito representava quarenta anos, bem que ainda não tivesse trinta. Era macilento, magro, e menos vulgar de aspecto do que devia esperar-se do filho de um lavrador do Minho, onde, pelo ordinário, as caras dos agricultores nos querem parecer pouco mais de rudimentares, como se a natureza as deixasse configuradas na primeira sessão para voltar depois a conformar-lhes os relevos. A boa sombra de João Crisóstomo captou logo a benevolência do seu desconhecido visitante a quem ele, de pé, cortejou, e disse:

– Talvez que V. S^a se enganasse no quarto...

– É o sr. João Crisóstomo que eu procuro – tornou Silveira, tomando para assentar-se uma das três cadeiras de pinho, que decoravam o recinto, aliás, alegre e bem arejado. Depois continuou: – Pode ser que conheça de nome um tal António da Silveira, que há um ano foi hóspede do doutor Francisco Simões de Alpedrinha.

O preso empalideceu, e murmurou:

– Ouvei falar de V. S^a.

– Como de um mau sujeito?

– Não, senhor. A filha do sr. doutor disse-me que V. S^a era o único homem do

mundo que ela poderia amar, se Deus a não tivesse...

– Destinado para sua esposa – atalhou Silveira.

Se Deus a tivesse destinado para minha esposa, estaria eu aqui entre fenos, e ela noutros mais cerrados à luz do dia? – observou João Crisóstomo.

Deixe estar, que o tempo, nos cálculos da Providência, tem outra contagem diversa da nossa. Quem sabe o que vem?

O preso ergueu-se alvoroçado, e exclamou:

– É possível que V. S^a seja o mensageiro de alguma boa nova?!

– Não, senhor: desgraçadamente não. O que venho é perguntar-lhe se, no caso de perdoar-lhe o doutor, o senhor sairia de Portugal, renunciando à mão da sr^a D. Albertina, pelo menos enquanto o pai for vivo. Com a constância dela, deve e pode o sr. João Crisóstomo contar: pela sua daria eu abono, se mo pedissem; portanto, achava eu de suma conveniência, interesse até da vida de ambos, que pactuassem entre si um corte completo de correspondência, e esperassem. O doutor oferece pouca vida, se me não engano; e o senhor sacrificando-se, sem vexame de coração, dará ao pobre velho a filha, cuja ausência o mata, e mais tarde voltará a procurá-la, sem o remorso de ter cavado a sepultura de dois velhos.

– O sr. doutor – disse João Crisóstomo – perdoa-me com a condição de eu sair da Pátria?

– Não está isso ainda tratado: eu é que imagino realizável o acordo; mas, sem o seu compromisso, e o da sr^a D. Albertina, não sondarei segunda vez o ânimo do velho.

– Eu não decido de mim porque cumpro pontualmente a vontade da sr^a D. Albertina. – respondeu o preso. – Farei o que ela quiser, contanto que ela seja feliz. Uma compadecida pessoa de Braga me diz que a pobre menina vive atormentada: desde que sei isto, a minha desgraça não me oprime; sinto somente a dela. Não me escreve, ou, se me escreve, as cartas não as recebo; algumas lhe escrevi, que lhe pioraram a reclusão, porque vieram à mão do sr. doutor. Se V. S^a pode consultá-la, eu conformar-me-ei com a sua vontade.

Depois de mais longo diálogo, António da Silveira, cativo daquele homem, cujo sossego justificava a pureza da consciência, voltou ao pai de Albertina, e expôs-lhe com exactidão o convencionado entre ele e o preso.

O doutor Negro deferiu para o dia seguinte a resposta, e concordou no perdão, tirando a partido que o raptor iria para o Brasil, entrando a bordo do navio logo que saísse da cadeia. Senão, não.

Foi António da Silveira a Braga, autorizado com credenciais do doutor para poder parlamentar com Albertina.

Singular homem este! Aqui fazemos alto para pedirmos à natureza excepcional deste alferes de cavalaria a definição de semelhante índole, que é uma das raras jóias que eu conheço da natureza. Interrogue-mo-la. A caprichosa não responde. Está alta de mais: está aos pés de Deus. No quilate das índoles malfeitoras é que nós cuidamos ouvi-la, entendê-la, e desfiá-la sob o escalpelo da nossa crítica ciência do coração humano. Isso não admira: qualquer cerdo revolve um lamaçal, e de nuvens acima nem o voo da águia alcança. Não entendemos António da Silveira. Vejamos se ele quer ou pode dar induções do seu carácter.

Perguntei-lhe:

– Que sentimento lhe havia inspirado Albertina um ano antes?

– A paixão, aquém dos limites da honra.

– E um ano depois, quando visitou na cadeia o homem que ela preferira?

– A paixão, aquém dos limites da honra.

– E, se as suas diligências conseguissem lançá-los nos braços um do outro, e a

ambos nos braços da mais dadivosa fortuna, que sentiria o sr. António da Silveira?

– A paixão, aquém dos limites da honra.

À terceira resposta, desisti de compreendê-lo.

CAPÍTULO QUARTO

António da Silveira apresentou à prelada do convento dos Remédios, em Braga, a carta do doutor Francisco Simões de Alpedrinha. Reunidas em capítulo as venerabundas nonas, notáveis por sua velhice e experiência de astúcias do amor, deliberaram que se consultasse o doutor pelo correio antes de se dar o *exsequatur* à carta, que poderia, sem milagre, ser cavilosa.

Esperou, portanto, o magnânimo alferes que viesse pela posta o segundo aviso, como para ordem de saque monetário; e, a dizer verdade, que tesouro demanda aí maiores cautelas que a virtude de uma menina? Bem o entenderam as previstas religiosas de Nossa Senhora dos Remédios.

Albertina, confirmada a autenticidade da carta do pai, foi conduzida ao locutório pela sub-prioresa, cujos escrúpulos, superiores ao máximo elogio, a muito custo consentiram que a reclusa ficasse a só com o militar, mediante as duas cancelas de grades de bom ferro da Suécia, o qual bem sabiam elas que os mais ardentes suspiros não tinham podido derreter.

– Estranha visita é esta, sr^a D. Albertina – disse com a voz tremente o alferes.

– Estranha, sim – respondeu com afável serenidade a filha do doutor Negro –; mas visita muito agradável. Deus sabe quantas vezes eu tinha dito comigo: «Se o sr. Silveira fosse muito meu amigo, teria procurado notícias de sua irmã...»

– E quem lhe diz que eu não procurei? Decerto, não é o acaso que me traz aqui...

– Vem do Porto? – interrompeu ela.

– Sim, minha senhora, venho de casa de seu pai, e do cárcere do seu malfadado amigo.

– Vem?! – exclamou Albertina. – Como está ele?

– Ele quem? É por seu pai que me pergunta?

– Não, senhor; meu pai sei eu que está bom – tornou ela com hombridade e ironia.

– Está vingado; e a vingança, nas almas paternais como a dele, dá saúde e alegria. É por João Crisóstomo que eu tomo a liberdade de perguntar-lhe, já que V. S^a me falou dele.

– Falei-lhe dele – volveu Silveira desconsolado do tom de altivez, e menosprezo do pai, com que ela o desanimou em seus planos – porque o vi, e lhe avaliei a boa alma, e me condoí de tamanho e tão imerecido infortúnio. É preciso que a sr^a D. Albertina dê ao mundo e à sua consciência o testemunho de que estima João Crisóstomo.

– Pois não dei eu já o maior testemunho? Que outro querem de mim? Fugi de casa para ser esposa dele; tornei a fugir para o procurar na cadeia; vim arrastada a este cárcere, onde nem o chorar me é permitido, sem que a moral destas santas me não esprema no coração a esponja amarga da sua caridade!... Pois qual testemunho me falta dar?!

– O essencial. Desista de uni futuro, que não pode chegar por este caminho. João Crisóstomo está a cumprir a sentença de três anos de prisão, da qual lhe faltam trinta e quatro meses, mil e tantos dias, vinte e quatro mil e tantas horas de ferros, de vilipêndio, de pobreza, e de angústia, superiores à minha compreensão. Enquanto esta agonia se contorce lentamente na cadeia do Porto, outra não menos dolorosa aqui vai cortando os dias da sr^a D. Albertina. No fim de três anos, quem sabe se a sepultura de um ou de ambos se terá cerrado? Se o homem, que a menina ama, até lhe dar e aceitar por ele tamanhos suplícios, tiver morrido, peço-lhe me diga se algumas alegrias pelo futuro além a podem compensar dos desgostos que sofre e do pesar, senão remorso, de lhe ter feito a ele tão pesada a cruz?

– E a minha? – atalhou Albertina. – Pois ele imagina que eu sofro menos?

– Ele imagina que a senhora sofre muito, e não se queixa do que está sofrendo: apresso-me a dizê-lo; que não seja eu a involuntária causa de ser injusta e ingratamente arguido o corajoso moço. Eu disse-lhe que era honroso e necessário salvarem-se ambos, sem prejuízo do seu amor. Amem-se livres, assim como se amam encarcerados. Emprazem a sua felicidade para melhores dias, e não se estejam matando ou envelhecendo antes da hora oportuna do resgate. A liberdade alcançam-na com menor sacrifício do que este que fazem. Actualmente é impossível verem-se; até creio que é impossível cartear-se. Pois, se me aceitarem o meu parecer, a privação dos olhos será indemnizada com a liberdade do espírito; poderão corresponder-se; algum amigo lhe facilitará o ensejo; eu mesmo...

– Pois sim! – exclamou Albertina com transporte de esperança e ardente desejo de liberdade. – Como há-de ser isso?

– A menina escreve a seu pai; renuncia a casar-se com João Orisóstomo; e pede-lhe perdão. Seu pai, se me não enganam as bem fundadas esperanças, perdoa ao condenado, com a condição de que ele sairá da cadeia para se embarcar para o Brasil...

– Para o Brasil?! – interrompeu Albertina alvoroçada – para o Brasil! Um eterno adeus! a pior das mortes!... é isso o que de mim querem? Não! O mais atroz da agonia está passado. Morrer!... isso que tem?... Não quero!

António da Silveira de si para si perdeu a confiança nos seus recursos, quando se viu tão veemente e dramaticamente interrompido. Era isto um desanimar muito antes de tempo. Quem sabe alguma coisa do coração da mulher, está de sobreaviso nestes assomos da paixão. As pobrezinhas das criaturas, misto maravilhoso de valor e tibieza, não são nada do que parecem em semelhantes impulsos e desconcertos de juízo. O mais cordato, nestes lances, é deixá-las esvaziar o pequeno coração, que, a meu ver, desde Shakespeare, está definido no título de uma comédia dele: «Muito rumor para cousa nenhuma.»

Assim é; mas as pessoas inexperientes, como António da Silveira, ponderam a gravidade aparente de tais arrebatamentos, e ficam como tolhidas e inermes para rebater a frágil fortaleza da mulher assomada à imitação de Albertina.

Emudeceu o moço por algum tempo, o bastante para ela ajuizar do diplomata o mais acerbamente que podia ser. Entrou-lhe no ânimo a suspeita, convertida logo em evidência, de que ele, ferido da isenção com que vira encontradas as suas tentativas amorosas, guardara o despeito no escuro da alma vingativa. Aberta a ocasião para o desforço, tramaria ele, segundo a ruim esperteza de Albertina, matar a possibilidade de tornarem a ver-se os dois amantes. Sem tal estímulo, porque andada António da Silveira da casa do doutor para a cadeia, e da cadeia para o convento? «De mais a mais, pensava ela consigo, a coragem e afouteza com que eu lhe respondi, perturbou-o de tal modo, que não teve mais que me dissesse! Tem vergonha de ser tão de pronto entendido nos seus ignóbeis cálculos.»

Acabava ela de formar esta série de induções, até certo ponto naturais de um espírito desvairado, quando o alferes, tirando pelo ânimo da dor que o aturvava, redarguiu:

– A morte pouco é, minha senhora, quando a vida é cortada de desgraças e desdouros...

Desdouros! má palavra em tão má ocasião! Era confirmar a suspeita, se Albertina carecesse disso,

– Desdouros! – bradou ela. – Desdouros porquê?! Por amar um homem plebeu e honrado? Um homem que me tem tão pura no coração como na consciência?...

– Eu não disse tal, sr^a D. Albertina – atalhou Silveira com um sorriso de delicada bondade, que a alucinada menina pés logo à conta de expressão sardónica. – Desdouros

digo eu que o são as falsas apreciações da sociedade; o modo como é visto uni condenado sem amigos que o salvem, e sem o ouro que resgata a sentença dos maiores delitos. Desdouro de amar um homem plebeu! Não me faltaria valor para lhe dizer que o era, se plebeísmo fosse a explicação de algum procedimento vil! Sr^a D. Albertina, se há desgraça, sem desonra, desgraça que todo o homem de bem aceitaria das mãos da falsa justiça, é a de João Crisóstomo. Por isso mesmo é que eu, se pudesse, convenceria a senhora, que ainda pode orgulhar-se da pureza de sua consciência, a parar aquém dos limites da dignidade para si, e da dignidade para o preso. A posição de ambos, até aqui, foi uma luta nobre: a paixão justifica-os, porque saíram vencidos; mas sem mancha da luta. Porém, de hoje avante, o seu padecimento é um heroísmo que a sociedade reprova. As lágrimas de ambos comovem menos que as tribulações por que está passando seu pai, minha senhora. O velho chora, e o mundo respeita muito a dor do homem que diz: «Uma filha que eu amava até ao extremo, arrancou-se-me dos braços, e foi pedir às leis que esmagassem os direitos que eu tinha ao seu amor e obediência. Eu pensei vinte anos na sua felicidade, e ela...»

– Bem sei bem sei! – interrompeu Albertina com um sorriso de colérico motejo. – Compreendo... sei...

– Que sabe, minha senhora?! – perguntou António da Silveira, magoado da desconfiança que subitamente lhe feriu a nobre alma.

– Meu pai pensava em me dar urna felicidade, que não podia ser senão desventura para mim e para V. S^a – respondeu ela.

– A que vem o meu nome neste conflito? – replicou o moço. – Sr^a D. Albertina, por quem é, não me faça tão cedo arrepender de entrar num negócio de família, tão de vontade quanto um seu irmão poderia fazê-lo, minha senhora. Pois é crivei que a menina me julgue tão vil que eu venha aqui hipocritamente desatar uns vínculos que eu tenho na conta de indissolúveis? Então, é impraticável nenhum acordo entre nós: a má fé com que me está ouvindo infama todos os meus argumentos, ou pelos menos inutiliza-os.

– Pois que hei-de eu supor? – tornou Albertina. – Hei-de eu consentir que um infeliz, preso por amor de mim, seja posto em liberdade, com a condição de ir morrer ao Brasil donde veio, porque não podia lá viver?... Cuida V. S^a que ele aceitaria a liberdade com tal condição?

– Aceitaria.

– Como? Já o sabe! ? – volveu Albertina precipitadamente. – É ele que a pede?

– Não, minha senhora, fui eu que lhe lembrei a conveniência de tal passo. João Crisóstomo respondeu que faria o que a sr^a D. Albertina quisesse.

– Estará ele cansado de sofrer! ? – redarguiu ela com azedume.

– Não mo disse, nem levemente mo deu a perceber; mas é possível que esteja descontente da sua sorte – respondeu Silveira.

– E a minha é afortunada?

– Voltamos ao principio do nosso diálogo, minha senhora. A sorte de ambos é desgraçadíssima: cumpria remediá-la com a esperança; pôr termo a um sofrimento que não oferece nenhuma.

– E a morte é uma esperança?

– É sim, minha senhora, quando se morre com uma consciência tranquila.

– É o que me cá dizem as freiras... – tornou Albertina sorrindo.

– Se as freiras lho dizem assim, não são isto palavras que devam ser motejadas, minha senhora; porém, faia V. Ex^a na morte, como se o morrer fosse cousa muito fácil, quando as doenças são do espírito...

Albertina fez um gesto de enfado e cansaço. António da Silveira, com tamanha

alma e paciência, sentiu neste momento o fastio que nos causam os despropósitos, ainda mesmo quando a compaixão nos pede a favor do ânimo conturbado. Já em pé, em acção de despedir-se, falou assim:

– Minha senhora, o homem próprio para este lugar, e com esta missão, devia de ter cabelos brancos, nome autorizado, e palavras mais tocantes. Eu vim aqui, forte de uma rectidão de intenções, que se não preocuparam a considerar o que a ,sr^a D. Albertina julgaria de mim. Aqui me confesso, minha senhora. Está Deus entre nós: se eu minto, permita Ele que V. Ex^a veja em cada expressão de minha boca um refalsamento do coração. Amei-a com todo o peito, e benquerença que se pode. Foi V. Ex^a a primeira mulher que os olhos de minha alma viram. Levei-a em espírito às suaves solidões da aldeia onde nasci, e imaginei quadros de unia felicidade tão ingénua, e abençoável em Deus, que cheguei a crer na impossibilidade de renascer para mim um amor semelhante. Este, que era o meu único sentido de viver, quando me cumpria guardar a vida das balas, está hoje morto, às mãos da honra. Se ele sobrevivesse à esperança, decerto não estava eu aqui. É natural que eu lhe fugisse para esquecê-la... sem odiá-la, porque o meu ódio seria um vilíssimo sentimento. Do que eu de todo em todo, minha senhora, me julgo incapaz é de vir solicitar, por cavilosas artes, o seu coração. Se o absurdo da alma humana fizesse a maravilha de propender hoje o espírito de V. Ex^a para mim, aqui lhe dou minha fé e palavra que o rejeitaria, não por soberba, mas por decoro de minha consciência, debaixo da qual farei que expirem abafadas as paixões que quiserem triunfar dela. Continuo a confessar-me, sr^a D. Albertina, que o seu sorriso de incredulidade não me enleia, nem me despersuade do convencimento de uma virtude. Na minha alma nasceram juntos dois sentimentos: o da amizade e o do amor. Ficou o primeiro, que era o mais desinteressado; o que mais de sua vida própria se nutrirá. Penso que o amor, sem a estima, se converte em ódio, quando o ciúme o degenera. A estima sente com grandíssima angústia o perdimento do amor; mas subsiste e permanece. A mulher amada perdeu-se: ficou a irmã. O coração que eu amava não podia ser meu? Embora: fique-me o espírito da mulher, que precisa de uma voz amiga, de um braço afectuoso para descaminhá-la do mau atalho, por onde ela quis ir ao encontro da boa fortuna, que somente vem para nós por estrada chã e desassombrada. É o que eu quis ser para a sr^a D. Albertina: e a vingança que eu quis tirar da sua lealdade ao homem que lhe dominava o coração. Será isto amor, e não amizade? Estarei eu cobrindo com um véu diáfano a alma para que V. Ex^a ma veja, ou sinta curiosidade de vê-la? Por minha honra, lhe assevero que não. Dito isto, é tempo de concluir com um conselho. Cumpria dar força à admoestação, rasgando em bocados a cortina com que V. Ex^a cuidaria esconder-se à mais ridícula e baixa astúcia. O conselho são três palavras: Obedeça a seu pai; escreva-lhe constrangida se o não pode fazer espontaneamente; arranque-lhe o perdão de João Crisóstomo; deixe-o ir morrer ao Brasil, se entende que é inevitável a morte dele no Brasil: antes a morte lá, que a vida num cárcere, três anos de exclusão da sociedade, ao fim dos quais não terá amigos, se tiver vida, vida que depois lhe há-de ir sempre de rojo por entre os homens, admiradores da coragem, mas desprezadores dos que a tiveram onde é maior prova de nobreza de alma o sucumbir. Se João Crisóstomo morrer na cadeia, o mundo dirá: «Afinal o honrado moço caiu sob o peso da sua angústia»; se ele resistir aos três anos de prisão, e sair livre de rosto erguido com ares de vitorioso, o mundo dirá: «Se ele tivesse vergonha, tinha morrido na cadeia». De maneira que o heroísmo de duas pessoas que se amam, na situação de V. Ex^a e do condenado, é uma pertinácia doida, que perde no contraste da opinião pública o seu fino quilate moral, e corre com o nome de desatino, quando se não chama desmoralização ou despejo. Peço, por último, a V. Ex^a perdão da prolixidade destas razões, e recebo as suas ordens.

Albertina, que já também se havia erguido, fez uma silenciosa mesura de cabeça.

António da Silveira, violentando-se, tornou:

– Não tem que me diga, minha senhora?

– Quase nada – respondeu Albertina. – V. S^a falou-me muito em mundo, e sociedade e opinião pública. Eu não devo nada ao mundo. Estou desgraçada bastante para que a sociedade se lembre de mim. Eu não desisto de ser esposa de João Crisóstomo. Jurei-o a Deus...

– Jurou-o a Deus! – atalhou Silveira. – Deus não aceita juramentos tais, nem impõe responsabilidade a quem os jura.

– Assim será: jurei-o a mim própria. Sairei daqui morta, se não posso ser esposa do desgraçado que o mundo há-de desprezar. Ele não tem mais ninguém no mundo: sou eu quem o ampara; e a nós ambos, tão desamparados, quem nos sustenta é a esperança, o tempo.

– No entanto – voltou António da Silveira –, se a sr^a D. Albertina mudar alguma vez de sentimentos, lembra-se de mim, que eu irei onde as suas ordens me mandarem. Daqui volto à minha aldeia com alguns meses de licença; e, provavelmente, lá ficarei, se conseguir a minha desligação do exército.

Albertina embebeu as lágrimas no lenço, e murmurou soluçando:

– Parece-me que nos não veremos mais...

Silveira deteve-se a responder, abalado pelas lágrimas inesperadas. Quando ia a balbuciar resposta, Albertina saiu da grade.

Parece que o mal compreendido moço ainda tinha recanto de coração em que as lágrimas de Albertina caíram!

Esta observação fez eu ao velho António da Silveira, e ele respondeu-me:

– Se tinha recanto de coração!... Não tinha... O coração inteiro estava cheio das minhas lágrimas.

Queria dizer o mesmo, ao que me parece e penso da linguagem figurativa dos que amam.

CAPÍTULO QUINTO

António da Silveira procurou o doutor Negro, e disse-lhe:

– A sr^a D. Albertina é um coração extraordinário: espera triunfar pela morte, e contra estas vitórias não há forças humanas.

– Pois morrerá! – disse o doutor, batendo com ambos os punhos sobre a sonora capa de um Digesto.

– E não seria melhor que ela vivesse, meu bom amigo? – tornou Silveira. – Eu acho duro de mais o seu rancor!;

– E eu acho incivil de mais a sua reprimenda, sr. Silveira! – bradou Francisco Simões assanhado.

– Peço perdão: excedi-me; desculpe-mo à tristeza com que saí da grade do convento.

– E não o entristece a minha desgraça, a minha vergonha, o perdimento da minha inteligência, a pobreza iminente, a morte próxima? Não vê que eu deixo aí uma viúva desprezada dos seus parentes, porque é minha mulher, e uma... uma filha amaldiçoada, sem protecção de ninguém, repelida talvez desse mesmo vilão que aí está preso? Isto não o compadece, ar. Silveira?

– Compunge-me deveras – respondeu o moço, com os olhos afogados em lágrimas. – E, na intenção de salvar-se a vida preciosa de V. S^a, é que eu...

– Me aconselhava a dar minha filha ao miserável... – atalhou concentrado iradamente o doutor.

– Aconselhar, não ousar tanto... Pedia-o em nome da sua filha querida e única, é ela que de joelhos lho está rogando...

– É falso! – bradou ele – é falso! Essa mulher não ajoelha, nem suplica. É a mais soberba malvadez que eu tenho visto! Depois que voltou para casa, encerrou-se no seu quarto, e cinco dias aqueles dentes cerrados não receberam alimento, nem deixaram sair uma única palavra em resposta aos meus queixumes, que terminavam em rogos. Desistiu da ideia de morrer à fome, quando se resolveu a despenhar-se em mais negra voragem de opróbrio! Quando a fiz capturar nas escadas da Relação, sabe o senhor o que ela disse aos meirinhos? Ouça isto:

«Se me levam a casa, não-de entrar com um cadáver à presença de meu pai! » Fui avisado e tive de pô-la a caminho imediatamente para Braga, e mandar adiante preparar-lhe uma cela no convento. Nunca me escreveu; apenas responde às cartas da mãe nuns termos tão secos e altaneiros que parece escrever dentre as regalias de uma opulência sobranceira à baixeza de sua família! Como vem V. S^a dizer-me que minha filha me pede de joelhos?... O sr. Silveira tem o sestro de ser inexacto, porque é extremamente piedoso!... Uma hora, condena-se para a salvar; outra hora... É um bom moço, sr. Silveira!... é o senhor um coração admirável! – disse afectuosamente o doutor, apertando-lhe a mão. – Meu amigo, está inocente de mais para lidar com este mundo. Fuja destas úlceras. Vá para a sua aldeia, e esqueça-se de que saiu de lá. Guarde esse óptimo tesouro para uma mulher que lhe há-de lá ir ter guiada pela mão do seu anjo bom. Se tiver filhas, não passe com elas os limites da sua pequena área. Não lhes diga mesmo que conheceu uma desgraçada desobediente a seu pai. Não as eduque. Ignorância, que é a virtude; estupidez, que é a felicidade. Trevas, trevas, meu amigo; que toda a luz de entendimento é uma fásca do inferno. A perversidade nasceu com a ciência da primeira mulher. Acreditemos a Bíblia, que esta verdade é uma grande verdade, porque é atroz, porque é a história, porque é o exemplo de todos os dias, a serpente hedionda, que envolve todos os séculos com as suas roscas, e revessa golfos de peçonha no seio de

cada família onde aparece urna mulher mais alumiada que o vulgo.

Quis António da Silveira induzir deste arrazoado uns longes de turvamento intelectual. Não contrariou a torrente, que rebentava do peito arquejante do velho. Deixou-o declamar longo tempo frases desatadas e assim mesmo eloquentes. O final da expansiva declamação fechou nestas palavras:

– Minha filha há-de ser muito desgraçada, ainda mesmo que o homem que ma roubou venha a ser seu marido, e a felicidade mentirosa lhes dê a efêmera embriaguez do crime satisfeito. Eu morrerei, sem a ter visto no último degrau da miséria; mas V. S^a viverá para lembrar-se das derradeiras palavras proferidas pelo velho que chora em suas mãos.

António da Silveira, antes de sair do Porto para Trás-os-Montes, foi à cadeia: era a última tentativa.

Contou a João Crisóstomo o que devia contar, tendo em vista movê-lo a ser ele quem propriamente desvanecesse Albertina de esperanças irrealizáveis. O preso escutou-o, sem interrompê-lo, e disse sossegadamente:

– Se eu me visse a braços com a tentação de dizer à sr^a D. Albertina que me deixasse ser feliz, lastimar-me-ia de ter bastantes crenças religiosas para não tentar contra a sua vida; mas, com todo o fervor da oração de um desgraçado, em risco de ser infame, pediria a Deus que me matasse. É o que posso responder a V. S^a, agradecendo-lhe infinitamente o zelo e caridade com que tem procurado melhorar a minha situação, e asseverando-lhe que ela é menos dolorosa do que se afigura às pessoas a quem aflige o meu padecimento.

António da Silveira, ao despedir-se, inclinou a cabeça diante do condenado, e disse entre si: «Ele é digno dela».

Partiu para a sua terra, com promessa de ser informado da sucessão dos acontecimentos, por um cavalheiro, amigo de Francisco Simões de Alpedrinha.

Poucos dias depois, algumas pessoas, obrigadas ao doutor Negro, planejaram, a ocultas dele, remover de Portugal o preso, oferecendo-lhe avultosa quantia de dinheiro, com que ele pudesse estabelecer-se no Brasil. A condescendência do condenado davam-na já como certa, e contavam com o perdão do doutor Negro, essencial ao projecto..

O encarregado de propor o negócio ao preso era um pai de meninas galantes, e bem casadas, o qual no prefácio que fez ao oferecer-se para semelhante missão, disse isto, entre outras coisas comprovativas da sua esperteza:

– Duas de minhas filhas tiveram tendência para petimetres que tafulavam miraculosamente, e vestiam de bom lemiste. Um tinha o avô a bater sola, e o pai era frade borra, O da outra era mestre de dança e tocava flautim numa música de capela. Vejam V. S^a a que está sujeito um homem de bem que tem duas filhas sem juízo! Cuidam, porém, V. S^a que eu tranquei as janelas, ou preveni as justiças contra a anunciada tentativa de rapto? Não, senhores. A grande habilidade, neste covil de ladrões, chamado *mundo*, conforme o dizer de Tomé Pinheiro da Veiga, na dedicatória da sua *Arte de furtar*, a grande habilidade, repito, não é ganhar: é saber perder a tempo. Que fiz eu, pois? V. S.^{as}, vão ficar espantados! Perdi o amor a quatro mil cruzados, que reparti pelos dois mariolas. Um foi receber os seus dois a Madrid; e o outro a quota parte a Barcelona, onde eu tinha correspondente. Assim que eles partiram, chamei as raparigas, e disse-lhes, textuais palavras, o seguinte: «Meninas antes de ontem cada urna de vossas mercês tinha doze mil cruzados de dote para se casarem com pessoas da minha eleição. Ora, ontem, como eu soubesse que vossas mercês se decidiram a amar dois sevandijas, um que vivia do convento onde o pai frade lhe arrebanhava o bocado, e outro que vivia de ensinar o minuete e de flautear nas igrejas, tomei a meu encargo paternal livrar a vossas mercês destes canalhas, mediante a quantia de quatro mil cru-

zados, com que eles se acomodaram e desistiram das suas pessoas de vossas mercês, indo-se em boa paz e muito contentes da veniaga por esse mundo além. Saibam agora as minhas filhas que o dote de cada uma fica sendo de dez mil cruzados, porque é justo que paguem da sua algibeira o muito que lucraram com verem-se livres de tais patifes. Saibam agora mais as minhas filhas que eu, como bom pai e bom administrador dos seus dotes, estou resolvido a continuar nestas negociações, todas as vezes que vossas mercês de seu moto próprio escolherem maridos. O resultado disto será as meninas ficarem, neste andar, tão pobres, que afinal não possam escolher em ninguém. Pensem, e façam o que for da sua vontade.» Disse, e deixei-as a pensar. Ora, senhores, façam V. S.^{as} ideia que passaram três anos sem que me soasse a mais leve desconfiança de que minhas filhas doidejassem na janela ou na missa! Quando entendi em casá-las convenientemente, achei-as macias como uma luva. Lá estão casadas, cada uma com o seu dote de dez mil cruzados. Os dois ainda estão a render juízo para as minhas netas, o juro do juízo que é trezentos por um, porque minhas filhas já sabem como se faz ou refaz o miolo que não existe, ou o miolo que requer reformação.

Foi muito festejado dos auditores o conto, que até àquela hora fora um segredo, segredo que denota ainda a exemplar esperteza do narrador; que o divulgá-lo, antes de se casarem as meninas, seria desaire delas, e estorvos a maridos superciliosos.

Havia muito a esperar deste ladino engenho. Os amigos do doutor (clientes dele, temerosos da perda de tão bom patrono...) fintaram-se em quantias que somavam bons seis mil cruzados.

– Com esta quantia – exclamava o sujeito astuto em compras de corações amantes –, dou desde já como feito o negócio. Cada real efigie de cada peça de 6\$400 tem uma boca eloquente a advogar a causa da justiça.

Isto dito, com muito júbilo exterior dos ouvintes, e com secreto pesar de se sacrificarem tão liberalmente ao doutor, o comissionado partiu para a cadeia.

Foi João Crisóstomo chamado à sala do carcereiro, onde era esperado de pessoa grave.

Achou-se o preso em presença do seu já conhecido amigo do doutor, o sr. Costa Silva, o qual começou assim:

– Venha cá, sente-se ao pé de mim, sr. João... Rapaziadas, rapaziadas! – continuou, acentuando silabicamente as palavras com ridente aspecto, e batendo-lhe palmadas na perna – O coração é o demónio, sr. João!... Se a gente, quando chega aos dezoito anos, pudesse tirar isto do peito como quem tira um lobinho do espinhaço, outro galo nos cantara!... Eu, na sua idade, sr. João, o que me valeu foi ter um pai que me trazia com cabeções; senão as asneiras haviam de ser tantas como os gafanhotos da praga. As mulheres, as mulheres, sr. João! Esta cruel metade do homem dispensava-se bem, se o Criador tivesse feito de uma assentada o homem inteiro. Por causa delas diz a história que se têm perdido nações. Que admira que se perca um homem por maior que seja o seu tino e por mais cristãos que sejam os seus costumes! Até os santos têm estado a pique de se perderem, e eu, creio até que alguns se perderam por amor delas. O próprio S. João Crisóstomo (que exemplo este! de mais a mais é o santo do seu nome!) viu-se em apertos no deserto com saudades delas, e confessa que foi o que mais lhe custou a deixar! O sr. João perdeu-se por causa de uma; está ainda em tempo de se recobrar, de voltar ao bom caminho, e fazer-se homem útil a si e à sociedade. Vamos, pois, sr. João a pensar no modo sairmos destes apuros, destes sujus becos à estrada real, limpa, e honrada. Está vossemecê por isto, sr. João?

O preso respondeu:

– Ouvi-lo-ei, sr. Costa Silva, com respeitosa atenção, pedindo, primeiro, licença para lhe emendar a frase dos *becos sujus*. Eu não me considero tão enlameado quanto V.

S^a tem a caridade de me julgar.

– Isto é um modo de falar por figura – replicou o sr. Costa. – Sabe que há uns modos de falar...

– Sim senhor: agora entendi a intenção de V. S^a, queira perdoar a interrupção.

O negociador sentiu-se algum tanto embotado de engenho, por causa destas pacíficas e serenas reflexões do preso. Parece que o sr. Costa não tinha cabal conhecimento da pessoa sobre quem ia exercer a pressão do seu talento, coadjuvado pela compressão dos seis mil cruzados. Não obstante, refez-se de confiança em si e no dinheiro, e prosseguiu, mareando noutro rumo.

– Sr. João Crisóstomo, eu sempre ouvi dizer que vossemecê tinha habilidade e estudos; e agora vejo que a opinião pública lhe não fazia favor nenhum.

– Muito obrigado; é à bondade de V. S^a que devo essa graça – disse o preso, rebufando habilmente a ironia.

– Eu costumo dizer o que sinto: se vossemecê fosse um pateta, dizia-lho também. *Amicus Plato, sed...* O sr. João sabe latim?

– Não, senhor, não sei latim. Fui lavrador, depois moço de carregar numa loja de molhados no Rio de Janeiro, depois voltei à lavoura; melhorei na vida de amanuense, onde aprendi um pouquinho de francês, e pouco mais.

– Pois aproveitou muito, e está em tempo de aproveitar o que lhe falta. O latim é a língua de Cícero, e Cícero é o meu homem. Eu queria ser Cícero, palavra de honra, com a condição mesmamente de perder a cabeça. O sr. João, sabe o seu bocado de História... Há-de estar certo da passagem em que o preclaro orador foi degolado...

– Sim, senhor, recorde-me...

– Pois Cícero dizia em latim: *Negligere quid de se quis que sentiat, non solum arrogantis est, sed etiam omnino dissoluti*; o que em português quer dizer: *Somente o homem despejada e dissoluto despreza o conceito que a saciedade faz dele*. O discurso, que eu venho fazer ao sr. João, bem agourado vai começando pelas citadas palavras do divino Cícero. Já vossemecê sabe onde eu quero chegar.

– Ainda não – disse o preso.

– Pois então aí vou direito à matéria. Um pai é, abaixo de Deus, o que há mais venerando e sacritíssimo para um filho. A um pai devemos a vida, os bens, e a liberdade: *vita, patrimonium, libertas*, como diz Cícero. Este mesmo insigne filósofo diz mais: que toda a paciência em sofrermos o alvedrio dos pais, ainda mesmo as injúrias, *parentum injurias*, lhes é devida: *aequo animo ferre oportet*; e, se me dá atenção, dir-lhe-ei mais, como Cícero, que é máximo crime faltar com a obediência aos pais: *Peccatum est parentes violare*.

João Crisóstomo sorriu do tom enfático e pedagógico do sr. Januário Costa Silva, que, antes de casar com urna herdeira rica, havia exercitado as dignas funções de professor de retórica em Braga, donde era natural.

Enlevado da própria música do seu dizer, quase esquecido da retórica dos seis mil cruzados, o ex-professor fez praça de outras citações. e concluiu deste teor:

– É preciso sair daqui, sr. João. O corpo humano não tolera uma tal estagnação, deixe-me assim dizer. O movimento é a vida. *Exercendum est corpus*, como diz Cícero no *I. de Officiis*. Venho aqui dizer-lhe com a consolação de uma alma que se condói dos infortúnios alheios, que estes ferrolhos se lhe abrem, e que o mundo está pronto a recebê-lo, contanto que o sr. João queira ir residir por algum tempo no novo mundo.

– No novo, ou no outro? – atalhou João Crisóstomo sofrendo mal o tom da galhofa.

– Pergunta-me isso a rir?! – interrogou o amante de Cícero, avincando a frente.

– Respondo com seriedade para desistirmos, V. S^a da sua latinidade, e eu dos

meus sorrisos – acudiu prestamente João Crisóstomo. – Vem V. S^a tratar uma questão estafada. É o quarto amigo do sr. doutor Alpedrinha a quem respondo que a minha sentença é de prisão e não de degredo. Se o sr. doutor Alpedrinha me queria na África, na Índia, ou no Brasil, empregasse um pouco mais da sua influência: quem me deu três anos de prisão poderia com igual consciência dar-me degredo perpétuo. Eu não emendo agora os descuidos do sr. doutor. Estou aqui: daqui sairei cumprida a sentença.

– Mas se morrer antes?! – atalhou o retórico.

– Se morrer antes... – volveu o preso, sorrindo – parece-lhe a V. S^a que ficarei na cadeia, cumprida a sentença? Que diz Cícero a este respeito?

– Vossemecê zomba de mim? –perguntou, rubro de lacre até às orelhas, o sr. Costa Silva.

– Não, senhor: é de mim que zombo; e recebo as suas ordens, para me retirar, que as minhas horas estão todas hipotecadas à minha subsistência..

– Espere, e atenda! – tornou o desarvorado negociador.

– Queira dizer V. S^a.

– Olhe que tem a liberdade, e... ouça bem... e... chegue-se mais perto que as paredes têm ouvidos.

João aproximou-se, e o sr. Costa continuou com voz cavernosa e um tanto assustada:

– Tem a liberdade e seis mil cruzados em moedas de ouro!

João mediu dos pés à cabeça o sujeito, fez-se lívido, mordeu o beiço inferior e disse:

– A sua cabeça está branca, sr. Costa. É forçoso respeitar um homem que é pai, porque eu há dias que choro com pesar de não ter obedecido ao meu. Se eu vivesse no trabalho dos campos onde nasci, ninguém me faria tão aviltante proposta. Sou menos infame, senhor.

E saiu logo da sala para entrar no seu quarto.

O interlocutor saiu também limpando as camarinhas do suor.

A esperteza, e a retórica, e Cícero sofreram uma derrota na pessoa do sr. Januário Costa e Silva. O soldado escapadiço das Termópilas, ao anunciar a morte de Leónidas e dos trezentos bravos, ia menos amarelo que o intérprete de Quintiliano, quando foi dar conta da sua missão aos amigos do doutor Negro reunidos no Passeio das Virtudes. Destes houve tal que também perdeu a cor, abalado pelo júbilo de ser desnecessário o sacrifício do dinheiro. No entanto, a um tempo prorromperam todos em injúrias desbragadas contra o preso, cuja infâmia os pusera em assombro grande, a infâmia de resistir a seis mil cruzados!

CAPÍTULO SEXTO

Excepto António da Silveira, nenhum alvitreiro de recursos pensava já no infortúnio do doutor Negro, depois da severa lição imposta ao agente que se fora à luta com o peito tresdobrado de aço, *oes triplex*, a eloquência própria, a eloquência de Cícero, e a eloquência das reais efígies das peças.

António da Silveira, porém, sabedor do infausto êxito da mal aconselhada empresa, lembrou que fossem a Vairão, e trouxessem o pai do preso à cadeia, e de casa do doutor levassem ao convento a mãe da reclusa, e esperassem muito, assim da autoridade do velho, como das lágrimas da consternada senhora. O lavrador, solicitado para ir à Relação, respondeu que não tinha tal filho, e aplaudiu as justas leis que lho tinham condenado, visto que ele roubara a filha do seu protector. A mãe de Albertina pediu licença ao marido para ir ao convento, e o doutor respondeu que não tinha filha nenhuma, nem consentia que sua mulher a tivesse.

No homem rústico de Vairão a crueza procedia da má índole; da resistência do doutor havemos de inferir que a muita dor o ia dementando. Vieram a igualar-se assim dois ânimos, entre os quais se interpunha a barreira enorme da ignorância: é certo que as paixões dão resultados uniformes nas almas de todo o ponto dissemelhantes.

Não havia mais que fazer. Os amigos do doutor cuidaram cada qual da sua vida; e, avisados pelo exemplo, os que tinham filhas, trancaram mais a seguro as portas e janelas. O antigo mestre da arte de falar bem, ainda uma vez, foi a casa do doutor, declamar algumas sentenças de Cícero, não menos consoladoras que esta: *Summa est stultitia frustra confici dolore, cum intelligas nihil posse profici*. Queria dizer o atrabiliário latinista que «o sumo da tolice é atormentar-se a gente em querer remediar o que não tem remédio». O doutor Negro repeliu a máxima do orador pagão como tinha repellido os ditames de Jesus, todos caridade e indulgência, insinuados em repetidas cartas de António da Silveira, para quem o casarem-se os dois infelizes era já a única saída honrada e plausível.

Volvidos poucos meses, esquecera tudo. João Crisóstomo lá estava contando o tempo da sua sentença. Albertina, conformada com a tristeza do convento, admirava-se da resignação com que a Providência equilibra as forças humanas com o peso das grandes desgraças. Vivia, e espantava-se de viver.

O doutor Francisco Simões de Alpedrinha, depois de um ano de inactividade e atrofia intelectual, voltou ao trabalho do foro.

Acudiram novamente os clientes; porém, observou-se que a palavra do doutor Negro era emperrada, frouxa, desluzida do antigo brilho. Breves clarões relampejavam nos seus discursos: isto fazia mais sensível a confusão e escuridade das suas ideias depois das raras intermitências luminosas. A espaços, ficava-se num mutismo e introversão da alma que fazia dó. Então se lhe carregavam de lágrimas os olhos; e quem assim o via mal saberia dizer se o quebrado velho chorava de saudoso da filha, se da perda do seu talento. Ambas as dores seriam, e a perspectiva da pobreza com elas.

Há um médico celestial, que Deus põe à beira de cada enfermo das doenças perigosas do espírito: não médico, antes anjo deverei chamar-lhe, anjo que sustém nas mãos candidíssimas a urna dos bálsamos, colhidos nas flores do Evangelho. É o TRABALHO.

A trabalhar, nas horas disputadas à sua inquieta angústia, a pouco e pouco alvoreceu o dia esplêndido daquele engenho escurecido. O doutor reconheceu-se na virilidade do seu talento, quando foi defender uma suposta infanticida. A eloquência com que ele demonstrou a impossibilidade de uma mãe matar seu filho, no momento em

que ele se lhe encosta ao seio a procurar o primeiro sorvo de alimento, arrancou tais lágrimas, e tão fundos gemidos do coração da ré, que o juiz e os espectadores viram a inocência onde talvez estivesse o remorso. Foi a mulher absoluta, e os créditos do doutor Negro restaurados. Este triunfo alegrou-o, consolou-o, coloriu-lhe o ar da vida com uns matizes que se desbotam aos olhos de quem sente afogar-se nas mãos da desgraça.

O trabalho também era o esteio de João Crisóstomo. Por pouquíssimas moedas de cobre copiava sentença e notas, desde que lhe desferrolhavam a janela do seu quarto, até ao anoitecer. O tempo que perdia a alimentar-se era tão breve como o alimento. Os lucros não lhe davam para a luz artificial.

O trabalho era ainda o amparo de Albertina, que aceitava obras de pouco ou muito estipêndio, como costuras grosseiras, ou bordados a cabelo e renda de bilros: todas as tarefas aceitava para que nenhuma hora o coração a encontrasse desocupada.

Com o andar do tempo, amoleceram as durezas das religiosas dos Remédios. Davam já mais largas à reclusa, e esqueciam-se de vigiá-la. Como a viam tranquila e afreimada em seus labores, entendiam avisadamente que as tentações do demónio dificilmente pegam da pessoa laboriosa: é por isso, diziam as senhoras lidas em vidas de santos, que os anacoretas faziam cestos de vime no deserto, impenetráveis escudos, e não cestos, contra as frechadas de Satanás.

Albertina podia já ir sozinha ao parlatório tratar com as pessoas que lhe davam obras. Algumas senhoras bracarenses, sabedoras e compadecidas da triste sorte da reclusa, quiseram conhecê-la, e procuraram-na, sob cor de lhe encomendarem bordados. Entre estas deparou-se a Albertina uma dama de bom nome – e não *dama* no sentido em que a tomavam alguns dos nossos clássicos – a qual, mais que nenhuma outra, lhe deu azo a falar de suas melancolias e desventuras. Com a repetição das insuspeitas visitas nasceu e cresceu a tanto a confiança, que, em breve tempo, as duas senhoras se estimaram, quanto era possível, para que a de fora se encarregasse de enviar as cartas de Albertina ao preso, e as do preso à sua amiga.

Estabeleceu-se a correspondência, depois de dezenove meses de se não poderem trocar duas palavras de esperança e alento. Deviam de amar-se muito para resistirem à ausência, que as mais impetuosas e robustas paixões desfaz. A ausência, só por si, tem feito, neste género de enfermidades, curas milagrosas; então, que milagres não fará a ausência com o silêncio? Pois aí estão dois exemplos de almas de têmpera rija, não sei se para bem, se para mal; admiráveis porém.

Albertina andou mal acutelada na sua felicidade; deixou-se adivinhar na alegria que lhe saía aos olhos, à cor, e ao sorriso. As freiras leram-lhe no rosto o pecado do coração, e lançaram espias no campo do demónio tentador. Mais por aqui, mais por ali, umas probabilidades abriram brecha às outras, e a mais ladina ou inspirada das virtuosas olheiras pôs o dedo na ferida. À dama generosa foi logo denegada a entrada à grade, e Albertina proibida de ir ao locutório. E mais não havia ainda a certeza de existirem cartas! A preventiva é a melhor das medicinas. Bem hajam as freiras que punham o cautério à carne sã para evitar a podridão da chaga, que poderia aparecer.

Foi avisado o doutor Alpedrinha das suspeitas e severidades subsequentes com que se houberam as religiosas. O doutor lançou inculcas, e soube que João Crisóstomo havia recebido cartas carimbadas em Braga, por espaço de oito semanas. Aprovou logo plenamente o procedimento das freiras, louvando-lho com encarecidos termos de gratidão, e autorizando-as a tudo que redundasse em benefício da sua honra dele, e dignidade de sua filha.

Seguiram-se meses de infável desesperação para os dois presos. A amiga de Albertina prevenira João Crisóstomo, devolvendo-lhe as duas últimas cartas que já não pudera entregar à presa; a boa protectora destes infelizes mostrava-se pesarosa de ter

motivado uma correspondência que os acordara da letargia para os despenhar no inferno.

Este pesar, que a martelava de contínuo, sugeria-lhe ideias de remediar o mal com um mal semelhante: nenhuma era de aproveitar; todos os alvitres lhe saem desarrazoados. Queixava-se ela, um dia, de ser parte no infortúnio da desgraçada Albertina, em presença de cavalheiros e senhoras que frequentavam sua casa. Um dos cavalheiros, sujeito de anos e cabelos grisalhos, ouvindo-a comovido, aceitou como justa a censura ao cru despotismo das madres anciãs do convento, e disse:

– Eu farei alguma coisa no sentido de desoprimir V. Era do seu remorso.

No dia seguinte, quem tal diria! voltou o cavalheiro, e disse:

– Pode V. Ex^a ir à grade⁴ quando quiser: mas leve tinteiro e papel: porque a sua amiga está proibida de ter estes instrumentos do pecado na cela.

E, de feito, a senhora foi ao convento, deu-se-lhe grade, esteve com Albertina, esperou que ela escrevesse a João Crisóstomo, e ficou de voltar na semana seguinte, que assim lho prescrevera o cavalheiro agente deste sucesso estranho, que merece explicação.

Fora o caso que, trinta anos antes, a prelada do mosteiro tinha sido nova e bela; e o sujeito dos cabelos brancos fora então um moço de cabelos negros, e muito dado aos inocentes colóquios dos conventos. Estas duas pessoas amaram-se, com a pureza costumada em tais amores, por espaço de quinze anos; depois, separaram-se, ele para casar, e ela para restituir ao divino esposo alguns grãos de incenso que, por descuido de esposa nova e galante, haviam saído fora do turbulo. Depois da separação, ficaram ainda amigos; que esta vantagem têm de si os affectos imaculados, que vão pela vida além vaporando sempre gratos aromas.

Portanto, foi o cavalheiro ao convento, chamou a digna prelada, e exordiando na pontaria do assunto, falou delicadamente no passado. A velhinha, escutando-o, poderia dizer como Dido à sua irmã Aninhas:

Reconheço os sinais da antiga chama

Assim o dava a entender do ar de melancólica saudade com que expediu do peito um ai trémulo, o qual ai bem poderia ser gemido de contrita, se é que amor tão sem nódoa estava no caso de dar penas a quem o sentira.

Depois do exórdio, seguiu-se o discurso.

O cavalheiro descreveu as paixões contrariadas num tom plangitivo. Embebeu uma lágrima por hipótese no lenço, e fez que engolia outra num soluço. Bem sabia ele que vantagem vai em seguir o preceito de Horácio: «Se queres que eu chore, chora tu primeiro. A prelada provou que o poeta romano entendia bastante do coração da gente. Chorou. A ocasião era aquela. O cavalheiro, cujo nome, a meu pesar, não sei, nem já agora o saberá a história, assim que a viu chorar, aproveitou o chuveiro das lágrimas para atirar a semente da sua doutrina ao coração já montesinho da sexagenária senhora. Pintou a tortura infligida por um pai tirano à mísera Albertina; fez duas visagens sinistras ao descrever os horrores da cadeia, em que se contorcia o moço traspassado das mil lanças dum amor imenso em noite infinita, sem alva de esperança. A religiosa deu um testemunho de sua muita sensibilidade, desmaiando quase, ouvidas estas palavras do cavalheiro:

– São duas mortes que faz a lei, mediante dois algozes. Na Relação do Porto há um carcereiro que diz à vítima: «Aí morrerás!» No convento dos Remédios de Braga, é a virtuosa prelada, que diz à reclusa: «Morre aí abafada, mulher, que amas, como eu amei; mulher, que fizeste o que eu faria, se não tivesse deposto a minha liberdade aos

pés da cruz!»

Palavras que a fulminaram!

Ao assomar-se do seu letargo, a prelada murmurou:

– Que hei-de eu fazer-lhe, que me não desavenha com Deus?

– Faça o que V. Ex^a quieria que lhe fizessem: o preceito divino é este. Consinta-lhe que ela seja visitada pela sua amiga expulsa brutalmente – peço perdão do termo – expulsa destas grades com uma incivilidade desacostumada nesta casa.

– Pois que venha – atalhou a religiosa – e Deus se digne perdoar-me, se me desvio dos meus deveres.

– Albertina – redarguiu o triunfador do coração empedernido – nunca sairá dos deveres nem se fará digna de que V. Ex^a lhe imponha os seus como prelada.

E o mais que disseram neste acto não tem que ver com o romance. O certo e sabido é que recommençaram os dois desterrados do mundo a sua correspondência, com mais sisudas precauções. João Crisóstomo recebia da mão de pessoa amiga do cavalheiro bracarense as cartas de Albertina, e as dele, entregues ao mesmo medianeiro, entravam insuspeitas no correio.

Algumas religiosas de vida exemplar e cheiro de predestinadas, quando viram Albertina outra vez contente, e licenciada a receber visitas, foram em corporação à priora pedir explicação do escândalo. A interpelada ouviu-as com medo, e – seja-lhe perdoada a pia fraude! – para justificar-se inventou que ouvira, estando em coro na oração mental, uma voz a dizer-lhe: *Albertina, está inocente; não a mortifiques; deixa-a ir às grades, que o seu anjo custódio irá com ela*. Isto fez impressão nas velhas, que eram mais santas que ilustradas; uma, apenas, teve as cépticas entranhas de resmungar de si para si que a prelada não tinha virtudes que merecessem falar com ela um espírito invisível e de boa casta.

Como quer que fosse, as virtuosas acomodaram-se, e o cartear-se os dois venturosos continuou sem intercadência por espaço de um ano.

O doutor Negro, ao vizinhar-se o termo da sentença de João Crisóstomo, recaiu em novas inquietações e vertigens, efeito de muito cogitar no modo de furtar a filha aos previstos atrevimentos do inflexível raptor. Pensou em tirá-la de Portugal, e mandá-la aos parentes brasileiros; mas contra esta evasiva saia-lhe logo João Crisóstomo no caminho do Brasil. Pensou desconchavos de maior tomo, e algum muito abominável por sanguinário. Lembrou-se de assalariar um assassino, e desfazer-se do inimigo, apenas se lhe abrissem as portas do cárcere.

Esta horrenda vertigem enloqueceu-o por poucas horas. Graças, porém, ao coração de pai, onde o Senhor influi suavidade e branduras incombináveis com a crueldade, o doutor envergonhou-se da negrura do seu intento, e pediu à Providência que o inspirasse.

Mau costume este dos que sofrem dores do orgulho, da soberba, e de paixões mais ruins ainda, avocarem a Providência ao seu partido, e darem-lhe a direcção das suas iníquas traças. A Filha de Deus não lhes responde, nem os inspira, nem lhes desabrolha o caminho que vão trilhando com os pés sangrentos. Segue-se daí o raivarem contra a Providência, e o negarem-na como coisa inerte, inventada pela fantasia dos que sofrem. Neste escolho, infamado de naufrágios de muitas almas boas, soçobram a cada hora os desgraçados que sentem a precisão da divindade, quando o braço próprio lhes falece no conseguimento de seus maus desígnios.

Francisco Simões Alpedrinha era filósofo. Filósofo dos que dispensam Deus. Achou-o então necessário: invocou-o. Se do céu lhe falassem, mandá-lo-iam que ouvisse o seu Voltaire, evangelista predilecto do doutor Negro.

CAPÍTULO SÉTIMO

No penúltimo dia da sentença de João Crisóstomo, o doutor Negro anunciou-se na portaria do convento dos Remédios, e fez saber à prelada que sua filha havia de segui-lo. A religiosa, ferida do tom brusco do doutor, e até das expressões com que ele denunciava suas desconfianças, e despreziava as falsas virtudes do convento, defendeu a reclusa, e a honra da casa. Irou-se o velho, e perorou como nas audiências, bracejando e ululando com tal volume de voz que todos os ecos do mosteiro gritavam lá por dentro com ele. O mais bravo artigo do libelo era desta sem-razão: «Que a filha vivia alegre: sinal certo de que estava em inteligência com o celerado da cadeia: porquanto, se ela vivesse como ele ordenara, havia de ter cedido ou morrido.» Sobre este tema, o jurisconsulto deu berros que inteiriçaram de glacial terror os corpos já frios de muitas velhinhas do mosteiro.

Albertina, quando recebeu o aviso, rompeu em pranto desfeito, rogando às freiras que não a entregassem à vingança do pai. A comunidade, temerosa do escândalo, e do arcebispo com quem o doutor as ameaçava, instava pela pronta saída de Albertina. Enfardaram-lhe os vestidos a toda a pressa, deram-lhe muitos beijos e abraços, e levaram-na processionalmente à portaria.

O doutor Negro, feita uma seca medida às freiras deu o braço à filha, e conduziu-a silencioso às portas da cidade, onde os esperavam duas liteiras. Albertina, reconhecendo sua mãe numa das liteiras, soltou um ai de alegre surpresa; sabia que tinha ali um seio maternal onde chorar. Grande contentamento e rara fortuna ter a gente quem nos deixe chorar na sua presença, sem medo de zombaria, ou da injúria, disfarçada em conselho!

O doutor entrou na outra locomotiva, e mandou andar. As liteiras pararam em Barcelos. No outro dia, seguiram para Viana; e, ao cabo de algumas jornadas, pararam em Valença. Daqui, Albertina e sua mãe, acompanhadas de dois sujeitos de grave sombra e modos de pessoas palacianas, partiram na estrada de Monção; e o doutor, despedindo-se da mulher e filha, com visíveis mostras de amargura, voltou para o Porto.

Os cavalheiros eram os dois doutores Valadares, discípulos e amigos de Francisco Alpedrinha. A casa dos doutores era nas cercanias de Monção, em uma aldeia chamada Barbeita. O doutor Negro lembrou-se deles, e pediu-lhes refúgio para a filha. Os Valadares deram ao amigo toda a caução pela segurança de Albertina, e saíram a esperá-la, assim que lhes chegou aviso da ida.

Simão de Valadares teria cinquenta e cinco anos, era solteiro e senhor da casa. O outro irmão, Fernando de Valadares, era casado e tinha filhas.

Albertina e sua mãe foram recebidas pelas meninas, e mãe destas, com muito carinho e hospedagem de parentas. Havia um piano. Albertina, quando o viu, sentiu uns rebates de saudade do tempo em que João Crisóstomo a ouvia tocar. Marejaram-lhe os olhos. A mãe entendeu a dor da filha, e disse-lhe:

– Há mais de três anos que não tocaste, Albertina...

– É verdade, minha mãe – respondeu –, creio que já não sei.

Pediram-lhe as meninas que experimentasse. Foi ela ao piano, e deu admiráveis escalas com uma velocidade que parecia febre de inspirada artista. Nunca os de Barbeita cuidaram que o seu piano pudesse dar aquele estrondo e harmonia. De súbito, o teclado soluçou uma pianíssima toada, que fez tristeza no ânimo de todos. As faces de Albertina estavam aljofradas de lágrimas.

De hora a hora recresciam as simpatias por Albertina. Os Valadares convidaram parentes para quebrarem a monotonia do seu viver costumeiro, a fim de divertirem a concentrada hóspeda, que nem por comprazimento já podia sorrir aos desvelos da

cariciosa família.

Deram-lhe um quarto de dormir com janelas sobre um pomar de amendoeiras e limoeiros. As noites eram de estio. Albertina velava até aos primeiros assomos do dia, com o peito em ânsias ardentes, saudades desesperançadas, as dores malditas que não têm, fora das penas eternas, um nome condigno. Abria a janela, e sorvia a haustos a viração perfumada do jardim.

Numa dessas noites, vira ela um vulto de homem entre as laranjeiras, contemplando-a, e retirou-se, imaginando que bem poderia ser ele um amante, e ela uma importuna, que involuntariamente embaraçava a entrevista de alguma das meninas Valadares. Numa das noites seguintes, voltou a desoras à janela, e lá viu o vulto, e ouviu uma voz, que murmurava:

– Os céus dêem repouso ao seu infeliz coração, Albertina.

Retraiu-se pressurosa, e baixou a vidraça.

Quem seria aquele homem? A voz não lhe era estranha. Seria um amigo que a lastimava sinceramente? Poderia este amigo favorecê-la, encarregando-se de avisar João Crisóstomo?

Desvelou a noite a cogitar nestas perguntas. À noite seguinte, soadas as duas horas, correu a vidraça, lá estava o vulto.

Esperou trememente que lhe falasse. Fitou-o, meneando a cabeça, como a provocá-lo. Vacilava entre medrosa e resoluto. Era a mulher em antagonismo com a amante. O silêncio do vulto era-lhe já uma contrariedade, e um despeito. Ia retirar-se, quando a mesma voz lhe disse:

– Quantos serão os desgraçados debaixo deste céu impassível, sr^a D. Albertina?

E ela, com a voz convulsa, respondeu:

– Desgraçada sei eu que o sou muito... Quem se condói da minha desventura?

– O seu maior amigo neste mundo. Não sei mesmo se seu pai o será tanto... Não me conhece ainda?...

Albertina reconhecera-o desde a primeira palavra da resposta.

Não se lhe alvoroce o coração, benquerente leitora. A surpresa é pouco para assombro, e menos para mutação de cena em romance.

O vulto era o do senhor da casa, Simão de Valadares, o morgado rico e pretendido, que, até ao seu ano Quinquagésimo quinto, não soubera o que fosse amar, nem compreendera a precisão de completar com a mulher a vida do espírito.

Quando viu Albertina, a ordem física do mundo desmanchou-se, e recompôs-se em obséquio a ele, de modo que o globo desandou quarenta das suas rotações anuais, e o morgado de Barbeita achou-se com quarenta anos de menos, e quinze para o coração, a desbordar do amor que arde nas compleições fogosas naquela idade. Se Simão de Valadares tivesse a experiência do meu leitor de vinte anos, não se ia esconder entre os laranjais com receio da irrisão; mas aquele virginal amor, vagando nas faxas infantis, doidejava como criança, e carecia do mistério e poesia com que, pelo ordinário, nós todos, mais ou menos acriançamos os nossos primeiros afectos.

Albertina ouviu-o: e com a santa naturalidade da inocência insuspeitosa, respondeu a Simão que lhe perguntara se o conhecia:

– Agora conheci o sr. morgado. Já o vi noutras noites, e tive susto. Não podia lembrar-me que fosse V. S^a.

– Com que pesar a tenho eu visto passar as suas noites em vigília tão dolorosa! – tornou ele.

– Bem sabe que eu sou tão infeliz!... –olveu Albertina. – Meu pai quer a minha morte. Deus nos fará a vontade a ambos.

– Não morra, não, formoso anjo, que tão digna é de uma vida recamada de todas

as alegrias deste mundo!

A veemência cariciosa deste dizer pareceu estranha a Albertina, que, de mais a mais, vira o morgado ajuntar as mãos sobre o seio, quando falava.

A inocência da filha do doutor, daqui em diante, com respeito aos sentimentos do morgado, se eu a tentasse justificar, saia-me disparatada. Eu não invento inocências, sem necessidade. Uma vez por outra, poderei imitar o químico inventor de cosméticos carminados, com que se purpurejam as faces; e as faces, assim arrançadas, argüem pudor, que, se não é genuíno, também não faz mal à natureza nem à arte. Analogicamente, nas novelas tenho por bom serviço que façamos uma inocência parecida com o pudor dos cosméticos, se virmos que a boa moral se praz e rejubila com isso, salvas as leis da verdade e da natureza.

Por isso digo eu que Albertina, das palavras de Simão de Valadares, deduziu que era amada.

Haverá quem se admire dizendo-lhe eu que Albertina, convencida, por outras palavras ditas depois, que era amada, não soltou gemido de aflitiva surpresa, nem pediu aos céus que a salvassem das novas penas com que vinha atormentá-la o amor daquele homem. Alguma gente se espanta, e com justiça, do pouco motivo que há para se admirarem as coisas como elas são, tirada a casca, e examinadas no âmago. As pessoas, que assim se admiram, confrange-se-lhes o ânimo, e são por isso infelizes. Lá está a velha máxima do entendido Horácio oferecida ao seu amigo Numício: «A talvez única arte de sermos felizes, é não nos espantarmos de coisa nenhuma.»

A mulher, segundo bons autores, quase todos poetas, é divina; eu, por mim, suspeito que ela não é absolutamente divina; mas inclino-me a crer que tem costela de divindade; e, se o não parece aos olhos da sã filosofia, é porque lhe faz dano o ter sido em parte fabricada da costela do homem. Seja como for, o seu tanto ou quê de divina, isso tem-no. E dessa qualidade é que procede o aceitar ela, benignamente, como as divindades figuradas em mármore ou tela, os incensos de toda a gente, sem estremar a intenção boa ou má do culto. A lisonja, vá de onde for, nunca é ofensiva enquanto se não declara nos termos comuns, ou dá visos de materializar-se. Toda a mulher consente que a adorem contanto que ela o não saiba da confissão propriamente do adorador. E algumas é de fé que as há, puras quanto podem sê-lo querubins, as quais perdoarão pelo divino amor de Deus ao homem aborrecido que ousar declarar-lhes que as ama. Esta grande virtude congenial têm elas: é instinto; é caridade que não aprenderam no Evangelho: data desde a primeira mulher que se sentiu amada de dois homens, e amorosa de um só.

Assim cuidou eu que explico a indulgência com que Albertina escutou a revelação do morgado de Barbeita.

Mas os cinquenta e cinco anos do homem? Nem isso a horrorizou e petrificou?

Nesta questão é que eu não entro por suspeito: receio que me repliquem vitoriosamente que advogo a minha causa, advogando a dos velhos. Mas a pergunta vem fora da linha. Que fazia ou importava a Albertina a idade de Simão de Valadares, se ela nem sequer havia de alguma vez perguntar à sua consciência se poderia amá-lo?

Horrorizar-se ou empedrenir-se! Sejamos parcios no uso destas palavras que andam por de mais nos vocabulários com a acepção dada pela pessoa que fez favor de me interrogar. A dor petrificou Níobe, diz a religião mitológica; e o amor do horrendíssimo Quasímodo não empedreniu Esmeralda, como se infere do autor de *Nossa Senhora de Paria*. Ambos os exemplos são patranhas; mas dizem para o nosso ponto. Mulher que se fizesse pedra, ou caísse fulminada pelo horror de unia declaração tão delicada como a de Simão de Valadares, tão-somente os romancistas podem inventá-la, se o Criador lhes deu melhor fantasia do que ele teve na formação das coisas

e pessoas.

Recolhamo-nos ao assunto, que vai muito derramado por divagações, em que de ordinário se diz mais do que é necessário.

No dia seguinte, quando, a horas de almoço, se avistaram Albertina e Simão de Valadares, coraram simultaneamente. O homem dos cinquenta e tantos anos, se pudesse tirar a ferro do peito o sangue que lhe ressumava na face, fá-lo-ia. Sem experiência do coração, conheceu que o rubor de Albertina, era uma lembrança amarga. Esperou que ela erguesse os olhos de sobre a chávena: baldou-se a esperança. Findo o almoço, desceram ao jardim. Albertina apoderou-se do braço de sua mãe, e reteve-a, quando ela queria separar-se.

– Porque é isto?! – perguntou a esposa do doutor Negro.

– Não me deixe – murmurou a filha.

– És mais criança do que eu suponha – replicou a mãe.

– Porque me diz isso? – redarguiu Albertina.

– Foges de que o morgado te fale... bem sei que foges... e não devias fugir. Sabes que riqueza ele tem?

Albertina desprendeuse impetuosamente do braço da mãe, e disse:

– Que me importa a riqueza do morgado?! Agora compreendo!... Compreendo a horrível maquinação!... Meu Deus! meu Deus! Tanta gente conspirada contra uma desgraçada mulher!

E sumiu-se por entre as ramarias de uns arbustos, sufocando os soluços que lhe rompiam do seio arquejante.

A mãe de Albertina estava já no segredo do coração do morgado; o doutor Negro já sabia no Porto o segredo de sua mulher. Simão de Valadares havia recebido do seu condiscípulo consentimento pleníssimo para requestar o affecto de sua filha, e prometia, em caso urgente, contribuir com a sua autoridade. Esta cooperação recusara o morgado, com louvável orgulho.

A ninguém da família era oculta a inclinação imperiosa de Simão. O doutor Fernando tremeu, prevendo um casamento que tirava a casa a seus filhos. Albertina era já secretamente odiosa à mulher e filhas de Fernando. Tratavam-na com agrado, receosas de irritarem o cunhado e tio; que não fosse ele apressar o enlace, ou procurar outro por vingança.

Eis aqui, no centro daquela família, a situação especial de Albertina, cujo espírito penetrou a um tempo no ânimo de todos. Carregavam-se nuvens da borrasca no seu horizonte, e ela sozinha, sem defesa, sem coração de mãe em que fiar-se na hora do indeclinável cálice!

Ao romper da manhã, seguida a uma noite de lágrimas, Albertina, como ouvisse tanger a sineta à missa de alva, saiu sozinha para pedir auxilio a Deus.

Ao entrar no adro, viu caminhar para ela um homem coberto dos andrajos de mendigo:

– Não te denuncies que nos perdemos.

Expediu um grito, e susteve-se pálida e convulsa.

Era João Crisóstomo.

CAPÍTULO OITAVO

Receava o doutor que João Crisóstomo, p4sto em liberdade, no dia seguinte ao da transferência de Albertina para o Alto Minho, tivesse logo aviso em Braga, e lhes fosse no encaço. Com um especioso pretexto na contagem do tempo da sentença, prorrogou-lhe a soltura para oito dias depois. O moço pacientíssimo esperou que se acogulasse a vingança, dizendo: «Por tão pouco, não vale a pena contrariar o prazer do sr. Alpedrinha.»

Finalmente, à mesma hora em que apresentava ao carcereiro alvará de soltura, recebia João Crisóstomo notícia de ter sido improvisamente arrebatada Albertina do convento.

As alegrias da liberdade, depois de três anos e meio de cárcere! – disse entre si o pobre moço, ao atravessar sem destino o campo da Cordoaria.

Caminhou de rua em rua. Encontrou pessoas que o haviam estimado. Ninguém lhe disse: «De te salve!»; ninguém lhe apertou a mão, dando-lhe os emboras de sair vivo dos ferros. As pessoas que o reconheciam voltaram o rosto; umas porque o haviam esquecido ou desprezado na cadeia; outras porque se pejavam de apertar a mão ao desvalido que não vertera o pleito com o doutor; enfim, outras, porque o ficaram odiando pelo crime de rapto.

João Crisóstomo, ao escurecer deste primeiro dia de liberdade, entrou na estrada de Braga, sem saber dar-se conta do intento que o levava, impelido pelo coração. Era febre precursora de loucura; frenesim como ele, raras horas, o experimentara no afogado recinto do cárcere.

Além da Carriça, no caminho de Braga, reconheceu o caminho transversal, que, por entre pinheirais, o levaria à sua aldeia. Sentou-se ali num combro da devesa do pinhal, e recordou-se da sua infância. A lua era cheia e prefulgente. Cantavam os rouxinóis, nas carvalheiras próximas. Rumorejavam milhares de vozes de insectos consolados do frescor da noite. O acre das bouças aromatizava o ar. Mais de mil e duzentas noites haviam caído ao abismo da eternidade sem ele as ter visto. A lua parecia-lhe uma maravilha surpreendente; os cantares das avezinhas uns acordes sons de mundos desconhecidos. E tão desgraçado na sua primeira noite de liberdade!... Não ter pai que lhe desse gasalho naquela noite, nem irmão que lhe ali liberalizasse uma tigela de caldo em sua mesa, na mesa onde ambos haviam comido, com a mãe comum entre eles, a mãe que os amava por igual!

Chorava o desamparado lágrimas de travor acerbo, olhando por além fora no caminho de sua casa, alvejado pela caridade da lua, e dizia:

«Maldita seja a hora em que a ambição de meu pai me mandou sair de casa, a procurar riquezas onde eu devia enriquecer ou morrer! Tão coberto de lágrimas entrei nesta estrada, quando me levaram ao Porto para embarcar!... Aqui mesmo se despedi minha mãe de mim, e os gemidos dela ainda os ouço no coração. Bem lho dizia o presságio que me não veria mais... Se vivesses, quando eu voltei doente do Brasil a pedir na casa de meus pais abrigo e compaixão de minha fraqueza, tu me abririas os braços, e me defenderias do meu atroz destino, à minha mãe!»

Passados minutos, quebrou-lhe a meditação a estrídula guizalhada de liteiras. Conservou-se no mesmo sítio até as avistar. A distância de cinquenta passos os liteireiros, como entrevissem um vulto naquela serra chamada *Terra-Negra*, por aqueles tempos, suja de salteadores, pararam, exclamando:

– Quem está aí?

O doutor lançou a sua cabeça escura fora da portinhola, e bradou:

– Que temos?! Somos roubados?

– Ladrões pela frente, patrão! – responderam os pávidos liteireiros.

– Gritem, gritem à-del-rei! – clamou o doutor, figurando um ladrão em cada tronco de árvore.

João Crisóstomo havia já conhecido a voz do pai de Albertina: imaginou que ela vinha em uma das liteiras; tremia, sem dar tento da sua situação, já quando os moços bradavam, em grita desentoada, por socorro.

João permanecia sentado e imóvel sobre o combro, quando os liteireiros cobraram ânimo, por verem a quietação do vulto, e a imobilidade das árvores suspeitas.

– Olha que não seja algum calhau! – disse um deles.

– Qual calhau nem qual diabo! é homem!...

– Se for só um... – tornou o mais animoso. – Vamo-nos a ele, sr. doutor?

– Vejam lá no que se metem, que isto é sério e perigoso! – observou Francisco Simões. – Eu tenho aqui meia dúzia de moedas; se esses senhores se acomodarem com isto, dou-lhas, e que me deixem passar a salvo.

Isto disse ele em alta voz para que a malta dos salteadores o ouvisse.

João Crisóstomo, sem mudar de postura, respondeu à proposta:

– Passem, que não há ladrões aqui.

– Diz que podemos passar – ajuntou um liteireiro –, não são ladrões, meu amo.

O doutor Negro cuidou ouvir a voz de João Crisóstomo, e tremeu pela vida. Era natural o terror a quem premeditara tirá-la ao inimigo por mão do sicário.

– Cuidado! – tornou ele abaixando a voz. – Vamos lá; mas vocês ponham-se do lado das portinholas, que a minha vida está em risco.

– A sua vida está segura, sr. doutor Alpedrinha – tornou João Crisóstomo que apurava o ouvido. – A sua vida é tão sagrada para mim como a de meu pai.

As liteiras passaram. João Crisóstomo com o rosto entre as mãos, e os cotovelos apoiados nas pernas, observou a passagem das liteiras, e conheceu que o doutor ia sozinho.

Corrido o incidente, o moço prosseguiu na estrada de Braga.

Sabia ele o nome da senhora, amiga da reclusa. A não ser a benfeitora dama, quem poderia informá-lo do destino de Albertina?

Chegou a Braga, e foi logo admitido à presença da senhora, a qual, na mesma hora, recebia a primeira carta de Albertina com outra para João Crisóstomo escrita a lápis. Conhecia-se que a primeira fora feita em presença da mãe, porque nem de leve aludia ao preso. A endereçada a João dizia assim:

«Deves estar livre; mas onde estarás tu? Procuras-me, com desesperada agonia, e eu não pude ainda dizer-te aonde estou. Que importa que o saibas?... Esta desgraça é invencível; mas já agora a minha vitória é acabar lutando. Não desanimemos, não. Vai a Braga. A nossa amiga te dirá aonde estou, onde me arrastaram. Pensa em me livrar: eu faço a tua vontade: esperarei que o céu se comova. Rodeiam-me aqui desventuras novas; é inútil dizer-tas, afligir-te; sem poder remediá-las de pronto, seria uma crueldade. Não me escrevas, que segurança nenhuma vejo de virem a meu poder as tuas cartas. Medita na execução segura de algum passo que nos salve duma vez para sempre. Preparado tudo, vem, que eu aqui estou, ou onde a tirania quiser que eu esteja. Adeus. Se há amor mais constante e inquebrantável que o meu às tuas virtudes e ao teu grande coração, não sei, meu querido amigo. Desgraçada semelhante isso creio eu que não há. Fortaleza igual à perseguição que nos faz o mundo!... Adeus. Tua A.»

No dia seguinte, a dama, devotada ao remédio destes desamparados, apresentou a

João Crisóstomo um fato completo de mendigo. A lividez de três anos e meio de cárcere, e as barbas intonsas, ajudavam à transfiguração. Vestiu-se o moço, e envelheceu vinte anos debaixo dos andrajos. Era escusado correr tantas léguas naquele penoso disfarce. O cavalheiro protector de Albertina, mandou um criado acompanhá-lo a Valença. Daí em diante é que João Crisóstomo, envolto num acolchoado de remendos, se abordou a um cajado, e foi dar a Barbeita, na madrugada em que o deixámos com Albertina, no adro da igreja.

Poucas palavras haviam trocado, e logo Albertina descobriu Simão de Valadares, que a seguia, encobrendo-se com as carvalheiras marginais do caminho.

– O morgado segue-me... – disse ela alvoroçada. – Eu deixo-te, e tu não te afastes para longe.

Entrou Albertina na igreja. Simão de Valadares passou pelo mendigo, e disse-lhe:

– Aquela senhora deu-te esmola?

– Saberá V. S^a que sim.

– Deixa ver o que te deu.

João tirou da algibeira interior da jaqueta oculta uma moeda de dez reis. O morgado pegou dela sofregamente, e deu ao mendigo em troca doze vinténs em prata. João Crisóstomo atentou com estranho olhar no rosto de Simão: este persuadiu-se que o pobre emparvecera de júbilo. Entrou na igreja. O mendigo seguiu o morgado, ajoelhou-se a distância de Albertina.

Dita a missa, o morgado saiu, e esperou a hóspeda. O mendigo postou-se a distância engranzando as contas do rosário de bom tamanho, dádiva do cavalheiro bracarense, que o não tinha, a meu ver, para sua devoção especial. Simão aproximou-se de Albertina, e declarou-se admirado de tão insólita madrugada. Respondeu a menina, titubeando, que a bonita manhã a convidara a sair, e gesticulou uma mesura para retirar-se; mas o morgado caminhou de par com ela. João Crisóstomo sorriu ao relance de olhos de Albertina. Era o sorriso da confiança que dá soberba ao coração da mulher que o merece; bem que, neste nosso caso, um amante, menos confiado na isenção de sua dama, podia sorrir também. Os rapazes de trinta anos não sabem o que são rivais de cinquenta e cinco: e às vezes cumpria que o soubessem porque nem sempre são despreciados.

Simão de Valadares prosseguiu:

– Invejei, pouco há, a sorte daquele pobre.

Albertina empalideceu, e tartamudeou:

– Porquê?... não sei que...

– Porque ele – acudiu o morgado ao embaraço da senhora – recebeu da mão de D. Albertina uma esmola.

– Está enganado V. S^a... Eu... – balbuciou ela.

– Pois repugna-lhe saber-se que deu uma esmola a um mendigo?!...

– Não... mas...

– O Evangelho manda esconder da esquerda a caridade da mão direita; mas, se alguém acerta de nos ver esmolando, não sei para que havemos de negar uma acção boa, minha senhora!...

– Pois V. S^a viu-me dar esmola?!...

– Quer que eu lhe prove evidentemente que vi?... Aqui tem!

E, dizendo, mostrou a moeda de dez réis na palma da mão.

Albertina ficou suspensa e atalhada, mormente quando viu Simão levar aos lábios a moeda de cobre.

– Consente D. Albertina que eu possua este tesouro? – continuou ele.

– Se consinto...

– Sim, minha senhora: se consente, certo é que me perdoa a audácia de o possuir. É um talismã, que traz consigo o pensamento virtuoso que inspirava à formosa Albertina a beneficência ao desgraçado, cuja mão se estendeu à sua caridade. Ficarei eu com a esmola; que dos dois homens o mais desgraçado não é aquele; sou eu, minha senhora.

– Mas quem... eu não sei como.. custa-me a compreender... Pois se...

Albertina mal sabia que dizer. Todavia, sendo tamanha a sua confusão e a enchente de sua amargura, custou-lhe a sofrer o riso, quando Simão de Valadares levou segunda vez aos beiços o pedacinho de cobre, e dos beiços ao coração.

Rematou o diálogo à porta de casa. Ao abrir-se o portão, o morgado olhou em direitura da igreja e viu o mendigo. Acenou-lhe, e disse a Albertina:

– Este mendigo está debaixo da sua égide, minha senhora. Ficará sendo conhecido pelo pobre da sr^a D. Albertina. Há-de ele abençoar a hora em que a viu.

João Crisóstomo aproximou-se, cambaleando o passo o mais doentamente que pôde.

– Vem cá, homem – disse o morgado de Barbeita – espera no pátio que te dêem de almoçar; e, se não tiveres de ir hoje à tua vida, janta, e agasalha-te aí. Quando por aqui voltares, manda-me sempre dizer que és o pobre da sr^a O. Albertina. Entendes?

– Sim, senhor – respondeu João, lançando os olhos a Albertina, que mordida o lenço para abafar o riso.

– Onde és? – tornou Valadares.

– De longe, meu senhor.

– Nunca andaste por estas terras?

– É a primeira vez.

– Pois em hora ditosa cá vieste.

Seguiram a álea de cilindras, que conduzia ao palacete. João Crisóstomo parou no pátio; e, enquanto Simão de Valadares subia, Albertina, com o disfarce de encanar uns alporques de cravos, avizinhou-se dele, e disse-lhe:

– Cuidado que minha mãe te não conheça... Se eu não puder falar-te, escrevo-te.

Daí a pouco, recebeu João Crisóstomo uma tigela de leite e um pedaço de pão duro.. Almoçou debaixo de um coberto, sentado na rodeira de um carro. Depois aconchegou-se de um recanto que parecia ser o ninho dos rafeiros, e fez que dormia.

Era dia santificado. Ao toque da missa principal, saíram as senhoras Valadares, e mãe de Albertina, acompanhadas de Fernando e Simão. A mulher do doutor Negro ia dizendo ao perpassar pelo abrigo de João Crisóstomo:

– Minha filha, com a sua madrugada, arranjou uma forte enxaqueca, e lá ficou na cama. Se conseguir dormir, passa-lhe.

Daí a poucos minutos, abriu-se uma janela, a mais próxima de João, e logo Albertina lhe fez sinal de aproximar-se, e disse com assustada precipitação:

– Qual é o teu intento? Vens para fugirmos?

– Ainda não.

– Puis a que vieste?

– Ver-te... saber que me seguirás.

– Não to disse eu na minha carta? Que esperas tu agora?

– Recursos indispensáveis para a fuga.

– Onde irás tu buscá-los, meu desgraçado amigo?

– Se o céu mos não der, irei buscá-los ao inferno. Dentro de trinta dias, estarei morto ou contigo.

– Meu Deus!... – exclamou Albertina – eu posso esperar muitos trinta dias! Não te espero eu há três anos entre ferros? O João, ó querido da minha alma, que a tua

desesperação não venha completar a minha desgraça!

– Não virá. Tu és uma forte alma, Albertina, pois não és, mártir?

– Que maiores provas te darei, meu amigo?

– Então espera-me, e adeus! Volto a Braga; a nossa amiga te enviará as minhas cartas...

– Esconde-te! – disse Albertina, vendo Simão de Valadares despontar entre as cilindras do portal.

João recolheu-se ao coberto, e Albertina ao seu quarto.

Minutos depois, o mendigo saía de Barbeita a passo lento, e estugava depois o passo na estrada de Valença.

Simão mandou dar de jantar ao pobre de D. Albertina. A criada que conduzira o prato voltou dizendo que em lugar do pobre, achara doze vinténs em prata, dentro da tigela vazia do almoço. Simão reconheceu o dinheiro que dera ao mendigo. Contou-se com grande espanto a história, tomada mais misteriosa pelo desaparecimento do pobre. Fizeram-se juízos extravagantes a tal respeito. Porém, Simão de Valadares, com as faculdades intuitivas que dá o amor, como que adivinhou o horrível segredo que lhe alanceava a alma. E, recordando as feições do mendigo, recompunha um mancebo pálido, mas de gentil aspecto. Não obstante, sufocou o despeito e a desconfiança.

CAPÍTULO NONO

Quinze dias depois, João Crisóstomo estava no Porto, empregado na escrivania de um tabelião, que o tivera a seu serviço a maior parte do tempo da cadeia. Que estreitíssima porta a fortuna lhe oferecia! que começos de vida para quem carecia de alguns punhados de ouro! O pobre copista desmaiava naquele trabalho improdutivo além do pão quotidiano: caía-lhe a fronte escaldante sobre o papel, onde às vezes encontrava o refrigerio de suas lágrimas derivadas da face.

As cartas que escrevia a Albertina revelavam, apesar dele, a profunda desanimação. Nem ele saberia dizer em que se fundava a esperança de haver dinheiro para a fuga. Algum romance lhe saíra da fantasia aquecida pelo coração. Teria lido alguns em que, nos maiores apertos dos personagens, o dinheiro aparece mais depressa que o engenho dos autores, dinheiro a rodo, quando é necessário. Cuidaria ele que o seu amor, subtilizando-lhe o espírito até ao requinte da indústria, lhe ensinaria o segredo da pedra filosofal. Pobre moço, tu não foste o primeiro, nem serás o último a pensar na conversão das pedras em ouro. Poucos são os amantes nas tuas circunstâncias, que não tenham desejado possuir, condicionalmente, as orelhas de Midas, uma hora pelo menos, com a cláusula de poder, como ele, transformar em ouro os objectos tocados. Enquanto às orelhas, ainda que elas ficassem para todo o sempre como o irritado Apelo lhas dera ao rei da Frigia, isso paciência: todas as orelhas são iguais perante o dinheiro; e toda a mulher, que deveras ama, desculpa o feitio e comprimento das orelhas do homem amado.

A João Crisóstomo sucedeu este vulgar contratempo que enubla e carrega de tormentas os mais serenos céus da imaginação de um amante: a falta de dinheiro – palavras rasas e plebeias, que nunca deveriam entrar na contextura de um romance. E, todavia, é certo que da falta de dinheiro procedem tanto grandes benefícios à sociedade como grandes malfeitorias; porém, no máximo dos casos, a minha estatística dos crimes por amor dá-me em resultado que muitas paixões têm sido abafadas e reduzidas a bons termos, por míngua do dinheiro, principal incentivo das afoitezas e arrojões. Suponho que os ardores do coração esfriam se a temperatura da algibeira é glacial. Isto é dizer em termos chãos o fenómeno como ele me parece que se dá. A coisa floreada com louçanias e recamos de linguagem sairia mais com ares de filosofia.

É provável que João Crisóstomo meditasse no seu infortúnio e pobreza em palavras assim correntias. A desgraça somente deixa pentear palavras e acepillar o estilo àqueles que por sua conta escrevem, bem prosperados, bem ao resguardo dela. Nem mesmo as cartas, escritas a Albertina, iam muito de transportes. A ave do ideal caía desasada. Eram mal dissimulados prantos, ódios e vociferações contra a férrea organização da sociedade, apelos à Divina Providência misturados com a blasfêmia de quem grita à Divindade surda, como ela é sempre aos clamores da injustiça.

Albertina consolava-o em palavras que também denunciavam a sua desesperação. Ao mesmo tempo que se abonava com a sua coragem para esperar, lastimava-se de que a perseguição do morgado, da mãe, e já das cartas do pai, a levassem ao extremo da tortura.

Neste conflito de muitas dores irritantes, foi João Crisóstomo procurado, no seu pobre quarto de um terceiro andar da Rua dos Pelames, por um sujeito desconhecido, mas de limpa e insinuante presença. Disse ele chamar-se Agostinho José Chaves. Teria quarenta anos, usava óculos escuros de grande armação de oiro, vestia de briche, e era bastante surdo, por amor do quê empunhava uma cometa acústica, ajustada quase sempre ao ouvido esquerdo.

Principiou assim Agostinho José Chaves:

– Estimo muito que os seus trabalhos acabassem, sr. João Crisóstomo. Era já tempo.

– Muito agradecido.

– Como? – perguntou o sujeito pondo ao ouvido a cometa. O moço conheceu que era delicadeza aproximar-se do hóspede e gritar-lhe.

Prosseguiu o sr. Chaves:

– Fizeram-lhe uma grande iniquidade, sr. João! Patifes! Puseram as leis ao serviço da desonra! Antes quiseram deixar desacreditada uma menina que remediar um desvario com o casamento. Que pai é aquele preto! Tem o coração da cor da cara, ou mais negro, se é possível... Que é feito da menina? Está com ele?

– Não, senhor. Está longe do Porto – respondeu João Crisóstomo com desagrado, e continuou: – Devo desde já dizer a V. S^a que a sr^a D. Albertina não deu motivo algum a que o mundo a considere desacreditada.

– Assim será, meu caro sr. João – replicou Agostinho–, mas quem pede tapar as bocas do mundo? Quem as abriu foi o preto, o selvagem! E o senhor agora que faz? Cuida em casar, ou desiste?

– Espero – respondeu João.

– Tenho verdadeira pena do senhor! – voltou Agostinho, abanando a cabeça. – O meu gosto era vê-lo casado e vingado.

– Mas – atalhou o copista, desconfiado da sinceridade do sujeito, e suspeitando-o enviado do doutor Negro – que conhecimento tem V. S^a de mim para tamanha compaixão dos meus infortúnios?

– Não preciso conhecê-lo para me compadecer. Basta que eu lhe diga que sou inimigo há dez anos do doutor Negro. Foi contra mim numa causa em que perdi quarenta mil cruzados.

– Seriam as leis e não ele – atalhou João Crisóstomo, avaliando com menospreço a inimizade do homem ao advogado adverso.

– Foi ele, não foram as leis; foi o preto que fez o branco da sua cor; foram os sofismas, as trapaças, as ladras tramóias da sua habilidade. Enganou a estupidez ou a boa fé dos desembargadores do Porto, e dos desembargadores da suplicação. Fez a maroteira, e gabou-se de a fazer. Homens assim não são sacerdotes da lei; são ladrões que saem à estrada de beca. Eu perdi bens no valor de quarenta mil cruzados: paguei as custas da demanda; e, se não fosse muito rico, ficava pobre.

Quando ele disse *muito rico*, os olhos de João Crisóstomo fitaram Agostinho José Chaves com certo brilho e penetração. Era o olhar faminto do ouro, que não tem nos humanos outro que o assemelhe.

– Ora aqui tem o senhor – prosseguiu o surdo – porque eu queria ver aquele cafre bem esmagado. Além disso, eu sei que vossemecê é um rapaz de boas qualidades, trabalhador, e honrado. Pena é que seja pobre; porque, a falar-lhe a verdade, do modo que está este mundo, não se pode ser pobre. A virtude ninguém dá por ela, se o dinheiro não tine no lugar onde ela está. A gente admira-se quando vê um pobre virtuoso; mas ninguém pergunta com que linhas ele se alinhava. Se ele descamba um pé na estrada torta da honra – torta, digo eu, porque o piso é muito ruim; e, primeiro que um homem chegue ao caminho chão, quebra-se a cabeça um cento de vezes – se acerta de escorregar, lá vai, quanto Marta fiou; todos vêem a escorregadela, e esquecem as virtudes passadas; ficam todos desconfiados dele, e o que foi, já o não abona para o que há-de ser. O mundo é assim meu caro amigo e sr. João. Ora diga-me vossemecê: visitou-o muita gente nos três anos que estive preso? Não precisa responder que eu bem sei que não. Pois aí tem. Muito honrado, muito honrado, mas lá te avenhas como pude-

res. Trabalha, se quiseres viver; senão, deixa-te morrer, que eu o mais que posso fazer-te é dizer que tu eras um moço muito honrado. É o que diz o mundo. Está-me a parecer que o sr. João se fosse um pouquinho atratantado, por exemplo, se, quando entrou na cadeia, levasse uns cinquenta mil cruzados, roubados ao órfão ou à viúva, com o auxílio da jurisprudência do doutor Francisco Simões de Alpedrinha, está-me a parecer, repito, que vossemecê, apesar de ladrão, havia de ter muito quem o visitasse, e pusesse ao seu serviço dinheiro, por saberem que o senhor o dispensava! É o mundo: não há dar-lhe volta. Quem não estiver bem, mude-se. Agora – acrescentou Chaves, alimpando os óculos – pergunta-me vossemecê porque não fui eu melhor que o resto do mundo, se tanto me admiro da sua honradez. Tem razão; mas eu vou responder. Em primeiro lugar, eu estava em Lisboa, cuidando das minhas demandas, quando vossemecê foi condenado; em segundo lugar, quando cheguei ao Porto, recebi a triste nova de que estava a dar alma a Deus minha mulher, e parti logo para a Póvoa de Varzim donde sou natural. Depois, quando tornei ao Porto, quis procurar o sr. João para lhe oferecer a minha bolsa; mas nessa ocasião apanhei uma catarral, e sobreveio-me logo uma dor de ouvidos. de que fiquei surdo a ponto de precisar desta cometa para ouvir alguma coisa; e, como uma desgraça nunca vem sozinha, quando estava resignado com a surdez, atacou-me uma inflamação de olhos, que me pôs em risco de cegar. Mandaram-me para a minha terra, e só agora é que pude tomar ao Porto. Ora aqui tem.

– Muito obrigado – disse João Crisóstomo bem intencionado. – Escusava V. S^a de dar tão minuciosas explicações do que não é nem levemente uma falta.

– Vou fazer-lhe uma observação – atalhou Agostinho. – Faça favor de me não dar senhoria, que eu não a tenho, nem quero. Chamo-me Agostinho José Chaves. Sou proprietário, filho e neto de lavradores. Tenho algum dinheiro e algumas terras: cá me vou arrançando com isto sem senhoria. Vamos ao que importa: vossemecê quer alguma coisa de mim? Basta de palavriado. Aqui está um homem dos que servem nas ocasiões de apuro. Precisa de dinheiro? Quer começar algum modo de vida mais rendoso que o que tem? Eu sei que o sr. João está escrevendo em casa do tabelião Ferreira: trabalha para ir vivendo, mas deve trabalhar para mais alguma coisa. Se, com dinheiro, pode casar-se, pondo outra vez demanda contra o preto, ou fugindo com a moça por esse mundo fora, e casar com ela no Brasil... É verdade! que feliz ideia! porque não vai o senhor para o Brasil e mais ela? Aquilo é que é terra para ganhar dinheiro. Eu já lá estive uns cinco anos, e, se não ficasse herdeiro dum irmão, a esta hora tinha ganhado cem contos de réis, com uma perna a costas. Vá para o Brasil, leve consigo a menina, e lê. case, ou não case, que ninguém lhe pergunta quantos anos tem. Pense nisto, sr. João. Dinheiro há; falta a resolução. Que me diz?

João Crisóstomo ouvia-o com alvoroço, e um desafogo de espírito, um desoprimir-se de coração que mal se exprime com a palavra felicidade. O tom do dizer de Agostinho José Chaves tinha uma cordialidade que o leitor, já prevenido talvez, lhe não encontra. Era preciso amar e ser pobre, e ansiar dinheiro como João Crisóstomo para receber aquele homem como enviado da Providência, tantas vezes implorada.

Ainda assim, a veemência do desejo não subordinou de pronto os ditames da razão. À repetida pergunta de Agostinho, sobre se queria dinheiro, o moço respondeu:

– O que eu desde já quero e preciso é beijar-lhe as mãos, sr. Chaves.

– Alto lá! não consinto – clamou o hóspede generoso, retirando as mãos. – Diga o que quer de mim com franqueza.

– Eu responderei no espaço de oito dias: preciso consultar a minha infeliz amiga. O seu pensamento do Brasil, encanta-me, sr. Chaves! Trabalhar ao lado da mulher que amo, toda a vida! Morrer abençoado dela e da sociedade!...

João Crisóstomo susteve aqui o entusiasmo da sua nobre alegria, porque lhe era

necessário gritar mais do que os pulmões lhe outorgavam. O surdo abraçou-o, e disse-lhe:

– Escreva-me, quando quiser para a Póvoa de Varzim, que eu parto hoje. Ali estou às ordens.

– É um anjo que Deus enviou ao antro das dores – exclamou João. – Saiba agora, ar. Chaves, que deixa nesta casa um coração a transbordar de felicidade e gratidão.

– É o que se quer.

– Albertina há-de abençoar o seu nome.

– Coitada da pobre menina! Adeus, adeus. Contem ambos comigo.

Saiu Agostinho José Chaves limpando os olhos; e João pôs as mãos sobre o peito, os olhos no céu, e orou. Depois, sentou-se a escrever uma carta, que principiava assim:

«Que arrebatadora alegria te leva esta carta, ó Albertina! Como eu me sinto feliz!... Abençoada seja a desgraça que tais contentamentos me dá! Escuta, e no fim me dirás se as tuas lágrimas não as viu Deus! Oh! como este mundo se transfigurou aos meus olhos! O coração pode estalar de alegria, e a desgraça não pôde matá-lo! Escuta

Seguia-se o minudencioso diálogo com o «enviado da Providência.»

CAPÍTULO DÉCIMO

Piorava de hora a hora a situação de Albertina em Barbeita.

O morgado começava a desatinar. A lançada do ciúme tinha-lhe chegado à fibra donde está como pendente o órgão do juízo. Dissera ele, no princípio, à mãe da sua hóspeda que, violentada, não aceitaria Albertina. Estes briosos sentimentos iam já declinando em consenso à violência, desde que a misteriosa aparição e fuga do mendigo lhe roubou o sono e as esperanças.

A família, a quem Simão de Valadares mostrara a sua paixão, entrou a reccar seriamente que Albertina, voluntária ou coagida, se ligasse ao senhor da casa. Fernando tentou despersuadir o irmão com razões ofensivas do amor pr6-prio dele, lembrando-lhe a idade; a incompatibilidade dos cinquenta e cinco dele com os vinte e quatro anos da hóspeda; as consequências a reccar de um enlace com mulher que duas vezes fugira da casa paterna por amor de outro homem; finalmente, o desconceito em que o mundo devia tê-la. A cunhada, menos discreta, ajuntou uma outra razão de peso, formulada nestes explícitos e breves termos: Que muito lhe custaria a ela, filha dos Melos de Ponte de Lima, aparentar-se com a filha de um preto.

Tantos rastilhos à mina fizeram uma explosão pavorosa!

Simão de Valadares bateu rijo o pé no pavimento, e disse que havia de casar quando quisesse, e com quem quisesse, sem atender a que sua cunhada era filha dos Melos de Ponte de Lima, parentesco com que ele se não ufanava coisa nenhuma. Fernando ordenou silêncio à mulher, que trazia a árvore genealógica dos Melos na ponta da língua, único dote que levava para Barbeita.

Requintou o ódio das senhoras Valadares à pobre Albertina, e à velha com muita razão. Não cessava esta, instigada pelo marido, de estimular a filha a abraçar a fortuna caprichosa, que lhe oferecia um marido fidalgo, rico, e bem apessoado, apesar dos anos. Albertina ou lhe não respondia, ou replicava desabridamente, que assim a havia educado a mãe, O que mais a magoava era o ar desprezada das meninas com quem ela quisera desabafar chorando.

Uma delas, com risonho semblante, lhe disse um dia que o pai estava morto por lhe falar particularmente, quando se desse ocasião. Albertina respondeu que a ocasião a daria ela, saindo a sós com uma das meninas para sítio onde o sr. Fernando de Valadares a esperasse. Assim se fez.

Fernando disse o seguinte, depois de um longo preparo de frases conducentes a pedir perdão do seu atrevimento:

– Meu irmão está doido por V. Ex^a Todos sabemos que a sr^a D. Albertina rejeita a proposta do absurdo casamento, que seria a desgraça de ambos e a desordem irremediável desta casa. Porém, a cabeça de meu pobre irmão está desnorteada, e não há tirar-lhe dela a esperança de que V. Ex^a se há-de deixar levar da ambição de ser senhora desta casa, embora se faça escrava de um velho. Todos fazemos justiça à sr^a D. Albertina, excepto meu irmão. Permita-me agora V. Ex. uma pergunta: Esta situação é-lhe custosa?

– Muito – respondeu Albertina. – Peço continuamente a Deus e à minha imaginação um remédio pronto a isto, que é para mim, ao mesmo tempo, vergonha e suplício. Mas não sei que fazer-lhe: é tudo contra mim. Meu pai impõe-me a sua maldição; minha mãe está sempre a mortificar-me; o sr. Simão é a minha sombra; e, por sobre tudo, o desgosto destas senhoras que deviam ser mais justas e piedosas comigo.

– Perdoe-lhes, V. Ex^a – atalhou Fernando comovido –, que elas receiam a pobreza e desconhecem o melhor do carácter da sr^a D. Albertina. Como sabe, eu sou filho

segundo, tenho um pequeno património, que me não rende o necessário para o pão de minha família. Se meu irmão casa, serei expulso daqui. O futuro destas meninas qual será?! Tristíssimo, minha senhora!

– Pois bem! – acudiu Albertina – eu lhe juro pelo santíssimo nome de Deus e da Virgem que nunca hei-de casar com o sr. Simão de Valadares.

– Aceito o seu juramento! – redarguiu Fernando – mas é necessário que esta ideia se desvaneça do ânimo de meu irmão.

– Que posso eu fazer? desenganá-lo? Todos os meus modos, todas as minhas palavras são um desengano. Já lhe disse que amava outro homem...

– Bem! – interrompeu Fernando de Valadares. – Chegámos ao ponto. essencial. Sei que V. Ex^a ama outro homem; e, pelo amor que lhe tem, lhe peço que me consinta uma outra pergunta, tendente à felicidade de ambos: Por que motivo se não une a esse homem que ama?

– Bem sabe que mo impede meu pai.

– Sei; mas, se de outra vez se desembaraçou da vontade caprichosa de seu pai, porque não tenta uma segunda fuga? Porque se não metem em Espanha, e lá se casam oportuna e sossegadamente?

– O homem que eu amo é pobre – respondeu Albertina, vencendo nesta confissão a resistência da natural vaidade.

– Também sei que é pobre; mas, ao mesmo tempo, tenho notícia de que é honrado. Porventura, se ele quiser dinheiro, faltará um amigo de V. Ex^a ou dele que lho empreste?

– Não sei... – disse Albertina. – Ele cuida em obter meios para a nossa fuga; mas V. S^a, pela boa sorte de suas filhas, não nos descubra.

– Oh! minha senhora! por quem é, não me desdoure assim no seu conceito! Pois não sou eu mesmo quem está aconselhando a fuga, porque a julgo uma necessidade extrema, embora eu seja pai, e como tal deva aconselhar a obediência a uma filha! Mas especialíssimas são as circunstâncias de V. Ex^a. Os ditames de submissão filial, neste caso, seriam empeçonhar-lhe a existência para sempre, minha senhora. Seu pai está cego de orgulho, e não vê o abismo em que despenha a sua querida filha. O tempo. foge-nos, e eu receio que Simão a ande procurando. Em resumo, sr^a D. Albertina, eu ofereço a V. Ex^a e ao cavalheiro que a ama um conto de réis que tenho das minhas economias. Este dinheiro pagar-me-ão, quando puderem, e, se nunca puderem, esqueçam o credor, e lembrem-se do amigo. Agora peço mil perdões da afouteza com que falei neste assunto grosseiro de recursos a uma senhora, que ignora o valor das misérias reais da vida. Além do dinheiro, ofereço-lhes uma carta, que entregarão em Tui a um meu amigo. Este os conduzirá onde quiserem ir, e lhes desempecerá alguns obstáculos que impeçam à sua união. É o mais que posso e o menos do que desejo fazer-lhes.

– É muito – exclamou Albertina com sumo júbilo, e lágrimas de reconhecimento. – Vou escrever, e espero que o meu infeliz amigo aceitará o empréstimo.

– Deus o permita concluiu Fernando de Valadares, contentíssimo do êxito da sua traça generosa, perdoada a intenção da generosidade.

Aqui está, portanto, outro enviado da Providência, quando os dois contrariados amantes se julgavam em completo desabrigo.

Deu-se pressa a filha do doutor Negro em escrever a João Crisóstomo, mediante a desvelada amiga de Braga. Encontraram-se no caminho as duas cartas consoladoras. A do Porto vinha contando o diálogo com Agostinho José Chaves e rematava pedindo o aplauso de Albertina para haver o dinheiro.

Porém, no mesmo dia em que João Crisóstomo escrevera, recebeu ele de

Albertina uma dolorosa exposição das amarguras que a fariam soçobrar na casa de Barbeita, comprovadas por uma carta do doutor Negro, que ela incluía na sua. Podia e implorava Albertina que a salvasse, ou a deixasse morrer às suas próprias mãos, que já não podia com tão aturada desgraça!

«Nem um intervalo de sossego! – escrevia ela. – Deitar-me e erguer-me a chorar! Saber que me levanto para ler no rosto de minha mãe uma abjecta e cruel ambição, no rosto destas mulheres um refalsado sorriso com que mascaram o rancor, e nos olhos deste perseguidor uma meiguice estúpida que me enoja, um ultraje permanente ao meu coração, que todos querem meter debaixo dos pés, porque sabem que amo um homem pobre! A miséria! a miséria e a morte com o teu amor, longe de tudo isto, ó meu caro amigo! Salva-me, salva-me, que eu não sei se poderei contar com a minha coragem para viver amanhã...»

Lido isto, João Crisóstomo dispensou resposta à sua carta, e escreveu imediatamente a Agostinho José Chaves, pedindo-lhe o empréstimo de cento e cinquenta moedas com hipoteca da sua honra.

Que hipoteca! – dirá o meu leitor se é tabelião, que nunca lavrou escritura com tal espécie de hipoteca. Muita outra gente exclamará com o tabelião, e, desde este ponto, duvidará da verosimilhança de um romance em que se trata da honra como coisa hipotecável.

A resposta de Agostinho José Chaves foi pronta e simples: «Amanhã, ou mais tardar depois, aí estou com o dinheiro que vossemecê me pede, e muita vontade de o servir no mais que for do seu gosto. De vossemecê, etc.»

Que homem! que homem tinha Portugal em 1815!

No segundo dia em que João Crisóstomo esperava o benfeitor da Póvoa de Varzim chegou a carta de Albertina com a proposta de Fernando de Valadares. O morador do terceiro andar da rua dos Pelames maravilhou-se da superabundância de contentamentos que lhe chovia a divina Providência, e escreveu logo a Albertina, aceitando simplesmente a carta de reconhecimento para Tui.

Chegou Agostinho José Chaves, e disse:

– Graças a Deus! Eu estava a reear que o diabo protector do preto me contrariasse os meus bons intentos! Vamos ao cerro do cafre: desta vez há-de-lhe suar a carapinha à falta de topete. Vamos a saber, que eu interesse-me nas menores coisas da sua fortuna. Já combinou com a pequena a ida para o Brasil?

João Crisóstomo mostrou a sua correspondência, e disse:

– Como já sabe, rejeitei o oferecimento do conto de réis...

– Se o aceitasse, tinha em mim um inimigo declarado por toda a vida – atalhou o Chaves.

– Mas – continuou o moço – resolvi ir primeiro a Espanha receber minha esposa, e depois embarcaremos de lá para o Brasil.

– Faz muito bem: é bem pensado o plano. Podendo ir ligado com a menina à face da igreja, levam as suas consciências mais tranquilas, e em toda a parte serão tidos em melhor conta. A virtude, quando há dinheiro, é azul sobre o ouro, ou ouro sobre o azul, que leva tudo as mesmas voltas. Aqui tem vossemecê – prosseguiu Agostinho José Chaves tirando rolos de peças e prata das amplas algibeiras da casaca de saragoça-duzentas moedas. Cento e cinquenta são as que pediu para pagar quando lhe não fizerem falta. As cinquenta moedas, que vêm a maior, ofereço eu à sr^a D. Albertina como prenda de casamento.

– Mil graças! – clamou João Crisóstomo. – Mil graças à sua bondade, que excede a medida da benquerença humana! Veja estas lágrimas, sr. Chaves!

– Não posso – atalhou ele sorrindo – que sou muito curto de vista. Nada de

lágrimas! Alegria, e mais alegria! Quando vai o senhor tirar a pobre menina desse inferno?

– Poderei demorar-me quinze dias em arranjos e combinações. Tenho de me entender com um cavalheiro de Braga, a quem devo grandes finezas. Não sei se ela poderá fugir sem estrondo, ou se me será preciso recorrer à violência. Convém ir preparado para tudo, visto que o tal Simão está suspeito.

– Faça a coisa de modo que não desnoque alguma perna – reflectiu Chaves. – O melhor é que ela fuja sem estrondo, nem desconfianças do preto... Cuidado com o número um, sr. João! Esta gente lá da serra anda afeita a atirar aos lobos, e matam um homem com uma sem-cerimónia que não lhe digo nada. Olhe cá, sr. João Crisóstomo, vossemecê agora, nestes dias que por cá se demora, não torna a casa do tabelião Ferreira?

– Hei-de tornar todos os dias – respondeu João Crisóstomo – porque não posso estar ocioso, nem quero suscitar desconfianças. Eu sei que o doutor Alpedrinha pergunta por mim ao tabelião Ferreira.

Faz muito bem; acho isso muito acertado, e é boa ocasião de vossemecê me fazer um favorito.

–Pois posso ser-lhe útil em alguma coisa? Dê-me a felicidade de o servir, sr. Chaves.

– É uma coisita, que lhe não custa nada, meu amigo. Ora ouça lá.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

Agostinho limpou os óculos, e continuou:

– Eu tenho desejo de ver uma escritura de compra de uma fazendória, que meu pai, Deus lhe fale na alma, comprou há coisa de vinte e cinco anos. Acho que foi em 1790. A nota onde a escritura foi lavrada está no cartório do tabelião Ferreira. Se o meu amigo, não lhe custando isso, poder trazer-me a nota por um ou dois dias, faz-me muito favor.

– Isso é muito fácil, sr. Chaves – disse o amanuense – e não pode chamar-se favor grande nem pequeno. Hoje mesmo, se o senhor quiser.

– Quando lhe lembrar, meu amigo. A nota, como lhe disse, é de 1790. Ora agora, se lá vai hoje, eu volto por aqui ao fim da tarde; e depois de amanhã, cá estou com ela. É pr'amor de uma teima de água de rega, que me tem dado zangas; mas não quero entrar em demanda, sem ver como a escritura está lavrada.

– Pois tenha a bondade de vir aqui às cinco horas, meu bom amigo.

João Crisóstomo, a ocultas do tabelião levou para casa a nota, que entregou a Agostinho José Chaves.

Volvidos os dois dias marcados, apareceu o proprietário da Póvoa de Varzim a restituir a nota, dizendo:

– Aqui está com mil agradecimentos. Como vossemecê ainda cá se demora no Porto, eu hei-de aqui voltar com o meu letrado para ele examinar a escritura, se o sr. João tiver a bondade de a trazer outra vez.

– Mas – atalhou o moço – não será melhor que o sr. Chaves a conserve enquanto precisar dela? Provavelmente o tabelião não tem que trasladar da nota por estes quinze dias; e então, quando a dispensar, o senhor fará favor de a trazer.

– Como vossemecê quiser, sr. João – tornou Agostinho. – Nesse caso, levo-a, e, passados quatro dias, aqui estou.

Dois dias depois, estando o amanuense do tabelião à mesa do trabalho no escritório, entraram uns lavradores pedindo a cópia de uma escritura de venda de bens a retroaberto, lavrada na nota do antecessor.

– Em que ano? – perguntou João Crisóstomo.

– Em 1790.

– Esquisita coincidência! – disse entre si o amanuense –. Felizmente que estou sozinho! – E respondeu aos lavradores:

– Não se pode fazer já esse serviço; venham passados seis dias, procurar o traslado da escritura. Digam lá os nomes de compradores e vendedores.

– O comprador foi Gervásio Alves da Quintã – respondeu um dos lavradores. – Os vendedores a retroaberto, com prazo marcado de vinte e cinco anos, que acabam em Dezembro, foram Sebastião França e sua mulher Comes, naturais de Fânzeres. A compra foi por quarenta mil cruzados. E vai agora – continuou o lavrador – o filho do sujeito que comprou diz que...

– Não tenho nada com o que diz o filho do comprador – interrompeu João Crisóstomo –. Venham vossemecês procurar a escritura findos seis dias.

Quando Agostinho José Chaves voltou com a nota, o amanuense contou-lhe o notável caso de ser pedido traslado duma escritura da mesma nota. Chaves deu ares de afligido com o dissabor do seu amigo; este, porém, tranquilizou-o, asseverando-lhe que não tivera a menor inquietação, visto que o tabelião ignorava ainda o pedido do traslado.

Agostinho perguntou ainda sobre que versava a escritura pedida. João deu-lhe as poucas ideias que tinha de as ter escrito no seu livro de apontamentos, coisa em que o

interlocutor fez nenhum reparo aparentemente.

– E agora? – perguntou Chaves. – Quando é a partida?

– Passados oito dias.

– Que faz vossemecê agora aqui?! Parece que pode bem com a saudade!.... – redarguiu Agostinho – Eu, no seu lugar, ia já. Está lá a pobre menina oprimida, Deus sabe quanto, e vossemecê aqui à espera de não sei quê!

– É que eu consultei o meu amigo de Braga, e espero resposta.

– Que resposta? perdoe a minha confiança. Nestes casos, sr. João, o melhor amigo é o dinheiro. Conselhos, os melhores, é o dinheiro que os dá. Sabe que mais? Parta daqui amanhã. Vossemecê vai alugar duas boas cavalgaduras até Valença. De noite, vai a Monção, e de madrugada está na tal aldeia. A menina põe o pé fora da porta, e salta para cima do cavalo. Em Valença, deixa vossemecê o barco tratado, e assim que chegam, embarcam para além. Depois que saltarem em Tui, façam para cá uma figa ao preto. Está por isto? As cavalgaduras quem vai arranjar-las sou eu, que eu sou homem para tudo. Está decidido?

– Mas é necessário avisar a senhora de Braga, para ela prevenir Albertina.

– Pois parta para Braga – retorquiu Agostinho – e espere um dia para dar tempo à ida do aviso. Saia do Porto, meu amigo.

– Estou decidido! – exclamou João Crisóstomo. – Mas vou ao correio procurar carta de Braga.

– Vamos juntos, e lá resolveremos, se devo ir alugar os cavalos.

Saíram para o correio. Agostinho levou João pelas travessas e becos menos concorridos. Ao desembocarem de uma viela numa rua de passagem, um caminheiro, ao perpassar por eles, encarou em Agostinho, e disse-lhe:

– Adeus, sr. Alves!

Agostinho passou como quem não ouviu, e o transeunte cumprimentador parou de admirado do seu engano, ou da grosseria do seu conhecido.

– Aquele homem – disse João Crisóstomo – chamou-lhe *Alves*.

Agostinho pôs a trompa na orelha, e disse:

– O quê? Chamou-me Alves?

– Sim, senhor.

– Enganou-se, que eu, desde que o dei a criar, nunca mais o vi.

E riu-se da sua graça.

O incidente passou, sem deixar no ânimo do moço a mais leve impressão de suspeita. O enganar-se com o sujeito outro que ia passando, era coisa de nenhuma advertência.

Tinha João Crisóstomo carta da senhora de Braga, com a incluída de Albertina. Era um aflitivo aviso de que o pai escrevera a Simão Valadares, anunciando-lhe a ida a Barbeita; e também escrevera à mulher, azedado contra a filha, e resolvido a ir pessoalmente obrigá-la a ser feliz com o excelente marido que a fortuna lhe oferecia a ela, tão indigna de tal esposo. Concluía Albertina apressando o desfecho, para se não complicarem os obstáculos à fuga. Era ela quem traçava o plano. Ao dar da meia-noite, quando a mãe dormisse, havia de saltar da janela ao pomar, e auxiliada por Fernando Valadares, sairia pelo portal, onde João a estaria esperando com os cavalos.

– Que lhe disse eu!? – exclamou Agostinho Chaves. – Parece que adivinhava! Meu amigo, vá preparar a sua bagagem, se tem que levar, que o melhor é ir escoteiro e leve. Às dez horas da noite estão as bestas no largo da Aguardente. Lá daremos o último abraço. Adeus até às nove horas.

João Crisóstomo avisou Albertina da noite e hora da sua chegada, e foi colocar a nota na estante do escritório, e despedir-se do tabelião Ferreira, dissimulando uma ida a

Vairão na tentativa de reconciliar-se com seu pai. O tabelião elogiou-lhe os seus bons serviços, recomendando-lhe que fosse sempre honrado, que alguma hora deixaria de ser infeliz. Por último adeus, brindou-o com uma gratificação, devida à zeladora energia com que o amanuense curara dos interesses da sua escrivãzinha, trabalhando por noite fora, além do contrato, quando era preciso dar vazão aos encargos.

Confessava João Crisóstomo que uma grande tristeza lhe enturvara o ânimo, a ponto de sentir-se como trespassado de incompreensível remorso, ao despedir-se do tabelião.

À hora convencionada encontrou no largo da Aguardente os cavalos, e um arneiro. Agostinho José Chaves agourou-lhe prosperidades sem conta nem medida, e viu-o partir, com semblante melancólico.

João Crisóstomo, quando chegou à Terra-Negra, e viu o caminho da casa de seus pais, repuxou a rédea, parou e disse no secreto de sua alma:

– Nunca mais! Nunca mais te verei, meu pai! Nunca mais ajoelharei. na sepultura de minha mãe. Sei que se acabou para mim a pátria, a terra da infância, as flores que ainda sorriem no pobre torrão do desgraçado que lá nasceu!

O coração doeu-se deste pesar de espírito. O moço cuidou que estava assim, com estas meditações, ofendendo o amor da mulher que tudo abandonava por ele. Deu de esporas ao cavalo, e nunca mais voltou o rosto para os sítios da sua terra.

Deteve-se em Braga poucas horas, contando os seus desígnios à dama e ao cavalheiro protectores.

Seguiu jornada de dois dias e meio, e esperou a noite para entrar em Valença. O arneiro, industriado por Agostinho Chaves, saiu a dispor o barco de passagem do Minho. Aqui se lhes antepôs um estorvo que afligiu João Crisóstomo. As ordens na fronteira era apertadas. Nenhum viajante passava o Minho, naquele ponto, sem passaporte limpo de toda a suspeita. Este empeco escapara à providência do solícito amigo Chaves. À falta de passaporte, supriria o abono de pessoa idónea. João Crisóstomo lembrou-se de Fernando Valadares; mas naquela mesma noite o esperava Albertina: havia incompatibilidade de tempo, e desconcerto no plano. Lastimou-se o perturbado moço ao arneiro, como quem não tinha mais inteligente espírito que o aconselhasse. O arrieiro sabia mais que ele dos processos sumários em removimento de dificuldades. Pediu autorização para apelar da lei para o tribunal do dinheiro. Munido de poderes, em vez de comprar um barqueiro que recebesse os fugitivos num ponto do rio, desguarnecido de sentinela, foi direito à fonte limpa, e comprou o comandante da guarda, e compraria o próprio governador da praça, e compraria a própria regência, dizia ele, se estivesse de tempo e pachorra.

Entretanto, vamos ver o que vai em Barbeita.

Simão de Valadares, nestes últimos dias, denotou transversão de juízo. Ninguém se fez. Cinquenta e tantos anos a dar provas de uma sensatez exemplar para, afinal, sair ao mundo com as cãs enxovalhadas pela irrisão! Que pena ver em quão pouco está a força, a dignidade, e o juízo do homem!

Improbe amor, quid non mortalla pectora cogis?

Assim que o morgado de Barbeita deu tento da acrimónia do irmão e cunhada, a flama da ira rebentou à competência de intensidade com a do amor. Repellido delicadamente por Albertina, vingou-se na família, bradando que era dele a casa, que por esmola estava sustentando e vestindo uma família de ingratos, e, como ingratos, se fossem à sua vida, e o deixassem senhor de suas acções e bens. Albertina, testemunha deste destempero, acudiu dizendo que ia fugir de uma casa onde ela entrara com a

discórdia, e donde saía coberta de vergonha. A mãe impunha-lhe silêncio, e particularmente lhe observava que se não intrometesse na vida alheia.

Esta perdoável mulher tirava à sua baixa origem e educação. Nascida entre as frouxas da farrapagem de seus pais, adeleiros na rua Chã, deslumbrou-a o aspecto nobiliário da casa de Barbeita, e o antegosto de ouvir chamar morgada à sua filha, e morgadinho ao seu primeiro neto. Afora isto, acrescia o receio da pobreza na viuvez. Todas as mulheres, dos quarenta anos para além, se têm maridos pobres e adoentados, por muito que os amem, cogitam e reflectem na viuvez pobre e falam nisso, como as viúvas indostânicas devem falar na fogueira, ao lado do leito dos maridos agonizantes. A pobreza é uma verdadeira labareda, que as está queimando, antecipadamente, às viúvas desta nossa parte do mundo civilizado.

De mais a mais, a consorte do doutor Negro já tinha visto a vanguarda da pálida necessidade, quando o marido, desvairado pela paixão, fechou o escritório, e disse à mulher: «Estão as portas fechadas, menos à fome, que não tarda a entrar. » Por estas e outras é que ela muito queria ver sua filha casada com Simão de Valadares, ainda que para isso o irmão, cunhada e filhas tivessem de ser expulsas e reduzidas a comerem o caldo que os criados rejeitavam. A este feio sentimento chamava ela amor maternal. Deus lá sabe o que é; e o almotacel das trevas eternas também me parece que sabe alguma coisa disto.

Assim que Simão ouviu a ameaça de Albertina, ficou passado; e, assim que o ensejo lhe deu uma aberta, ajoelhou-se-lhe aos pés, exclamando:

– Mate-me por piedade, antes de fugir!

E, dizendo, ofereceu-lhe um luzente punhal, que Albertina repeliu, partindo a fugir da sala, com as mãos na cabeça.

O morgado ergueu-se, encarou na ponta afiada do ferro, e no lado esquerdo; ergueu ainda o braço, e... Acudiu a esperança, interpondo ao punhal e seio a sua asa branca. Simão embainhou a lâmina, remessou-a com horror, e disse: «Que loucura eu ia fazer! Meu irmão ficava senhor da casa, e a ingrata faria da minha morte um troféu das suas vitórias!»

Que o irmão ficava senhor da casa, isso era de lei; mas que Albertina se desvanecesse de semelhante vitória, quer-me parecer que não. Como quer que fosse ou viesse a acontecer, Simão de Valadares deu ordem aos servos que vigiassem os passos da hóspeda: indiscreta recomendação, que revelou aos criados o desarranjo intelectual de seu amo!

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

À meia-noite daquele dia, Albertina espreitou pelo resquício das portas da alcova em que sua mãe dormia, e viu-a sopitada no primeiro sono, à claridade da lamparina. Escutou o ruído do interior da casa: era completo o silêncio, apenas quebrado pelo pêndulo de um relógio de parede. Puxou a si brandamente as portadas interiores, e espreitou. Entreviu um vulto: devia ser Fernando, que a esperava, segundo soubemos do plano comunicado a João Crisóstomo. De feito, era. Albertina encontrou uma escada de mão, arvorada ao peitoril da janela: desceu com firmeza, sem os saltos de coração, próprios do lance. Era a terceira vez que fugia: as impressões repetidas gastam a sensibilidade.

Fernando de Valadares avizinhou-se mui de manso, e disse-lhe ao ouvido:

– Muito pouca bulha, que meu irmão está fora de casa. Receio que a aproximação dos cavalos levante algum estrondo. Não se assuste a menina, que os criados, prevenidos por ele, também o estão por mim. Aqui a felicidade é chegarmos ao portal sem ele dar fé.

– João Crisóstomo já lá está? – perguntou Albertina.

– Chega neste momento – respondeu Fernando, pondo o ouvido à vagarosa andadura dos cavalos, cujas patas o sagaz arneiro envolvera em panos, que lhes abafavam a estropeada – Vamos! – continuou ele. – Nada de susto!

Eu vou sem medo – observou Albertina – mas terá perigo ele?

– Nenhum. Meu irmão não se atreve...

Nisto, ouviram um grande brado; e logo a voz de Simão chamando os criados pelos seus nomes, e os cães de fila arremetendo ao portal.

– Depressa, depressa! – murmurou Fernando, tirando com desnecessária força pelo braço de Albertina.

Os cães acometeram contra o dono, e sustiveram-se farejando-o, assim que lhes ele falou. Simão batia às portas das lojas e palheiros no outro lado da casa, chamando os criados, que respondiam a grandes brados, sem atinarem, ou fingindo que não atinavam com as portas.

Fernando abriu subtilmente o portal, tomou nos braços Albertina, e assentou-a na andilha. Apertou-lhe a mão, e disse:

– Sejam felizes, e vão sem medo.

Simão Valadares vira-os passar à desfilada, e enrouquecera de súbito com se as válvulas da laringe se lhe grudassem com o último brado de socorro. A criadagem saiu de roldão por todas as portas, apavorando com tiros a passarinhada, que dormia nas ramarias das carvalheiras. Simão ordenava que lhe aparelhassem o *Relâmpago*. *Relâmpago* era a graça do cavalo, que, sem conhecimento do dono, estava encravado. Mandou aparelhar o *Junot*, graça de outro cavalo, assim chamado em afronta ao general francês. O *Junot* tinha o cerro ferido, e escouceava o eguariço. Raivava o morgado como energúmeno. As senhoras já estavam a pé. Fernando saía também espavorido do leito conjugal, com uma clavina aparada, perguntando ao irmão se eram salteadores. A mãe de Albertina, que não achava a filha, não sabia se havia de gritar, se morrer. Era um dia, ou, mais exactamente, uma noite de juízo naquela casa, e na aldeia toda, que se levantara a dar gritos e espingardadas, uns cuidando que o Maneta assaltara as fronteiras de súbito, outros que uma malta de salteadores cercava a casa dos fidalgos.

Simão esvaiu-se de forças, e ficou espasmódico, por fim. A mulher do doutor Negro passou o restante da noite em desmaio interpolado de convulsões. panando de Valadares oferecia-se ao irmão para tudo que fosse necessário. A senhora e as meninas

choravam clamorosamente pela sua perdida amiga. Que clamores! o que fazem senhoras! que engenhosas tramóias! E há quem diga que a imaginação para a comédia e para o romance é uma prerrogativa dos homens! A mais velha das meninas acercou-se do tio Simão, que estava prostrado num canapé. Tomou-lhe a cabeça nos braços, encostou-a ao seio, e murmurou:

– Aquela infeliz não era digna do amor de meu tio!...

Simão fitou-a com os olhos carregados de lágrimas, e suspirou. A menina limpou-lhe as lágrimas com o lenço, e continuou:

– Que mal empregado coração!... Se, ao menos, o mundo não tivesse que dizer da virtude dela!... Quantas meninas puras como o sol desejariam o amor de meu tio!...

Simão abriu outra vez os olhos, alisou a fronte com a mão, sentou-se de salto, e disse:

– Maldita seja ela, que me roubou a paz, a dignidade e a vida!

– Nem a dignidade, nem a vida, meu tio – acudiu meigamente a menina. – A paz ela virá, quando outro coração mais digno lha der. Não o amamos nós todos com tanto extremo?

Simão não respondeu; porém, estas carícias fizeram-lhe bem.

Quem estava inconsolável era a mãe da *fugitiva*. Grave e funda agonia era a da chorosa criatura! Antevia os trances, a loucura, e pode ser que a morte do marido. Como lhe havia de anunciar a nova e irremediável desgraça? Resolveu ir ela mesma encontrá-lo, talvez, no caminho. A senhora da casa instigava-lhe a tenção, para evitar a celeuma do doutor furioso, quando chegasse. Simão era indiferente à saída da hóspeda. A pungida mulher nem já recebia palavra consolativa de ninguém. Aborreciam-na as senhoras, e Fernando disse à mulher:

– Faz diligências para que ela vá para o Porto. Enquanto isto não esquecer e sossegar, a nossa casa há-de estar sempre em desordem. Nunca o preto se lembrasse de Barbeita!

– Arrengo eu o preto! – disse a descendente dos Meios de Ponte. – Tomara eu impontar daqui esta adeleira de não sei que diga! Cuidou a trapalhona que nos vinha par fora de nossa casa! É o que eu estava a ver, que me não ia sem lhe pôr a cara da cor da do marido!

No dia seguinte, pela tarde, a lastimável mãe saiu para Valença, e ali tomou liteira para o Porto. A meia légua de Viana encontrou o esposo. Assim que ele a reconheceu, saltou da liteira, bradando:

– Onde vens tu?! Que é de Albertina?!

A senhora rompeu em alto pranto, e perdeu os sentidos. O doutor sacudiu-a brutalmente, bradando:

– Dá-me conta de minha filha!

Os gritos do homem eram um anti-espasmódico, ao qual não resistiria o histerismo de senhora nenhuma.

– Que é de minha filha?– ululava o pai aflito.

– Fugiu – murmurou ela com um gemido.

– Com quem?

– Com quem havia de ser? Eu não a vi fugir, que estava no primeiro sono; mas havia de ser com o malvado.

O doutor Negro cerrou os punhos, remessou-os hirtos com o vigor de duas catapultas contra o céu, e rugiu:

– Não há Deus!

Disse, e atirou-se para a ribanceira da estrada, arrepelando os cabelos crespos, que não eram dos que se ajeitam mais aos repêlões.

Saiu a esposa da liteira, e foi sentar-se a par dele. O doutor ergueu-se impetuosamente, e bradou:

– Eu te amaldiçoo em nome de Deus, filha perdida!

Não há Deus – tinha ele dito momentos antes. Agora já o reconhecia para o efeito da maldição vingativa. São assim as nossas paixões. Quando pagamos por elas, se a força nos desampara, decretamos a inutilidade de Deus, visto que ele se não honra em nos auxiliar; porém, se carecemos de cevar o nosso ódio com o infortúnio das vítimas que nos fogem, concedemos ao Criador o favor de existir, e em nome dele sentenciamos a condenação de quem se esquivava às nossas garras.

Exceptuemos este infeliz pai do número dos blasfemos a quem o Altíssimo há-de pedir contas. Estas angústias, que bramam a impiedade, deve ter algum desconto na balança do supremo juiz. O homem fê-lo Deus. A maldade é congênere do homem. A responsabilidade do mal, se é inteiramente dele, mal me entendo com a justiça divina. Não pode ser.

O doutor Negro entrou na liteira, e mandou desandar na estrada do Porto.

Denegou-se a ir na companhia da mulher. Nas estalagens, fechava-se no seu quarto, e resistia às instâncias dela, que se desfazia em lágrimas. A criatura que ele amava tanto era como se não existisse para a sua dor. Não tinha ela a expressão suavizadora, que lhe faltavam dons de espírito. O que a pobre senhora dissesse seria tudo coração; mas este mesmo, na mulher idosa, é surdo-mudo, que não entende nem exprime. E, depois, tão carecedora estava ela como ele de lenitivos. As lamúrias irritavam-lhe os acessos, O que o doutor Negro queria era vingança, era ouvir outra vez o estridor dos ferrolhos corridos nas costas do condenado por três, por vinte anos, por toda a vida por uma eternidade de cárcere. O sangue dele e o dela, uma força para ambos, e as infinitas penas do inferno por cima de tudo. É o que ele queria: só quem assim lho. promettesse poderia gotejar-lhe refrigério na chaga, que o retorcia em fúrias de febre traumática.

Francisco Simões, recolhido a casa, chamou a si os amigos mais valiosos, e pediu que o vingassem, O retórico apareceu sem ser chamado, e começou pela vulgaridade de Cícero *Amicus certus*, etc.

Franziu o doutor a testa, e disse:

– Sr. Silva, a sua erudição, vem fora de tempo. Deixe-me escutar os amigos que servem. Esta enfermidade de espírito há-de aniquilar-me!

– *Morbi perniciosiores...* murmurou o sr. Januário, e conteve-se de repelão.

O doutor dera uma upa na cadeira, e o latinista jurou consigo de não falar mais, ainda que o Cícero lhe caísse a talho.

O doutor Alpedrinha continuou:

– Que me dizem, meus amigos? Como hei-de haver à mão os infames? Falem por quem são!

O mais graduado opinou:

– Incumbe primeiro saber onde param.

– Na Espanha– acudiu outro.

– Quem o sabe? – disse o doutor.

– Eu, de uma carta, que recebi de Valença hoje mesmo. Sua filha e o tal meliante saltaram em Tui às cinco horas da manhã do dia 15 do corrente.

– Ordens para Espanha, ordens de prisão! – clamou o doutor Negro, com aplauso de três amigos parvos.

– Pois sim – volveu o mais cordato –; mas investiguemos primeiro se tais ordens são aprovadas pela sã razão.

O retórico rasgou a mordança, e disse:

– *Non debemus quicquam agere, cujus non possimus causam probabilem redere.*

– É de mais, sr. Costa Silva! – bradou o doutor. – Eu vejo-me obrigado a mandá-lo calar!

– O sr. Francisco Simões de Alpedrinha, no auge da sua dor – respondeu placidamente o erudito –, ofende um amigo que lhe perdoa de bom ânimo. Não fui chamado; mas vim. Agora vou-me, como cumpre; mas falarei, embora pouco, substancialmente há-de ser. Chegadas as coisas ao ponto em que as vejo, sr. doutor, o meu parecer é que deixe os fugitivos ao seu destino. Prendê-los em Espanha parece-me incurial, ilegal e inexecutável por arbítrio das justiças. A sua vingança, se ela é justa, o tempo lha trará, que *nihil est quod...* perdão, que as minhas citações estomagam o meu amigo, cujo ódio a Cícero é ainda uma enfermidade de sua alma. Lamento as desventuras de um pai extremoso e tão mal correspondido; mas não o aconselho a solicitar uma vingança que afinal lhe há-de gastar as forças, e abrir-lhe a sepultura. A morte ela virá, amigo e sr. doutor, e com ela o termo de todos os ódios. *Omnium rerum mors est extremum.* É o que se me oferece dizer.

Dito isto, Januário tomou o chapéu, e saiu.

Ao descer as escadas, murmurou:

– *Optima suadere quam difficile est!*

Chegando ao pátio, parou, e monologou:

– *Optima suadere!*... isto não me soa a Cícero. Deve ser de Demóstenes. Hei-de ver a sentença em grego. Seria um desdouro citar Demóstenes em latim!

No entanto, o doutor Negro ouvia colérico o parecer do mais cordato, que abundava no voto do retórico. Os outros membros do conselho, amolecidos pelo latim de Cícero, ou pelas razões vernáculas do homem prudente e mais autorizado, abandonaram-se com ele, e deixaram sozinho o doutor a praguejar contra a egoísta insensibilidade do género humano. Por último, saíram todos descontentes da iracúndia do doutor Negro, e o pai aflito ficou bravejando contra eles em solilóquio.

Fecharam-se as janelas da casa de Alpodrinha. Os clientes, temerosos da demência do patrono, concorreram a pedir os seus processos e sentenças. O doutor mandava-os despedir pelo criado. Vieram em seguida mandados judiciais para a entrega dos autos. Esta série de desgostos sobre-excitaram a angústia do velho. Apareceram os primeiros acessos de loucura, quando António da Silveira foi avisado das novas calamidades daquela família.

A este tempo, o moço transmontano estava já desligado do exército, e vivia no suave retiro da sua aldeia, guarecendo com a soledade meditativa a ferida renitente do seu primeiro amor. Apesar de nenhuma confiança ter em si, obteve de seu irmão morgado alguns recursos, e desceu ao Porto. Anunciou-se ao doutor Negro, foi recebido, e a primeira pessoa que se lhe atirou aos braços foi a mãe de Albertina, clamando:

– Salve-me meu marido, que ele endoidece! Valha-nos pelas chagas de Cristo, que eu não sei o que há-de ser de nós!

O doutor estava no letargo conseguente a um acesso. António da Silveira esperou, e no entanto ouviu a história da fuga.

Recobrado o enfermo, anunciou-se-lhe o amigo.

Francisco Simões estremeceu, e disse:

– Que entre o primeiro homem honrado do globo!

Este dizer preveniu António da Silveira contra a sanidade intelectual do seu amigo.

Assim que o viu, o doutor Negro exclamou rolando os olhos sanguíneos:

– Quero beber o sangue do celerado que me leva a filha, a honra e a vida! Quero a cabeça dele, e o coração dela!

António da Silveira encarou-o com severidade, e disse:

– *Surge tandem, carnifex!* «Ergue-te daí, algoz!»

O doutor Negro fitou-o com pavor, e disse com ofegante anseio:

– Quem vem insultar um moribundo? Pois nem a morte é respeitável ao escárnio do mundo?

António da Silveira abeirou-se do leito do doente, e disse com maviosa serenidade, tomando-lhe a mão convulsa:

– Sr. dr. Alpedrinha, da borda do abismo, onde a mão da sua soberba o quer despenhar, levante os olhos para cima, e veja Deus. V. S^a lançou de si com desprezo uma tábua salvadora, quando as ondas amaríssimas da vida se cavaram em redor da sua alma enfraquecida pela religião. A piedade era o salvamento. A conformidade era o triunfo. A caridade era o anjo bom que o chamava a perdoar e abençoar a união de sua filha. V. S^a consultou os mestres do orgulho, folheou o seu Voltaire, e não encontrou lá o ditame do perdão da injúria, nem a bandeira da misericórdia com que devera cobrir a pureza de sua filha, manchada pela difamação. A soberba está aqui sentada à cabeceira desta cama, com um braço enroscado na sua garganta. Se do outro lado estivesse uma cruz, a vitória da honra seria certa. Não vejo um sinal do cristão enfermo em volta deste leito: é forçoso que as más paixões o dilacerem. Ali fora encontrei uma senhora chorando. Chora porque perdeu a filha. Chora porque vai perder seu marido. Chora porque há-de sobreviver ao esteio que se lhe quebra para estender a mão à caridade pública. Valia bem a pena que V. S^a obrigasse o pai daquela desgraçada mulher a ceder-lha para um fim de vida tão desprezado!... Há-de o sr. doutor acabar aí com este peso de remorso sobre o peito!...

Francisco Simões sentou-se arrebataadamente na cama, e bradou:

– Cale-se! cale-se que me abafa!... Deixe-me morrer, que eu não tenho já espírito que se levante a Deus!

– Pois Deus baixará até ao seu espírito! – redarguiu António da Silveira. – Experimente, meu amigo. Chame a divina fé em seu socorro. Veja se pode apagar com lágrimas esse brasido que lhe requeima as entranhas. Peça ao Senhor a felicidade de sua filha. Perdoe-lhe a ela, perdoe ao homem que lha roubou.

– Nunca! – bramiu o doutor Negro. – Nunca! nem às portas do inferno com a recompensa de bem-aventurança eterna!

António da Silveira inclinou-se sobre o ombro do frenético, e disse-lhe com lágrimas:

– Perdoe-lhes, meu bom amigo. Abra o seu coração a uma gota do sangue do Redentor.

– Nunca! – bradou ainda o doutor Negro, e saltou com gestos pavorosos do leito.

Silveira amparou-o nos braços com grande esforço, e sentou-o prostrado numa poltrona. Francisco Simões fechara os olhos, e transpirava um suor frio. Quando voltou a si exclamou:

– Hão-de ser mais desgraçados do que eu sou!

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

A tentativa da cura pela religião foi ineficaz. O médico era muito novo, e o doente muito velho. Careciam de unção e gravidade as palavras apostólicas de Antônio da Silveira: faltava-lhe a majestade das cãs e a magnificência impressiva das vestes sacerdotais. Porém, a mais considerável deficiência era a do espírito obcecado do doutor Negro: eram cinquenta e tantos anos de indiferença religiosa, ou, ainda pior, de menospreço filosófico.

Certificam pios escritores e narradores que uma grande catástrofe moral tem bastado a reduzir à fé corações empedernidos pela impiedade. Convenho na veracidade destes admiráveis triunfos de religião; todavia, ousou certificar que há ímpios tão refractários, ou tão entranhadamente ímpios que, assoberbados pelas angústias, inferem delas a confirmação de sua impiedade. Falarem-lhes em religião, quando o ar da vida lhes falta à ânsia do peito, é escalavrarem-lhes a chaga. Da parte deles está o demónio, que é um cerrado argumentador às vezes, como ponderam grandes santos.

O consolador piedoso diz ao ímpio inconsolável: «Conforme-se, que a dor é um legado comum. Aceite esse cálice em desconto dos seus pecados. Considere e veja que não há virtuoso sem penas. Como não há-de senti-las quem procedeu iniquamente?»

O demónio move a língua do ímpio, e responde: «Eu conheço duas dúzias de infames, a qual mais contente e feliz. Alguns sobreexcedem a protérvia dos outros, ostentando a sua falsa religião. Se há Deus, a impiedade deve ofendê-lo; mas a hipocrisia é um acrescento de escárnio à ofensa. E os impostores da fé, se não chegam primeiro à baliza da prosperidade cobiçada, chegam ao mesmo tempo que os afoutos do seu despejo e desdém dos preceitos sociais. O desastre de um ladrão inexperto não prova que a Providência castigou os trezentos ladrões prosperados. A queda de um perverso de mulheres, varado pela bala de um pai ou de um irmão, não implica à impunidade de centenas de perversos, que fecham o curso da vida afortunada com a morte sossegada do justo; e, quando Deus e os jornalistas querem, com uma necrologia em que é decretada ao morto a immortalidade da virtude. A perdição de uma adúltera não empece que milhares de adúlteras se gozem do crime e da impunidade.»

Aqui retiramos a palavra ao demónio. Seria o maldito capaz de tomar conta do romance, e levá-lo ao fim de um jacto, deixando a ver-se em cada capítulo, como usa em todas as obras dele, um pêlo da sua hedionda cauda – castigo justo, e advertência à gente para que não possamos alegar ignorância.

É preciso, porém, responder ao desmoralizador que nos faz discursos daquela amostra pela boca das sumidades literárias. Quando ele se aborrece de endiabrar o espírito dos romancistas, vendedores a retalho da peçonha, entra no corpo dos filósofos, de certos filósofos ressabiados dos mestres franceses do grande século, e nestes é que o expulso da glória armazena a corrupção por atacado. Um ímpio, que elaborou a sua certeza do nada além da campa consultando os oráculos da filosofia, não há desgraça que o derrube, nem ciência que o desande do plano inclinado. Era assim o doutor Negro: era daquele teor, que fica estampado, a sua dialéctica em controvérsia com Antônio da Silveira, salvo o concernente a jornalistas e necrologias que as não havia então.

O transmuntano, mais religioso de coração que de estudo, replicou ao ateu confesso que a hipocrisia era uma máscara tão inútil que todos a arrancavam da cara do impostor.

Que a sociedade muitas vezes era injusta, acoimando de hipócrita o homem ajoelhado com fervores de infeliz, e talvez em agonias de remorso, diante do altar, feito

pedra de escândalo para os julgadores das consciências.

Que a ostensiva impunidade de um malfeitor não induzia à negação da Providência; porque há torturas recônditas, incoercíveis ao nosso alcance; e porque há uns exteriores de contentamento, semelhantes aos lagos límpidos, em cuja vasa lodacenta se revolvem es crocodilos.

Que a hora da expiação do criminoso não soa pontualmente quando apuramos o ouvido a escutá-la. Que o considerar bonançosa e repousada a morte do maquinador de desgraças, é uma absurdeza que implica a estúpida negação do sentimento do bem, implantado pelo criador em todas as almas.

Que o incrédulo acaba tranquilo, se viveu segundo as leis da justiça; mas que o religioso morre atormentado dos vapores de outra existência, se a sua religião o não enfreou nos ímpetos da sua perversidade: porque há uma incredulidade que não lesa a virtude, e há uma religião que não empece ao vício.

Que, finalmente, a divina Providência, quando agravava a um padecente o peso da sua cruz, não dava a razão da sua maneira de castigar os maus que se nos antolham desoprimidos de algum gravame.

O doutor Negro, ouvidas as razões do cândido evangelizador, sorriu-se, e murmurou:

– É fácil coisa ser missionário, quando se não é desgraçado.

António absteve-se de redarguir. Esta razão final do enfermo, dita num tom de apiedar a misericórdia do céu, comoveu-o. Verdadeiramente aquele sentir só os grandes infelizes o experimentaram.

Como quer que seja, o espírito de Francisco Alpedrinha aquietou-se algum tempo. As febres eram mais espaçadas, e os exasperos menos frequentes. António da Silveira falava-lhe da filha, estimulando-o a chorá-la. Se a provocação atraía vociferações rancorosas, o moço escutava-as sem contrariá-las. No decurso de alguns dias, as irritabilidades eram frouxas e momentâneas. Não vingara a catequese religiosa o que a natureza ia conseguindo. Porque não? A natureza é o altar; a religião é o sacerdote. Deus lá está para adorar-se sob o seu dossel de estrelas. Mas que os incensos não vaporem na ara santíssima: que tem isso? É sempre Deus. É sempre a natureza que influi os bálsamos das ânforas divinas no seio dolente do filho bom e do filho desamoralável.

Silveira assistiu ao enfermo durante dois meses de morosa convalescença. Por si e seus conhecidos despersuadia o boato corrente da demência ou próximo fim do doutor Negro. Os velhos amigos do homem, ameaçado pelo menos de pobreza, sumiram-se naquelas nuvens de que fala Ovídio nos versos *Donec eris felix*, etc.

Temiam-se de serem importunados para costear as despesas do enfermo, ou ampararem depois a viúva. Aqueles que se haviam cotizado para os seis mil cruzados da compra, infaustamente negociada pelo eco de Cícero, deram graças à boa fortuna que malogrou o emprego de um capital improdutivo, perdido talvez; e protestaram salvar a sua nímia bondade dos azares supervenientes. O próprio retórico não voltou a casa do doutor, em consequência de lhe terem lá abafado os respiradouros da latinidade.

Já a razão do doutor Negro se ia aclarando o bastante para ver a solidão em que o deixavam os amigos. Quando nisto pensava, vidravam-se-lhe de lágrimas os olhos e, se António da Silveira estava ali, chamava-o para perto, pedia-lhe a mão, e convulsamente lha apertava, dizendo entre soluços:

– Que é dos meus amigos? Que é dos homens a quem eu servi gratuitamente vinte anos? Onde estão uns poucos que me chamavam o salvador das suas fortunas e honras? Acaso, minha mulher pediria esmola a algum? Decerto não, que eu tenho mandado vender as minhas pratas, as jóias que eram de minha mãe, e haviam de ser de minha

filha. Amanhã venderei es livros, depois este leito, depois o último farrapo desta casa; mas não pedirei favor a ninguém, porque, morto eu, não haverá quem o pague.

– A que vem aqui a morte? – interrompeu António da Silveira. – Muita vida é o que nós queremos para vermos que amigos tornam depois. É um espectáculo digno de ser visto, e, sem a vida, perde-se o quadro de costumes. Merece o incómodo de viver um caso destes.

Vale bem a pena morrer num mundo assim! – emendou o doutor.

Eram corridos vinte e cinco dias depois da fuga de Albertina, quando Francisco Simões recebeu a seguinte carta, escrita na Corunha:

«Meu pai. Eu sou feliz. Lembram-me as suas palavras, quando eu era menina: «Ver-te-ei eu mulher e feliz, minha filha?» Deus permite que eu lhe possa dizer que o sou: Menti, mentiu o meu coração. Falta à minha felicidade a sua, meu querido pai.

Estou casada com João Crisóstomo desde o segundo dia da minha fuga de Barbeita. Ajoelhei dando graças ao Senhor no altar do templo, como o faria se saísse dos braços de meu pai, e recebesse da mão de minha mãe na frente a coroa de pureza. Adoro meu marido, porque ele me estremeceu como irmã até à hora em que o sacerdote nos disse que Deus e os homens abençoavam a nossa união.

De Vigo, onde nos casámos, saímos para a Corunha, dois dias depois. A nossa subsistência depende de trabalho. Soubemos que uma família ilustre precisava de uma mestra de piano. Vim oferecer o que sei desta prenda, que devo à desvelada educação que meu pai me deu. Aceitaram-me com bom ordenado. Felizmente, na mesma casa há meninos que aprendem a língua francesa. João Crisóstomo é o mestre, e ganha tanto como eu. Já nos sobeja ao necessário, bendita seja a estrela que nos guiou!

A nossa alegria é turbada pelo desprazer do ódio de meu pai. Falta-nos a sua amizade: não lhe pedimos mais nada; e, se isto é demasiado rogar, dê-nos o seu perdão, que nós, com o tempo, lhe mereceremos a estima.

Beijamos a sua mão e a de minha mãe. A liberalidade divina os encha de alegrias e da caridade que dá a felicidade a quem perdoa. Sua filha extremosa – *Albertina*.»

O doutor Negro recusara ler a carta. Foi António da Silveira que a leu resistindo às frequentes investidas que o velho fez no propósito de rasgá-la.

Concluída a leitura, o doutor estorceceu os dedos, e exclamou:

– A ironia sobre a afronta!... o escárnio depois do insulto!...

– Nem ironia, nem afronta – disse Silveira, – Não há dizer mais humilde nem singelo. Onde vê V. S^a o escárnio nesta carta suplicante?

– Onde vejo o escárnio? Dá-me parte do seu casamento! Que ultraje!...

– Se ela lhe desse parte da sua desonra, que nome dada V. S^a ao descaramento? – redarguiu o transmontano.

– Não sei – bradou o doutor Negro. – Deixemo-nos de argumentações especiosas. Tire-me essa carta de diante dos olhos, e, se não se peja de escrever a essa perdida, que fui minha filha, diga-lhe que me não insulte, que não cuspa no rosto de um moribundo!

António da Silveira guardou a carta, e calou-se.

Naquele mesmo dia escreveu a Albertina, relatando o mínimo do efeito da sua carta ao pai. Aconselhava-a delicadamente a reservar para mais tarde as suas solicitações de perdão e amizade. Falava-lhe do estado ainda oscilante da razão de seu pai, e admoestava-a a não contribuir, involuntariamente ainda, para o exaspero do mal. Dava-lhe os emboras da sua felicidade, e dizia que era de esperar nunca outro sentimento viesse desluzir as venturas presentemente gozadas.

Albertina, digamos leal verdade, punziu-se medianamente no tocante ao desprezo

em que o pai a tinha; mas doeu-se do receio da loucura manifestado por António da Silveira. Carpiu o infortúnio de sua mãe, se o pai morresse; e o desamparo de ambos, se a demência o inutilizasse para o trabalho.

João Crisóstomo enxugou-lhe as lágrimas, asseverando que os lucros de ambos sobejavam à parca e decente sustentação de quatro pessoas, e acrescentou:

– Assim que eu puder pagar ao nosso amigo Chaves as cento e cinquenta moedas, fico desembaraçado para maiores despesas. Se não fossem as vinte que me custou a passagem do fio, e as trinta empregadas na mobilação desta casa, já hoje me desempenharia.

– Mas não tens tu – observou Albertina sorrindo – as minhas cinquenta moedas da prenda do casamento? Empréstas a ti, queres? Depois mas irás pagando em prestações com o pequeníssimo juro de um beijo. Está contratado?

– Está – respondeu Crisóstomo antecipando o juro de todas as prestações imagináveis. – Vou procurar o negociante para a transferência do dinheiro. Encarregamos o nosso bem Silveira de receber no Porto a quantia, e ao mesmo tempo escrevo a Agostinho José Chaves para que vá recebê-la. E – ajuntou com veemente alegria – não temos dívidas! Começamos a viver exclusivamente do nosso trabalho.

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

António da Silveira leu ao doutor a carta de Albertina, e a ordem de receber cento e cinquenta moedas para entregar a Agostinho José Chaves.

– Quem é Agostinho José Chaves?! – perguntou Alpedrinha para saber a quem devia entranhadamente odiar.

– Não sei: diz a ordem que ele é da Póvoa de Varzim.

– Desejo conhecer esse instrumento da minha desonra – tornou o doutor, cobrando forças milagrosas. – Queria ver um homem que emprestou cento e cinquenta moedas a outro, tal como o infame, para ele custear as despesas de um rapto! Veja se consegue mostrar-mo, sr. Silveira.

– Será possível – disse o moço para o não irritar com a contradição.

Decorreram quinze dias, e Agostinho José Chaves não aparecia. Escreveu António da Silveira para a Póvoa de Varzim, e não teve resposta. Sua família chamava-o à província com pressa, e ele queria deixar o dinheiro em posse do seu dono. Foi à Póvoa de Varzim: perguntou por Agostinho José Chaves, e ninguém dava informações de tal homem, nem de tal nome. Apenas o administrador do correio disse que algumas vezes entregara cartas sobrescritadas assim. Participou o estranho sucesso a Albertina, depositou o dinheiro em casa do negociante que lho entregara com ordem da Corunha, e foi a casa assistir ao casamento de seu irmão mais velho.

Ao mesmo tempo, João Crisóstomo recebia de Agostinho José Chaves esta lacónica resposta:

«Dei, não emprestei o dinheiro. Mande-o receber onde ele está. Sem objecto para mais, seu amigo – *Agostinho José Chaves.*»

Escandecceu-se a cabeça de João Crisóstomo a combinar semelhantes desconchavos. Chaves escrevia da Póvoa; Silveira não achava na Póvoa notícia de tal homem. Se havia mistério, que tinha ele com isso? Se o nome era suposto, que interessava o generoso sujeito no fingimento? A dádiva de dinheiro tão avultado a quem podia pagá-lo, sobre que méritos era feita?

João Crisóstomo respondia incoerências a estas perguntas, Albertina encolhia os ombros, e dizia:

– Aqui há uma coisa extraordinária!

Faça-se a luz neste caos. O leitor quer e tem direito a desembaraçar-se do enredo em que se acham ilaqueados os dois felizes da Corunha. *Felizes!*... santo Deus! como eles se enganavam, e como o mundo se enganaria com eles, se os visse, tão sós numa só alma e consciência, tão embevecidos nos contentamentos do trabalho, gizando fortunas para longos anos!

Poucos dias depois da saída de João Crisóstomo, instaurava-se no Porto um litígio de nomeada.

Era o caso que um lavrador de Fânzeres, avisando um rico proprietário ide Vila Nova de Caía para receber quarenta mil cruzados de uns bens que seu pai comprara a retroaberto e prazo determinado em 1790, o proprietário viera dizendo que a compra fora feita *in perpetuum*, e portanto não restituía bens que eram muito legitimamente seus.

Acudiu o lavrador a tirar traslado da escritura na nota do tabelião Ferreira, e achou que o traslado rezava da venda para sempre. Requereu de novo o exame da nota, e os advogados adversários, logo nomeados, um por parte de Joaquim França, filho do vendedor, e outro por Caetano Alves de Carvalho, filho do comprador, declararam que a escritura lavrada era textualmente o conteúdo do traslado.

Instaurou-se o processo.

Eram ainda vivas algumas testemunhas, assinadas na nota, as quais, citadas a depor, juraram que os bens tinham sido vendidos a retroaberto. e nesse convencimento estavam de pais a filhos todas as pessoas que houveram notícia de tal contrato. Não obstante, reconheceram as suas assinaturas. Recorreram à prova do registro, e encontraram confirmada a matéria da escritura, O depoimento das testemunhas caducou, e a primeira sentença ia ser lavrada a favor do proprietário de Vila Nova de Caia, quando o lavrador, em extremos de angústia, se lembrou do doutor Negro, antigo advogado de seu pai.

Procurou-o, sem embargo de lhe afirmarem que o doutor estava doente ou doido, O criado respondeu que o seu patrão já não advogava. Teimou Joaquim França, pedindo que o anunciasse como filho de Sebastião França.

O doutor Negro, ouvindo proferir o nome do honrado lavrador que lhe emprestara dinheiro para ele sustentar demanda com seu sogro e trastejar a casa, vencido o pleito, mandou entrar o filho.

Joaquim França expôs a sua questão, ajuntando que não recorrera desde o princípio dela ao amigo de seu pai, por lhe terem dito que V. S^a estava muito doente de desgostos.

– Pois fez mal – disse o doutor – porque fui eu quem notou a escritura da venda dos bens a Gervásio Alves da Quintã, pai do ladrão que precisamente fez grande infâmia na nota. Sabe vossemecê ler?

– Alguma coisa – respondeu o lavrador escarlate de alegria.

– Vá vossemecê àquela estante do fundo, e traga-me os maços de papéis que tiverem a marca de 1790. rode ser que por lá esteja o rascunho da escritura.

O doutor desatou os maços, examinou um a um os papéis, e, desdobrando uma folha de papel almaço, disse:

– É isto mesmo! Cá está.

Joaquim França pôs as mãos, e clamou:

– Milagre!

– Não é milagre, não, senhor – acudiu placidamente o doutor. – É uma coisa naturalíssima. Aqui está o rascunho da escritura. Vá vossemecê fazer-me uma procuração. O seu advogado sou eu. Quero ver-me com o patife de Vila Nova. Hei-de mandá-lo num cavalinho de pau até à Índia. Está Portugal inçado de ladrões, e a África despovoada. Venha a procuração quanto antes. Estou muito doente; mas quero morrer protestando contra a desmoralização desta cafraria. Salteadores! Uns roubam a fazenda a seu donos, outros as filhas a seus pais. E triunfam todos, e há homens que os protegem! Vá buscar a procuração, homem! Que está a fazer aí?

– Com licença de V. S^a – disse o lavrador e saiu,

O doutor Negro pediu logo vista do processo, ajuntou o rascunho da escritura, e requereu um exame de peritos à nota do tabelião Ferreira.

Estrondeou logo a nova de que o doutor Negro, tido em conta de inválido para o foro, aceitara a defesa da causa. O réu tremeu.

O inocente cartulário tremeu também. A reputação de Francisco Simões Alpedrinha estava ilibada, A sua palavra no foro tinha o critério de uma escritura. O seu talento era temido.

Acontecia que o réu Caetano Alves de Carvalho era odiado. Corriam à conta dele desonrosas conjecturas. Atribuíam-lhe um roubo quantioso a um ricaço do Candal nas águas revoltas da invasão francesa. Diziam mais que ele astutamente se apoderara de uma carga de dinheiro, quando os franceses iam fugindo desordenadamente. O certo era que Alves de Carvalho, nos últimos três anos, havia comprado terras excedentes a

cinquenta mil cruzados, em diferentes localidades, nomeadamente uma quinta nos arrabaldes da Póvoa de Varzim, onde era fama que ele escondera uma menina roubada a sua mãe.

Alegraram-se os inimigos do argentário, quando souberam que o doutor Negro lhe ia assentar a luva. A opinião pública deu logo como vencida a causa por parte do lavrador, agourou o degredo do Alves como falsificador, a perda irremediável do tabelião, e um grande exemplo a esperar para escarmento dos ladrões.

Os peritos examinadores da nota, esmiuçado o confronto da letra do tabelião verdadeira com a suposta falsa, e a assinatura de duas testemunhas, que ainda viviam, com as outras presumidas de contrafacção, eram obrigados conscienciosamente a declarar que não encontravam indícios para suspeitas. O doutor Negro, assistente ao exame, exclamou:

– A escritura foi substituída! Descosam a lombada do livro: examine-se a junção das folhas.

Cumpriu-se. Nenhum vestígio de corrupção.! A escritura não foi esta! – rebramiu Francisco Simões. – Hei-de morrer desesperado sobre este infamíssimo roubo aqui lavrado neste livro, se não puder provar que Caetano Alves de Carvalho é um ladrão!

E, clamando, fincava os dedos recurvos sobre a nota, e parecia espirrar sangue pelos olhos. Era medonho!

Requeru incontinentemente o doutor que Alves de Carvalho fosse citado para comparecer pessoalmente em audiência.

Apareceu o réu com sossegado semblante. No momento em que entrou, avizinhou-se do doutor um fiel de feitos, e disse-lhe ao ouvido:

– Aqui há dias encontrei-o de óculos verdes com outro sujeito, e levava um canudo por onde o outro lhe falava à orelha.

O doutor fitou o homem do segredo, e disse-

– lhe com espanto:

– Você parece-me parvo! Que tem que ver com a falsificação da escritura que este velhaco andasse de óculos verdes?

– Sr. doutor – redarguiu o fiel de feitos –, os tratantes sabem grandes maroscas! Pois não acha V. S^a que ele se fingiria cego e surdo para alguma trampolina?

– Vá-se embora que me está incomodando – replicou o doutor Negro com desabrimento.

Assumida a imponente severidade de gesto e voz, Francisco Simões de Alpedrinha relatou ao juiz, na presença do réu, que fora ele o factor da escritura, nos termos em que ela se lia no rascunho. Jurando a verdade do seu dizer, empregou frases afogueadas do fervor da sua consciência, e disse: «Seja a minha memória infame como a consciência daquele homem, que me escuta impassível, se eu minto!»

Caetano Alves abaixou a cabeça, e murmurou:

– O Redentor da humanidade ainda sofreu mais! Cumpra-se a vontade do Altíssimo! – E, alteando a voz, prosseguiu: – Sr. juiz! eu não devo ser tão injustamente injuriado, sem que o sr. doutor Francisco Simões prove que eu delinqui. Sofro resignado em atenção às desgraças que exacerbam o ânimo do sr. doutor; mas peço ao infeliz pai que se não vingue em mim das ofensas que lhe fez sua filha.

O doutor ergueu-se de salto, e bradou:

– Visto que o miserável ousou aqui falar dos infortúnios da minha vida particular, eu particularmente lhe responderei.. Hei-de medir-lhe lá fora a extensão da língua.

Os magistrados presentes amaciaram a cólera do doutor, e observaram ao réu que respondesse meramente às perguntas do advogado.

Volveu de novo o fiel de feitos a postar-se à beira do doutor.

– Que é? – perguntou o juriconsulto.

– Uma pessoa pede licença para falar a V. S^a em particular sobre o pleito em questão.

O doutor saiu à saleta das testemunhas, e encontrou um desconhecido, que lhe falou desta forma:

– Na rua do Bonjardim, nº 49, mora um espanhol que fugiu da cadeia de uma cidade de Espanha, segundo ouvi dizer a outro espanhol, e entrou no Porto quando os franceses vieram. Eu pude esquadrihar de uma criada do espanhol que a vida dele era escrevinhar. Tenho lá visto entrar fora de horas algumas pessoas, e há-de haver, pouco mais ou menos, mês e meio, que eu vi de lá sair o Alves de Vila Nova. Como ele trazia óculos, fiquei na dúvida, e esperei duas noites à espreita. Vi-o entrar às dez, e sair à meia-noite. Fui-lhe na peugada com todo o disfarce, e vi-o passar na ponte das barcas para além do rio, Fiquei convencido de que era ele. Veja lá V. S^a se estes esclarecimentos lhe servem de alguma coisa para este caso.

– Onde mora o espanhol? – perguntou o doutor.

Tomou nota da rua e numero, e voltou para a audiência. Escreveu um breve requerimento que fez passar ao juiz de fora. O juiz deferiu, e mandou à mesa do escrivão. O meirinho geral tomou conta de um papel, que apresentou ao juiz, o qual assinou, e o meirinho saiu.

Caetano Alves sentiu martelar-lhe no coração algum demónio que o beneficiava. Pediu licença para sair a tomar ar.

– Com sentinelas à vista, requeiro – acudiu o doutor.

– Sentinelas?! – replicou o réu. – Pois eu já fui condenado?!

– São prevenções necessárias – disse o juiz Pode o. sr. Alves sair com as seguranças requeridas pelo advogado do autor.

Caetano empalideceu.

No tribunal ouvia-se apenas a respiração acelerada dos espectadores. A curiosidade estava em ânsias. O doutor Negro ensopava o lenço em suor. Fulguravam-lhe nas órbitas descarnadas os olhos como carbúnculos.

Meia hora depois, quando Caetano já estava na sala, ouviu-se o tinir de espingardas, e logo entre dois beleguins entrou um preso.

Francisco Simões fitou o rosto de Caetano Alves, e murmurou com inexprimível júbilo:

Habemus confitentem reum!

É que as feições do homem estavam descompostas.

O meirinho geral disse:

– O preso resistiu com armas de fogo: tive de requisitar soldados.

– É engenhoso e valente o homem! – observou o doutor.

O espanhol da rua do Bonjardim entrava patibularmente amarelo.

Ao interrogatório do juiz respondeu que era espanhol de nação, nascido em Barcelona, e que vivia das suas rendas. Que fugira de Espanha por se haver ligado ao partido dos revolucionários, e que era estudante de direito, quando fugiu. Que se ocupava na leitura, e estudar documentos para traçar uma história de Portugal.

Concedida a palavra ao doutor Negro, foi mostrado Caetano Alves ao preso, que voltou a cabeça com inocente naturalidade para vê-lo, encarou-o atentamente, e disse que nunca o tinha visto.

– Sem óculos verdes? – perguntou o doutor.

O interrogado encolheu os ombros, e abanou a cabeça negativamente.

O doutor continuou:

– Estava afeito a vê-lo de óculos e cometa acústica: estranha a figura. Veja a perfeição deste seu trabalho e ficará conhecendo a cara desfigurada daquele senhor.

Dizendo, mandou que lhe mostrassem a nota aberta na página da escritura.

O espanhol relaxou os tegumentos do queixo inferior, e encolheu os ombros, como quem diz:

«Que salsada é esta!? Não vos percebo!»

Caetano Alves pôs os olhos no tecto, e murmurou:

– Louvado seja o Senhor! a que injúrias está sujeito um homem de bem!

E gemeu como abafado pela constrição da afronta à sua probidade.

– Vejo que não se reconhecem! – disse o doutor. – Esperemos que lhes voltem as reminiscências.

Requeru ao juiz a retenção do espanhol e de Caetano Alves para ulteriores averiguações, acrescentando:

– Importa saber que motivos deu em Espanha este preso para ser encarcerado na cadeia donde fugiu.

– Eu!? – exclamou o espanhol.

– Vossemecê! – respondeu o doutor Negro. – Não tem que estranhar as masmorras de cá. Veremos agora para que possessão portuguesa as leis o mandam estudar documentos para a história de Portugal!...

O auditório riu-se, e o espanhol cravou os olhos afuzilantes na cara do doutor.

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

Caetano Alves saiu sucumbido do tribunal. O espanhol ia de cabeça alta, e olhar esconso a um lado e outro como quem estuda a resistência com que tem a lutar num arrojo supremo.

O doutor segredou ao ouvido do juiz, e logo oficiais de justiça saíram em direitura à rua do Bonjardim, devassar nos papéis do preso alguma indicição.

No pátio do tribunal encontrou Francisco Simões o seu amigo António da Silveira, que o abraçou, exclamando:

– Graças a Deus que o encontro no teatro dos seus triunfos, doutor!

– Diz bem – respondeu Alpedrinha –; isto é uni verdadeiro teatro. Vamos lá para casa: dê-me o seu braço, que eu vou a cair, meu amigo.

– Assim que sua senhora me disse que V. S^a estava aqui, abafei de prazer. Quis entrar na sala; mas a mó do povo era impenetrável. Ouvi a sua voz, e contentei-me com isso.

– Só a maior das protérvias de que tenho exemplo em trinta anos de foro pedia arrancar-me à letargia estúpida da minha desgraça –disse o doutor.

– Ainda bem, que a indignação refaz os oradores, assim como fazia os versos, no dizer do satírico romano.

– Quem me diz a mim – tornou Alpedrinha, parando meditativo – que esta luta com a desmoralização não é um novo trago de peçonha que eu estou espremendo no meu cálice?!

– Aí vem a sua algoz fantasia! – atalhou António da Silveira, desenleando-o da sua abstracção.

– Se eu não consigo provar que Caetano Alves é um ladrão, o ladrão serei eu no conceito público?

– Como assim?! – perguntou o transmontano, mal conhecedor da matéria do pleito,

– Porque eu apresentei como verdadeiro o rascunho de uma escritura que não existe. Se a falsa é válida, e havida como verdadeira, o falsário sou eu, que vendi a minha consciência ao autor do processo.

– Mas a verdade triunfará! – replicou António da Silveira.

– O senhor é criança... – redarguiu o doutor. – Não sabe que Caetano Alves pode pôr uma barra de ouro sobre a boca do poço onde dizem que está a verdade? Ainda assim, é glorioso acabar em luta com um gigante daquela força! Morrerei no meu posto.

Entraram em casa e prolongaram o diálogo acerca da falsificação da nota.

Uma hora depois, o procurador de Joaquim França apareceu esbofado, participando que em casa do corregedor do crime estavam alguns papéis indicativos de criminalidade. Ajuntou o procurador que o corregedor convidava o doutor a comparecer em sua casa ao fim da tarde.

Alegraram-se Francisco Simões e António da Silveira.

Não haviam ainda falado de Albertina. O moço receava espertar a dor latente. Foi o doutor que ajeitou o ensejo, dizendo:

– E afinal nunca se pôde saber quem era Agostinho José Chaves?

– Eu não. Escrevi à sr^a D. Albertina, avisando-a de que depusitei o dinheiro na mão do negociante que mo entregou, e nada mais soube.

– É caso inaudito! – observou o doutor Negro. – Tenho levado noites de insânia a pensar nisto!... Já fiz perguntar ao tabelião Ferreira se ele conhecia, ou sabia que o tal miserável conhecesse Agostinho José Chaves. É nome que não existe!... O senhor acha

pessimista a conjectura de que está escondido neste mistério um crime, seja ele da espécie que for?

– Crime!... – disse Silveira – qual crime?

– Pergunta-me qual? Se o eu soubesse, seria tolice conjecturar que o há – respondeu o doutor, e continuou abstraidamente –: cento e cinquenta moedas dadas por um homem, desconhecido de todos, e do próprio indivíduo que as recebeu!... *Latet anguis in herba!*

– Não haveria, porventura – conjecturou Silveira –, aí um homem singular que beneficiasse João Crisóstomo como o faria um anónimo; e se crismasse com um nome fictício para esconder a mão generosa?

– Repito-lhe que o senhor é muito criança, e tem obrigação de conhecer melhor o mundo em que está – retorquiu o doutor Negro. – Nem Homero, nem Virgílio, nem mesmo os poetas bíblicos nos contam casos de anónimos tão levantados ao céu pela alçaprema da filantropia. Como quer achar o senhor monstros de virtude neste século gangrenado de egoísmo e abjecção!?

Cessaram de aventar hipóteses os interlocutores, e declinaram a palestra sobre assuntos alheios ao estranho caso. Silveira saiu para voltar à noite, e o doutor, após breve repouso, foi assistir à conferência solicitada pelo corregedor do crime.

Sobre a mesa do magistrado estavam alguns papéis soltos, parte dos quais já o corregedor com o escrivão tinham examinado. Eram cartas de amores escritas em espanhol, e outras em português. Das primeiras inferia-se que o galanteador estivera preso em Valhadolide, e dentre ferros cortejava uma qualquer menina que se propunha casar com ele, sem embargo da posição pouco amável do sujeito. Estas cartas eram sobrescritadas a *D. Juan Ribera*. Valiam muito como confirmação de que o espanhol estivera preso.

Outras cartas amorosas pareciam ser escritas no Porto. A dama, precisamente enganada, chamava-lhe o *seu Pedro* no cabeçalho das ternas missivas. Duma delas inferia-se que a enamorada senhora o tinha em conta de conde na sua terra: estas palavras induzem a crê-lo: «Não aspiro a ser condessa, como tu me prometes: o que eu quero é o teu coração. A tua coroa de conde deslumbra-me menos que o fulgor feiticeiro dos teus olhos.» Vê-se que a menina, se não tinha juízo, tinha estilo, o que era raro naquele tempo. Hoje há estilo e juízo que é um pasmar-se a gente.

Ainda assim, a democrática senhora teve a discricção de não assinar-se nas cartas, nem dar aberta a que os examinadores a farejassem.

As provas concludentes destes papéis eram que o espanhol mudava o nome, e fazia de conde.

– Vamos agora ao que tem mais valor – disse o corregedor, folheando outros, papéis. – Mais valor digo; mas pouquíssima luz, que por enquanto nos esclareça o ponto que visamos. Está aqui esta meia folha de papel com duas formas de letra em espanhol. A primeira parte é uma certidão de óbito; a segunda é uma quitação de dívida.

– Ninguém pode duvidar que é um ensaio – reflexionou o doutor Negro.

– Assim o creio: a tinta está fresca; o papel é português; colige-se que o falsificador está em correspondência com fregueses espanhóis.

Logo que isto se me deparou, mandei ao correio-mor averiguar debaixo de que nome se entregavam cartas ao espanhol. O correio responde que tem entregado cartas com diversos nomes ao mesmo indivíduo, e promete miúdos esclarecimentos depois de examinar as listas, coadjuvado pela memória do empregado na entrega da correspondência. Esperemos esta espécie. Entretanto, vejamos estas duas cartas, que, a meu ver, prometem muito. Queira ouvir, sr. doutor Francisco Simões:

«Amigo D. José. (Aqui é D. José – notou o corregedor). Oito dias é de mais. Tire-

lhe dois, ainda que não duma. A gratificação será maior. É preciso repor a coisa no seu lugar. Eu vou depois de amanhã. Amigo para tudo. – *A. J. C.*»

– Estas iniciais não provam nada – continuou o corregedor–; mas temos aqui uma outra carta, em que a última inicial se desenrola num apelido que pode provar muito. Ouça o doutor:

«D. José e amigo.

O favor que me pede é superior às minhas forças. Mando-lhe metade da quantia, que fui pedir. São duzentas moedas. Em melhor ocasião, mandarei as outras. Amigo atencioso. – *A. J. Chaves.*»

– Chaves! – exclamou o doutor Negro. – Agostinho José Chaves?!

– *Agostinho José*, diz V. S^a – respondeu o corregedor alvoroçado –; cá estão as iniciais *A. J.*! Conhece o doutor algum Agostinho José Chaves? Temos o fio de algum crime que nos leve ao conhecimento do outro! Conhece o homem?

O doutor tinha a parda testa orvalhada de camarinhas de suor, e a respiração ansiada a ponto de levantar-se de salto, e correr à janela puxando as aspirações a grandes servos.

– Que tem, meu amigo? – clamou o magistrado, seguindo-o, e abraçando-o pela cintura.

Francisco Simões caiu numa poltrona, e tartamudeou:

– Isto passa já: é uma ânsia, procedida dos meus incómodos. Beberei uma pouca de água, se me faz favor.

Recompôs-se o gesto do advogado, e logo o corregedor reservou para o dia seguinte o prosseguimento do exame. O doutor deu-se por pronto a continuá-lo sem perda de tempo. E, tomando as duas cartas entre mãos, disse:

– Não trazem direcção no sobrescrito?

– Veja que uma é marcada na Póvoa de Varzim.

A outra presume-se que foi entregue em mão própria, ou escrita no Porto.

– Tenha V. S^a a bondade – disse o doutor – de ordenar que se dê uma busca nos papéis de Caetano Alves de Carvalho, sem demora, antes que ele seja visitado na cadeia.

– Está incomunicável – disse o corregedor.

– A busca deve ser simultânea na quinta que ele tem nas vizinhanças da Póvoa de Varzim, e na casa de Vila Nova. Mora parte a obrigação que corre à polícia na devassa do crime, o meu cliente põe à sua disposição o dinheiro necessário nestas rápidas diligências.

– Tudo se cumprirá com independência do dinheiro do seu cliente – disse o magistrado.

Saiu o doutor prometendo voltar no dia imediato.

Quando entrou em casa, encontrou António da Silveira. Lançou-se-lhe aos braços, exclamando:

– Não lho disse eu? não lho disse eu?

– O quê, sr. doutor? – perguntou o pávido moço, e a senhora aflita.

– João Crisóstomo está debaixo duma suspeita de ladrão.

– Como? Que diz, doutor?!

– Agostinho José Chaves só é conhecido de João Crisóstomo, e do falsificador espanhol, fugido das cadeias de Valhadolide!

Silveira ficou transido. A mãe de Albertina irrompeu a chorar.

– Não quero prantos! – bradou o doutor. – Quero cadafalsos, quero vingança, quero acreditar que há Providência!

– Doutor! – murmurou António da Silveira. – Explique-me a razão das suas

suspeitas.

– Deixe-me repousar! – disse o doutor Negro. – Rasga-se-me o peito. O inferno arde-me na cabeça! Minha filha, aquele anjo, a querida da minha alma está casada... com um ladrão!...

E abafava os soluços com as mãos trementes. António da Silveira contemplava com silenciosa estupefacção aquela agonia.

Passados minutos, o doutor narrou o resultado da sua conferência com o corregedor do crime, e rematou, perguntando:

– Que me diz a isto, sr. Silveira?

O interrogado deteve-se alguns segundos a pensar, e respondeu:

– Por enquanto, é temeridade supor que João Crisóstomo seja ladrão.

– Demonstre-me esse absurdo! – atalhou o doutor.

– Demonstrarei, podendo; e creio que posso, porque estou isento de paixão. O que sabemos é que um tal Agostinho José Chaves, suspeito de correspondência criminosa com um espanhol de má nota, emprestou cento e cinquenta moedas a João Crisóstomo. Sabemos que lhas emprestou, porque o devedor mandava pagar-lhas. Acontece que não há Agostinho José Chaves: ficamos, portanto, certos de que houve um homem que falseou o seu nome, quando emprestou o dinheiro, e outro que o recebeu na ignorância dessa falsificação. Supondo que o chamado Agostinho José Chaves, pior estar em relações com um espanhol criminoso é um criminoso também, não é justa a inferência de que João Crisóstomo seja criminoso como os dois homens, que não conhece. Portanto é temeridade capitular de ladrão João Crisóstomo.

– Concluiu? – perguntou o doutor.

– Dei as minhas razões, sem violentar a consciência.

– Respondo às suas razões. Agostinho José Chaves, que ninguém conhece na Póvoa de Varzim, é Caetano Alves de Carvalho, que tem uma quinta nas proximidades da Póvoa de Varzim. Caetano Alves & Carvalho é acusado de falsificar uma escritura, arrancando as páginas da verdadeira e substituindo-as por outras. A polícia prendeu um espanhol visitado por Caetano Alves de Carvalho: deu-lhe busca aos papéis, e encontrou vestígios de contrafacção ide letras, e duas cartas de Agostinho José Chaves, uma que apressa uma obra recomendada, e outra que acompanha a remessa de duzentas moedas. Destas cartas, uma é escrita da Póvoa de Varzim, onde ninguém conhece Agostinho José Chaves, excepto João Crisóstomo. A nota corrompida estava no cartório do tabelião Ferreira: João Crisóstomo era amanuense do tabelião Ferreira. João Crisóstomo aparece devedor de cento e cinquenta moedas a Agostinho José Chaves, e Agostinho José Chaves é Caetano Alves de Carvalho, falsificador da nota. Respondi. Que tem a replicar o sr. Silveira?

– Que João Crisóstomo não pode ser ladrão.

– Isso não é hermenêutica nem lógica, nem coisa nenhuma sensata! – bradou o doutor Negro – Porque não é ladrão João Crisóstomo?

– Porque os ladrões não contraem dívidas para pagá-las!

– Estou pasmado! – replicou o doutor. – Pelos modos, ladrão é aquele que contrai dívidas que não paga.

– Em jurisprudência poderá ser outra a coisa definida; mas no direito congenial da razão humana acho ajustada a definição.

– Em direito, senhor – retorquiu o doutor –, ladrão é o que rouba; ladrão é o que proporciona o roubo; ladrão não deixa de ser aquele que contraiu uma dívida como remuneração dum roubo, embora a pague. – Aqui está o que diz a jurisprudência congenial da razão humana...

– Mas... – atalhou António da Silveira.

– Mas... peço perdão, meu amigo, à sua bondade: não façamos ensaio de polémica forense. Eu estou muito quebrado de forças: vou ver se consigo recuperá-las dormindo. Preciso viver, que esta batalha há-de ser tremenda. É um duelo de morte. Quem se atravessar diante da vingança que a justiça me dá, é meu inimigo jurado.

António da Silveira acompanhou o doutor ao quarto, e voltou a mitigar as ânsias da mãe de Albertina.

Depois, saiu com a alma traspassada apesar da consciência que lhe bradava: «João Crisóstomo não é ladrão!»

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

Estava Albertina preparando-se para ir com a família, que a estimava por igual como mestra e como familiar, a passarem um dia no campo, onde se festeja o natalício do pai das educandas. João Crisóstomo esperara sua mulher: e, no entanto, escrevia a Agostinho José Chaves unia segunda carta de agradecimento ao donativo das cento e cinquenta moedas, maravilhando-se do insondável arcano em que se nublava a chave de tão abstruso enigma. Pedia João Crisóstomo ao seu amigo que o elucidasse, explicando-lhe o caso de ignorar-se na Póvoa de Varzim quem fosse *Agostinho José Chaves!*

Dobrava ele a carta, depois de a ter lido à risonha esposa, que vinha de considerar-se formosa no espelho, quando um dos meninos, seus discipulos de francês, lhe entregou uma carta de Portugal.

Abriu-a Albertina, a quem ela vinha endereçada, e disse com muito regozijo:

– É de António da Silveira!

– Não se demorem muito, que a mamã ficou à espera – disse o menino, e saiu.

Albertina leu:

«Minha prezada senhora.

O punhal vai ser penetrante: mas a dor é necessária...»

– Que será, meu Deus! – exclamou Albertina – morreria meu pai?!...

E continuou, estando já o marido de par com ela, para ler ao mesmo tempo:

«Não sei como hei-de preparar o bálsamo antes de abrir a ferida!... É inevitável!, Diga-se depressa o que é forçoso dizer-se.

Há aqui um homem chamado Caetano Alves de Carvalho, que os tribunais vão condenar como falsificador de escritura. A escritura foi falsificada no livro de notas do tabelião Ferreira...»

– Santo Deus! – bradou João Crisóstomo.

– Que é? – clamou Albertina. – Fazes-me tremer! que é, João?

– Lê! – disse ele – Deixa-me ler a mim...

E, tirando-lhe das mãos trémulas a carta, prosseguiu:

«O falsificador há fundadas presunções de que fingisse chamar-se Agostinho José Chaves com duas pessoas: uma, já indiciada no crime, é o falsificador; outra, que brevemente o será, é seu marido.»

– Ó Virgem Santíssima! – gritou Albertina.

João Crisóstomo relanceou em roda de si os olhos esgazeados, e murmurou com acentuação de inoportável amargura:

– Isso é atroz! Estou sonhando, Deus de misericórdia!...

Albertina tomava-lhe das mãos a carta, que ele não largou.

– Deixa-me ler tudo – disse o atribulado. E leu:

«Está seu pai advogando este pleito contra os falsificadores: é preciso não contar com a comiseração de seu pai, minha senhora.»

Carrasco! – bradou Albertina alucinada. João continuou:

«Juro-lhe que considero inocente seu marido; mas, daqui a pouco, serei eu sozinho a considerá-lo inocente. A mim nem a evidência do crime me fará mudar de opinião. Não importa que esteja inocente. É preciso que fuja de Espanha, e já. Temam-se de alguma ordem de prisão, enviada ao embaixador. Não sei se as leis o permitem: o que sei é que a prepotência salta por cima das leis. Se seu inocente marido quiser vir a Portugal justificar-se, V. Ex^a não lho consinta, que se perdem ambos. Não encontrarão justiça nem piedade, senão em mim, que não valho nada. As aparências da cumplicidade de seu marido são tais que toda a defesa cairá. O adversário é inexorável, e são muitos os adversários. É seu pai, será o tabelião, responsável da nota, será a sociedade cm peso, que lhe não perdoa o ter afinal saído vitorioso da outra luta.

Fujam sem demora. Vão para o Brasil, e esperem lá que a verdade venha à luz do sol. É uma questão de tempo. Não sei que mais lhes deva dizer. Adeus, meus infelizes amigos. Vosso irmão

«António da Silveira.»

João Crisóstomo acabara de ler a carta serenamente. Horribilíssima serenidade!

– E agora? – perguntou Albertina asfíxiada pelos soluços.

– Agora – disse o marido – vou ao Porto.

– Não irás! – clamou ela–, não irás, filho da minha alma!

– Irei! – replicou firmemente o desgraçado.

– E eu não! – redarguiu ela com bravo ímpeto.

– Pois não vás, que não deves ir, Albertina. Fica.

– Não vou, porque me hás-de sepultar primeiro!

E, correndo ao seu quarto, voltou com unia pistola engatilhada ao ouvido, exclamando.:

– Perdoo-te a morte, meu infeliz amigo.

– Albertina! – bradou João Crisóstomo, lançando-se-lhe ao braço.

Neste momento, subiam as escadas umas doze pessoas, que compunham a família.

O pai dos educandos vinha dizendo:

– Que demora é esta?! Vamos, que são horas.

Quando assomaram ao limiar da porta, viram Albertina desmaiada nos braços do marido, com o rosto alagado das lágrimas dele, que derivavam a quatro. A pistola estava caída no pavimento ao lado da carta.

– Que é isto?! – perguntou o espavorido espanhol.

João escondeu o rosto contra a face de sua mulher. A família rodeou-os. As meninas mais novas choravam, abraçando-se à mestra. O pai levantara do chão a pistola, sem ousar pôr mão na carta.

– Sr. Crisóstomo! – dizia ele em tom rogativo. – Podemos dar algum remédio a esta desgraça, seja ela qual for? Falem, pela amizade que lhes temos, se é desventura que possa ser sabida!...

João encarou na dama, e pediu-lhe a mercê de ajudar a transportar sua mulher ao leito. Albertina deixou-se levar desfalecida, O marido ficou sozinho com o espanhol na sala. Fecharam-se por dentro, e aí se demoraram duas horas.

No entanto, Albertina, rodeada da carinhosa família, quando cobrou os sentidos, circunvagou a vista, perguntando pelo marido. Respondeu-lhe a senhora que estava com o seu amigo na sala, havia mais de uma hora. A filha do doutor Negro murmurou:

– Vejam se o salvam!

Pediram-lhe explicação do perigo que \ele corria. Albertina calou-se, e ficou por largo tempo num taciturno espasmo.

Findas as duas horas, o espanhol saiu da sala, chamou a sua família, e voltaram para casa.

João foi ao pé de sua mulher, e disse-lhe:

– Sossega, Albertina, que eu não vou ao Porto. Estou tranquilo como vês. Imita a minha coragem. Eu vou escrever ao nosso Silveira.

Ergueu-se ela com impetuoso vigor, e seguiu-o à escrivania, perguntando-lhe:

– Que vais fazer?

– Verás.

Sentou-se e placidamente escreveu:

«Meu prezado amigo.

Sou cúmplice no crime da falsificação; mas estou inocente. O homem que disse chamar-se Agostinho José Chaves enganou-me. Ofereceu-me dinheiro, que eu aceitei como empréstimo. Depois de me obrigar a um grande reconhecimento, pediu-me um pequeno favor. Queria ele ver a escritura de compra de bens para esclarecer algumas dúvidas. Emprestei-lhe a nota, que ele me devolveu, passados oito dias. Procedi mal, que eu não devia abusar da minha posição de amanuense do cartório. Eis aqui a minha cumplicidade: é culpa; mas não é infâmia. Foi a gratidão que me perdeu, se é que a pobreza me não havia já perdido. Se a justiça liquidar o contrário, ou mais do que afirmo a V. S^a, a justiça ter-se-á enganado como eu me enganei.

Sabe-se que Agostinho José Chaves é Caetano Alves de Carvalho? Pois bem: queira V. S^a fazer entregar a Caetano Alves de Carvalho duzentas moedas que lhe remeto. Acrescem cinquenta moedas à quantia remetida antes: é porque este acréscimo procede de uma prenda de noivado que ele enviara a minha mulher. A dívida do dinheiro fica paga. A da honra saldar-se-á. Dou o tempo como caução, se a vida me não fugir a mim ou a ele. Minha mulher e eu agradecemos a V. S^a o bom conceito que de mim faz. Não se arrependará, ainda que as leis me levantem um cadafalso.

E quanto ao ódio do sr. doutor Francisco Simões, Deus lho converta em melhorias de sua razão e saúde. Parece-me que semelhante vitória forense não era necessária à sua fama. O Altíssimo nos vê a todos. Muitas lembranças saudosas da minha Albertina para V. S^a de quem sou

Criado e reconhecido amigo

João Crisóstomo.»

Albertina mostrou alegria com esta determinação.

– Mas o dinheiro que aí está não chega! – observou ela.

– Temos um benfeitor. Ele aí está.

Entrou o espanhol com um saquinho de onças, que depôs sobre a banca.

João entregou-lhe o dinheiro que tinha. Contou o espanhol duzentas moedas, completando-as com parte do dinheiro que trouxera. Ensacou-as, e saiu a remetê-las para o Porto, mediante uma ordem de pagamento à vista, a António da Silveira.

– Agora, minha querida Albertina – disse Crisóstomo –, vamos por esse mundo fora deixando um rasto de desonra. Tu és a força da minha consciência: não me deixarás cair. Quando me vires inclinado aos braços da morte, cinge-me com os teus. Quando o mundo me chamar ladrão, diz-me tu que o não sou. Tens dois amigos a derem testemunho da minha probidade. Se eu morresse, devias invocá-los, para desinfamar a tua viuvez. Espero vencer a morte com o teu auxílio. Se vierem muitas dores, não te coíbas de chorar com medo de me afligir. Fazem-me bem as tuas lágrimas. Vamos para o Rio de Janeiro. Trabalharemos como aqui. Há-de lá chegar a notícia do meu crime:

paciência. Direi que estou inocente. Se me não acreditarem, cuidarão ao menos que eu me estou reabilitando pela honra do trabalho. Creio que voltaremos à pátria, porque é necessário que eu volte. Fica-me cá a minha pobre dignidade empenhada... Muito valor agora, Albertina.

– Pois vê-me enfraquecer?! – atalhou ela cariciosamente.

– Não, por ora; mas é preciso que te unjas de resignação para um tremendo combate. Ao meu lado vai a fama das cem trombetas pregoando que eu deixei falsificar uma escritura. Quando ela gritar, fecha tu os ouvidos, minha filha. Se me cuspirem no rosto, fecha tu os olhos. Se me gravarem na testa o ferrete de ladrão, lava-mo com as tuas lágrimas.

– Sim, meu infeliz anjo! – exclamou Albertina, estreitando-o contra o seio.

– Abraça-me; mas não chores, que ainda é cedo!... Vamos ao essencial. Principia desde já a encaixotar a nossa bagagem. Mal dirias tu, quando, há pouco, te vestias para a festa, que irias estrear o teu vestido ao novo mundo!... Nada de fraquezas indignas de mártires tão provados como nós!... Arranja o que puderes, que eu vou tratar de uns pequenos preparos. O navio parte na próxima semana. Esta nossa mobília quer comprá-la este benfeitor, o segundo homem que vai jurar sobre a minha inocência. Ficamos devendo alguns centos de cruzados ao pai dos nossos discípulos. É necessário viver para lhos pagar. Estás animada?

– E contente, meu filho!

– Pois bendito seja Deus! Até logo.

O providencial espanhol foi com João Crisóstomo abonar-lhe o passaporte, e tomar passagem no navio mais próximo a sair.

Dali, foram juntos ao escritório dum capitalista, a quem o respeitado conterrâneo contou as desventuras de João Crisóstomo. O comerciante acreditou na inocência do português, cuja história desastrosa ele já sabia, com referência ao seu casamento. Deu-lhe cartas de muita valia para castelhanos estabelecidos no Brasil, e uma de directa recomendação para o receberem e proverem de todo o necessário, enquanto estivesse desocupado.

Conhecia-se que uns homens enviados da divina Providência andavam levantando o pobre que outros homens recalçavam. A suprema impiedade é descrer d'Ela.

Alvoreceu a madrugada da partida. A família espanhola levou-os a bordo, e chorava como ao despedirem-se de irmãos e filhos.

João Crisóstomo, quando já estava no barco, escreveu a António da Silveira estas poucas linhas:

«Cá vamos, O seu conselho prevaleceu. Albertina pede-lhe as suas notícias para o Rio de Janeiro. V. S^a terá a paciência de nos dizer as dimensões do patíbulo que me levantaram. Ao sr. doutor Alpedrinha gora-se-lhe o prazer de ver estrebuchar um padecente, Deus não permita que a expansão do rancor rebatida o mate ou o enlouqueça. Que nome dá o mundo a semelhantes pais? Provavelmente chama-lhes carinhosos, assim como aos homens na minha posição chama ladrões. Não digo mal da humanidade, que tenho encontrado nela grandes corações. V. S^a é uma santa memória que eu levo. Um adeus da sua irmã, e o meu eterno reconhecimento.

João Crisóstomo.»

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

Executadas as buscas domiciliárias na quinta da Póvoa de Varzim, e na casa de Vila Nova de Gaia, o corregedor do crime, antes de examinar os papéis encontrados, disse ao seu escrivão que avisasse o doutor Negro.

– Desgraçado pai! – disse o escrivão.

– A quem se refere o senhor? – perguntou o chefe da policia.

– Ao doutor Negro – respondeu o subalterno com aspeito condoído.

– Esclareça-me esse seu gesto melancólico.

– Dois únicos papéis indiciadores de crime apareceram nas escrivatinhas de Caetano Alves. São duas cartas: uma encontrada na Póvoa; a outra em Vila Nova. Ambas as cartas são sobrescritadas a Agostinho José Chaves, e ambas assinadas por João Crisóstomo, amanuense do tabelião Ferreira, e genro do doutor Negro actualmente.

– O rapaz que esteve preso a cumprir sentença?

– Esse mesmo, sr. doutor corregedor.

– Procure-me essas cartas entre os papéis.

– Aqui estão separadas.

O magistrado leu a primeira em que João Crisóstomo pedia cento e cinquenta moedas de empréstimo; e a segunda em que ele avisava o credor para receber da mão de António da Silveira o pagamento da dívida.

– Isto é decisivo! – opinou o magistrado. – Está provada a cumplicidade do amanuense e a inocência do tabelião, que eu já hoje fiz capturar. Considerações com o doutor não pode haver nenhuma. Vá o senhor ou mande dizer-lhe o estado das coisas. É o único acto de atenção que posso ter com ele. Pode ser que o Alpedrinha desista de advogar neste pleito.

Foi o escrivão em pessoa entender-se com Francisco Simões. Estava ele no escritório com António da Silveira.

Queria o oficial de justiça tratar o melindroso assunto a sós com o advogado, o qual, pressentindo o motivo do recato, disse ao escrivão que podia dizer tudo em presença do seu amigo, se eram revelações relativas à busca.

O constrangido nuncio da triste nova tirou da carteira as duas cartas indicativas de cumplicidade, e apresentou-as ao doutor Negro, que as leu em voz alta.

– Bem! – disse com ostensiva tranquilidade Francisco Simões. – Eu vou requerer para que essas importantes cartas se juntem aos autos. Isto que prova é que temos um criminoso mais na rede. Agora veremos se a justiça o deixa escapar da malha. Tem mais alguma coisa a dizer-me?

– Não, senhor – respondeu o escrivão.

– A sua vinda parecia-me que mirava a outro alvo...

– A dizer a verdade, o sr. corregedor cuidou que V. S^a quereria desistir de advogado da acusação.

– Diga ao corregedor que não desisto.

– Cumprirei.

Saíra o escrivão; e logo António da Silveira, tomando o chapéu, disse em tom de voz quebrada pela comoção:

– Vou sair do Porto, sr. doutor: agora sim; é tempo de ir esconder-me na minha aldeia, e esquecer o que vi e ouvi neste tremedal da sociedade culta...

– Pois vai?! – cortou Francisco Simões. – A sua intenção era outra, há momentos ainda!...

– A minha tenção era declinar de sobre as suas cãs, sr. doutor, uma ignomínia

Iminente, o máximo vilipêndio que ainda homem nenhum levantou da lama social com suas próprias mãos!

O doutor levantou-se em vibrações de cólera, e bradou:

– Que inferno! que inferno! Conspiram todos em matar-me! Que mal fiz eu ao mundo! que mal faço eu a este homem que me tem visto chorar lágrimas de sangue!?

– A mim – disse brandamente António da Silveira – tem-me feito a honra de me escutar, e não repelir os verdes anos que ousam contrapor-se as suas deliberações. A mim, sr. doutor, tem-me dado horas atormentadas, porque eu tenho chorado à cabeceira do seu leito, como raros filhos choram ao lado de um pai moribundo. O mal que me tem feito é levantar aos meus olhos o véu do esqualor de umas chagas que me fazem tédio do mundo, e saudades dos penhascos e da santa rudeza da minha aldeia. Retiro-me, porque não quero ver o resto; não quero ver o doutor Francisco Simões de Alpedrinha, num tribunal, a provar que o marido de sua filha é um infame. Eis aqui porque me retiro, e para sempre, da sua presença. Levo compaixão dos seus infortúnios, ar. doutor; mas sinceramente lhe digo que escassamente posso respeitar o homem que sofre até ao perdimento do coração: estimá-lo não posso. E creia V. S^a que o seu proceder vai alienar todas as simpatias que, porventura, as suas desgraças passadas acarearam. O mundo será pior do que eu mesmo cuido que ele é; mas, seja o que for, o mundo abomina o homem que aceita a odiosa missão de V. S^a. O próprio corregedor lhe mandou lembrar delicadamente os seus deveres de pai. V. S^a parece rejubilar-se da ocasião de arrastar seu genro pelos cabelos de sua filha, e dizer à sociedade: «Escarrem na cara desta mulher, que é esposa daquele ladrão!» O horror deste acto afoga-me a voz na garganta! Ainda bem, meu Deus, que tenho lágrimas para

O doutor Negro sentara-se arquejante, a bracejar ansiadíssimo, e a soltar uns gritos inarticulados.

António da Silveira acrescentou balbuciante:

– E vai V. S^a acusar um inocente!...

– Um inocente! – exclamou o doutor.

– Repito: um inocente, apenas culpado de excessiva confiança num homem que lhe traiçoo a boa fé. Não se engana o meu coração; o seu, sr. doutor, é que está dementado pelo ódio. Vá ao tribunal, vá! Pode ser que, a um tempo, alcance opróbrio e remorso. Pode ser que a inocência de João Crisóstomo seja provada pela mesma crueza e injúria com que V. S^a o acusar!...

– Basta! – bradou o doutor. – Vá em paz! Deixe-me com a minha desgraça.

Neste conflito, saiu duma alcova contígua ao escritório a mãe de Albertina, e abraçou-se em António, exclamando:

– Não vá, sr. Silveira! Não deixe meu marido! pelas chagas de Jesus lho pede esta desgraçada mãe e esposa!

– Que é isto! – acudiu o doutor enfunado. – Temos tragédia?

– Tragédia é o justo nome que isto merece – respondeu António da Silveira, apiedado das contorsões aflitivas da senhora. – Que faço eu aqui, minha amiga? – continuou ele, obrigando-a suavemente a sentar-se. – Se o sr. doutor cede ao estímulo do ódio, e resiste ao do coração paternal, que hei-de eu fazer com os rogos da minha amizade sem nenhum valor?!

– Peça-lhe que não seja advogado contra o marido de nossa filha! – tornou a mãe de Albertina.

– Já pedi, minha senhora.

– Eu também to suplico! –voltou ela, ajoelhando ao marido. – Por aquele amor com que eu fugi de casa de meus pais para obedecer à tua vontade; pelas lágrimas que meus pais choraram; pelas dores que custaram a vida de minha mãe; por tudo que pode

falar ao teu coração, te peço, Francisco! Não sejas contra a nossa Albertina! Basta-lhe a sua desgraça! Qualquer advogado os perderá; não é preciso que tu vás ao tribunal falar contra eles!

O doutor Negro fez um aceno desabrido com a mão, e voltou o rosto húmido de pranto. A senhora ergueu-se, e saiu do escritório, gemendo, na incerteza de ter sido atendida.

Francisco Simões murmurou:

– Vencido; mas morto!

– Deus é que tem os seus dias contados! – disse António da Silveira.

– Demito-me de advogado. Morri!... Nunca mais irei aos tribunais! Acabou-se tudo!... Sr. António da Silveira, isto era uma febre... o vasquejar de uma lâmpada... Era a paixão que me emprestava um calor, que me calcinava... É de fogo do Inferno o calor que dão as paixões! Maldito seja quem mo acendeu na alma! Maldito seja!... A minha inteligência estava ainda vigorosa como aos vinte e cinco anos. Eu podia ser rico; mas gastei muito com a educação da amaldiçoada! Rasgava sedas como as filhas dos príncipes! Sonhava desejos, e acordava para os ver realizados, ela, a ingrata, a perdida! Invejavam-na, e pasmavam da minha liberalidade! Eis-me pobre à beira da sepultura!... O meu orgulho no que deu! Orgulho daquela filha! Mereceu-a um cúmplice de falsificadores! Que destino, que destino!... E, ao cabo de tudo, morrer, não já de saudade dela, mas de vergonha do labéu que o marido lhe pôs! Aqui tem sr. Silveira, uma horrenda catástrofe!... Quem quererá ser pai, contemplando este meu fim de vida, esta agonia obscura, este morrer debaixo de um opróbrio esmagador!... Não fale, não fale! É inconsolável a minha tribulação! Pique, peço-lhe que fique ao meu lado.. Bem vê que nem um só amigo se lembra do homem desamparado dos afagos da fortuna! Esteja por aqui até ao fim, que isto acaba cedo!...

Silveira disse breves palavras tendentes a sossegar o agitado ânimo do velho. Conseguiu deixá-lo entorpecido.

Em seguida, foi pessoalmente às diferentes instâncias da judicatura civil e criminal anunciar a desistência do doutor Francisco Simões. Conversando com o corregedor, defendeu o carácter de João Crisóstomo, e refutou a arguição da cumplicidade voluntária. O magistrado, sabendo que o veemente defensor era o António da Silveira, indicado numa das cartas do marido de Albertina, houve por bem declarar-lhe que tencionava mandá-lo capturar para explicações.

– Pois aqui estou – disse serenamente o transmontano. – Se o precedente da captura se faz mister à solenidade do interrogatório, receba-me V. S^a como preso. Eu aceito agradavelmente a cumplicidade da falsificação da escritura de camaradagem com João Crisóstomo. Repilo, porém, a conivência com os outros réus, que não conheço.

– Está dispensado desse incómodo – replicou o corregedor. – Vá V. S^a seguro da sua liberdade, que eu já sei a pessoa com quem trato. t um mancebo na infância do coração, nas primeiras quimeras da vida, não apalpada ainda pela suja mão da experiência. Leve a certeza de que o seu amigo ou conhecido João Crisóstomo não está inocente; aconselho-lhe, se me dá licença, que fuja de acamaradar-se com sujeitos de tal polpa; e corte, o mais depressa que puder, a sua correspondência com semelhante malandrim. Estou convencidíssimo de que seu tio general, com cuja amizade me honro, o lançaria de sua presença, se V. S^a lhe dissesse que aceitava a cumplicidade do crime de falsificador com um tal João, ex-amanuense de cartórios. Enfim, sr. Silveira, tive muito gosto em conhece-lo, com o muito desprazer de o considerar relacionado com tamanho maroto.

António da Silveira, abafado de indignação, saiu do gabinete do corregedor, sem levemente curvar a cabeça.

– Que infame mundo! – dizia ele entre si, enxugando as lágrimas, nas escadas da autoridade, para que os transeuntes lhas não vissem.

Vulgou-se logo a notícia da desistência do doutor Negro, e da criminalidade do genro.

Outro advogado, sedento de um triunfo, tão bem agourado e fácil, aceitou a procuração de Joaquim França.

Caetano Alves de Carvalho foi outra vez interrogado à vista das cartas do novo cúmplice. Titubeou a refalsada velhacaria do ricaço. Não sabia como explicar a mudança do nome, depois de ter dito que João Crisóstomo lhe era apenas um devedor e mais nada. O magistrado enleara-o tão engenhosamente que o réu, a cada investida que dava à trama, ficava mais enredado. Afinal, estupidificado pelo susto, disse que entregava os bens ao autor, e que o deixassem. Os circunstantes riram às gargalhadas da beatífica desistência do homem, e espantaram-se de um cair de chofre tão redondo à lama dos criminosos vulgares!

Continuou o processo-crime instaurado contra João Crisóstomo..

No entanto, chegou a carta do genro do doutor Negro, com a ordem das duzentas moedas.

António da Silveira, transportado de alegria, correu a ler a carta ao pai de Albertina, salvando o último período, que o leitor esquecido pode reler no capítulo antecedente.

O doutor Negro pediu segunda leitura, e observou:

– Pode ser...

– O quê? – perguntou Silveira.

– Pode ser que seja isso.

– Pois V. S^a ainda duvida da inocência de João Crisóstomo?!

– Porque não vem ele prová-la cá?

– Porque eu lhe pedi encarecidamente que não viesse.

– Então o senhor já é dos que dão pouco pelo poder invencível da verdade? Se ele está inocente, que receio o afasta?!

– O receio de Voltaire... V. S^a há-de saber a história... O seu dilecto filósofo – continuou risonho o transmontano – escreveu que, se a justiça o arguisse de ter furtado o sino grande de Nossa Senhora de Paris, ainda que toda a gente estivesse vendo o sino na torre, ele sairia de França, e lá de fora provaria que não roubou o sino. Da cadeia é que não.

– É um gracejo de Voltaire... e mais nada – retorquiu o doutor. – Não se trata de sinos, é da escritura! Quem o salvará de ser preso no Brasil? Brasil é uma colónia de Portugal.

António da Silveira tinha acessos de sufocada indignação contra a pertinácia do doutor.

Desta vez, a sua alegria contrabalançou o despeito. Saiu a receber o dinheiro. Dali foi à corregedoria requerer a presença de Caetano Alves de Carvalho, O magistrado leu a declaração de João Crisóstomo, e fez chamar o preso, diante de quem, e de testemunhas numerosas, foi lida a carta. Neste acto apareceu António da Silveira, contando o dinheiro, e exigindo a Caetano Alves de Carvalho recibo.

O falsificador parecia estátua mal feita e de mau barro. Viam-se-lhe a gretar na cara as rugas do suplício que o esfacelava. Chamado três vezes a lavrar o recibo, ergueu-se cambaleando, assentou-se à banca, e pediu a alguém que escrevesse para ele assinar.

Com assentimento do corregedor, uni oficial de justiça escreveu o recibo, que foi lido pelo magistrado.

– Isto não está em forma – disse o magistrado. – É preciso que Caetano Alves de Carvalho declare que se chamava Agostinho José Chaves quando emprestou o dinheiro.

O auditório riu-se; e o réu, arrancando-se à sua letargia, exclamou:

– Não assino isso!

– Fica, portanto, o dinheiro depositado – tornou o doutor corregedor – até se averiguar quem seja Agostinho José Chaves. Passe o escrivão recibo ao sr. António da Silveira, que eu assino.

Cumpriu-se.

CAPÍTULO DÉCIMO OITAVO

Caetano Alves considerou-se perdido, sem embargo de o reanimarem alguns experientes deste mundo, admoestando-o a que tivesse mais confiança no seu dinheiro e na valiosa actividade dos seus amigos. Dizia-se geralmente que ele, antes de preso, não tinha amigos. Parece que a comiseração lhos deu na cadeia, quando era mais natural perdê-los, se os tivesse. Este fenómeno, precursor de outros que hão-de vir edificar-nos a seu tempo, explicava-o aquela «execrável fome de ouro» condenada por Virgílio: *Auri sacra fames*. O rico proprietário, quando a indignação pública fazia estampido, era já visitado por pessoas de uma tal qual categoria e preponderância. Destas, alguma, grandemente considerada entre a classe genealógica, saiu de carruagem à porta dos juizes, a oferecer a sua idoneidade em fiança do preso. À imitação deste fidalgo agradecido ao seu credor, outros se ofereceram e empenharam já com o magistrado criminal, já com o cível.

Não obstante, Caetano Alves, depois do lance da carta de João Crisóstomo, esmoreceu.

Ao ressurgir-se, porém, da sua atonia, rebentou-lhe das entranhas um ódio feroso ao genro do doutor Negro. Diziam-lhe que fora ele quem o enterrara mais; e Caetano perguntava-se a si próprio com que interesse o perdia o ingrato, a quem ele dera duzentas moedas! Não podia Caetano Alves compreender que a precisão de defender-se um homem, salvo das garras da justiça, disparasse na maldade de acusar o seu benfeitor. Caetano chamava-se a si o *benfeitor!*

O ódio, sequioso de vingança, esporeou-o até à perversidade de declarar ao corregedor do crime, por escrito, que João Crisóstomo lhe dera a nota para a falsificação, e colaborara com o contrafactor. Acrescentava que as duzentas moedas eram divida; mas que, antes da divida, já o amanuense do tabelião havia recebido generoso estipêndio do seu serviço.

O corregedor desprezou esta denúncia, que acabava de ler, ao tempo que António da Silveira o procurava, a fim de mostrar-lhe a segunda carta de João Crisóstomo, escrita de bordo do navio.

O magistrado exclamou, finda a leitura:

– Tenho remorsos de haver ultrajado este homem na sua presença, sr. Silveira! Está inocente, e é muito infeliz. Há-de sê-lo sempre, que há desgraçados para quem todos os caminhos estão atravancados por um demónio fatal. Fez V. S^a bem em lhe dizer que não viesse aqui justificar-se. Sairia limpo; mas depois de meses ou anos de cadeia. Aqui tem o sr. Silveira uma carta, que podia prejudicar fortemente o seu pobre amigo.

E mostrou-lhe a declaração de Caetano Alves de Carvalho.

Silveira fremia de raiva.

– Que faz V. S^a a esta calúnia? – perguntou o moço.

– Rasgo-a.

– Não: rogo-lhe que não, pela piedade que lhe merece a infelicidade de Albertina e João Crisóstomo.

– Pois que quer?

– Dê-ma V. S^a, se a não apresenta em juízo.

– Aqui a tem. De que serve isso?

– Hei-de enviá-la a João Crisóstomo: e o destino que lhe dou.

– Dê-lhe o destino que lhe aprouver, contanto que não diga que a recebeu da mão do corregedor; que a impertérrita Justiça obriga es seus sacerdotes a fazerem obra por

todas as calúnias que se lhe oferecem.

– Beijo as mãos de V. S^a.

Ao mesmo tempo, circulava o boato da aleivosia assacada pelo preso, e ecoava nos ouvidos do doutor Negro, por intercessão de algum raro visitante que vestia o rosto de horror e dó para ir levar-lhe as atoardas correntes nas praças.

António da Silveira impugnava os algozes officiosos, e, mancomunado com a mãe de Albertina, conseguiu que as portas se lhe trancassem.

Francisco Simões piorava de dia para dia com espantosa celeridade. Já não apostrofava contra a filha, nem se enfurecia ouvindo a calorosa defesa do genro, traduzida ao propósito por Silveira. Dir-se-ia que as faculdades exteriores se congelavam à medida que o cérebro se atrofiava sob a pressão férrea do pressentir a morte próxima.

– Que me importa a mim? – disse ele uma vez ao inseparável enfermeiro. – Eu já não hei-de ouvir que o condenam nem que o absolvem. Primeiro virá a morte, que já me tem o coração espedaçado nas garras. Conheço-a por este desprendimento do mundo. Há quinze dias figurava-se-me tormentoso o trespasse; agora, se me tirassem este resto de memória, eu morria bem... Memória abominável!... Lembra-me a minha filha quando nasceu, quando tinha um ano, quando eu endoidecia de júbilo a acalentá-la nos meus braços... Eu, às vezes, estava rodeado de trabalho e de clientes; e, se a ouvia chorar, deixava tudo, saía do escritório, ia acarinhá-la, perdia horas a inventar-lhe brinquedos e dilatava-se-me a alma em enchentes de ternura. Estou a vê-la!... Maldita memória!... Que criança tão linda, quando começou a balbuciar o meu nome! Como ela me encostava ao ombro aquele rostinho angélico!... Amava-me tanto, e mais do que à mãe! No meu colo não chorava nunca... Que é feito daquele anjo? Que me fizeram da minha filhinha?...

O velho escondia o rosto para chorar. António da Silveira queria dizer palavras banais de consolação, mas as lágrimas embargavam-lhas.

Outras vezes recordava o saudoso pai a filha em anos adiantados pelos floridos jardins da sua primavera. Encarecia-lhe a formosura e o talento. Relatava miudezas comprovativas da esperteza e penetração de Albertina; se, porém, as reminiscências lhe levavam a alma a encontrar-se com o acto da fuga, o doutor erguia-se de golpe, sorvia haustos de ar, como se o estivessem mãos invisíveis estrangulando, e recaía afinal extenuado sobre os travesseiros, ou nos braços da esposa.

António da Silveira, captando a confiança do criado, soube que os recursos escasseavam em casa do doutor. Era já um viver de empenhos de objectos desvaliosos, que os importantes estavam já vendidos ou empenhados. O dinheiro dó transmuntano era para pouco; recebia, como filho segundo e governado, uma mesada económica. Pediu a seu irmão morgado um empréstimo, e com quanta delicadeza podia conseguiu que a mãe de Albertina lhe aceitasse o necessário para as despesas de cada mês, tirando a partido que o doutor seria estranho ao favor que a senhora lhe fazia de o admitir com liberdade de filho.

Entretanto, o processo de falsificação ia correndo vagarosamente os seus trâmites. O lavrador de Fânzeres apossara-se dos bens, independente de final sentença, visto que o réu confesso lhes devolvera. O espanhol vivia regaladamente nos quartos de Malta na Relação, quanto lho permitia a superabundância de dinheiro e a mesa lauta de Caetano Alves, que recobrava espíritos consoante se ia conformando com a esperança. Alguns presos políticos, ainda em processo como suspeitos jacobinos, tornavam suportáveis as noites do cárcere com a sua convivência e ignorância no jogo, em que D. Juan Ribera, ou D. Pedro, ou D. José, era mais versado que engenhoso em escrever história. As informações pedidas para Espanha deram que o homem se chamava Benito Rojas posto.

que, nas diversas terras em que se estacionara, tantos nomes dera que já não tinha o calendário que lhe dar a ele.

O crime que o levara pela terceira vez aos ferros de Valhadolide fora a contrafacção de assinaturas. Conseguira ele ser transferido para a Corunha, quando se aproximava o tempo do embarque para degredo por vinte anos. Dali fugira quando os franceses em 1808 desferrolharam as portas aos criminosos.

D. Benito Rojas tinha sido estudante de Direito, caminho torto que deixara, reconhecendo-se dotado e habilitado para se ir, estrada larga, ao encontro de mais estrondosos destinos.

Queixava-se ele na Relação da falta de incentivos amorosos que lhe espiritassem o intelecto. Parece que a menina anónima de memorável estilo, assim que ele foi arrancado de seus olhos pelos quadrilheiros, não só desistiu da coroa de condessa, mas ainda do coração do seu conde.

D. Bento, porém, maior que a adversidade, divertia o espírito, faminto de uma alma que o compreendesse, estancando as algibeiras dos parceiros da banca francesa, em que o resignado Caetano Alves aligeirava as horas também. Mora isto, aquela gente banqueteava-se, comia à tripa forra, compunham serenatas instrumentais, e dormiam sonos de bem-aventurados.

Onde a desgraça abrisse o teatro dos seus espectáculos era em casa do doutor Francisco Simões de Alpedrinha.

Os médicos, conduzidos por António da Silveira, diziam que a ciência dos corpos mórbidos confessava a sua ineficácia diante das enfermidade da alma. Mandavam transferir o enfermo para fora do Porto, esperançosos na distração campestre.

António consultou a vontade de seu irmão, relatando-lhe os infortúnios daquela família, e pedindo-lhe licença para hospedar em sua casa o doutor e a esposa.

Alma irmã da sua, o morgado respondeu pela voz da santa mãe que as formara ambas. O doutor, quase insensível ao destino que lhe davam, deixou-se levar para Trás-os-Montes, para além da serra do Mezio, sobre as montanhas que sobranceiam Vila Pouca de Aguiar.

A hospitaleira casa de Alexandre Tomás da Silveira acolheu com desvelos de parentesco o doutor e sua mulher. Os rapazitos da aldeia tomaram-lhe medo quando o viram daquela cor estranha; mas, depois, se o doutor se assentava, ao fim da tarde, debaixo do souto secular do ressio, os meninos viam-no chorar, e rodeavam-no, acariciando-o. Uma vez António da Silveira ordenou às crianças que se afastassem.

– Deixe-as – disse o doutor –, deixe-as, meu amigo, que todas me trazem um beijo e um afago da minha Albertina criancinha. Jesus Cristo, o divino filósofo – continuou ele, enternecido a lágrimas – amava muito as criancinha. *Sinite ad me parvulos venire*, dizia ele: «Deixai vir a mim os pequeninos.»

Era a primeira vez que o religioso mancebo lhe ouvira citar Jesus Cristo, e palavras augustas do sustentador e compensador dos mártires. Desde esta hora, assim que lhe caía de molde, António da Silveira trazia referências a Jesus, e palpava com piedoso tacto as cordas do coração do velho. Algumas vezes, o som que elas davam era uma lágrima; e o moço, a chorar também, dizia-lhe:

– Esse pranto vai na mão de um anjo à presença do Senhor.

O doutor Negro punha os olhos no firmamento, e dizia:

– Faltou-me o esteio da religião... Se eu me refugiasse em Deus, seria menos desgraçado. Agora é tarde. Estou a encher dias.

Estava.

A enfermidade era uma consumpção, que a ciência diagnosticava *caquexia*. Que palavra tão baixa e mal soante para uma tão sublime morte! Aquilo era um morrer de

paixão, um agonizar alanceado de saudades.

Ao cabo de três meses, começaram a despegar as folhas dos arvoredos. O azul do céu esmaiou-se numa cor de mortalha alvacentas. Os rouxinóis da balsa emudeceram. Os cerros da montanha denegriram-se. As pradarias alastraram-se das boninas fenecidas.

Francisco Simões quisera um dia levantar-se para despedir-se do sol, dizia ele. Já não pudera. Chamou António da Silveira e disse-lhe:

– Tenho padecido muito... É impossível que não haja Deus, e outra existência. Isto não pode acabar aqui. As dores imerecidas devem ser o testemunho de um destino, onde há o consolarem-se os atormentados neste mundo. Creio em Deus, creio no Deus que formou a sua alma de tantas virtudes, António da Silveira!... Quero que me escute um ministro da religião adorável que lhe deu esse nobre coração...

Saiu António em ânsias de alegria e compungimento. Daqui a momentos, entrava no quarto a virtuosa mãe dos Silveiras com um crucifixo de marfim. O doutor recebeu-o entre as mãos, e osculou-o.

Depois, entrou um clérigo ancião, e fecharam-se as portas da alcova.

Ultimada a cerimónia dos sacramentos, o doutor pediu um quarto de papel, e uma pena. Rogou que o amparassem, e escreveu:

Perdoo-te, minha filha. Perdoo-te, João Crisóstomo. Deus vos proteja. Morro, abençoando-vos.

Deixou cair a pena, e fez um gesto a António da Silveira significando que se apoderasse do papel.

O mancebo leu, e, ajoelhado, beijou-lhe as mãos. Em seguida, o doutor Negro abraçou sua mulher, que o estivera amparando, e murmurou:

– Morrerás à sombra da caridade desta família.

Rebentaram as lágrimas em todos os olhos.

O doutor revelou por meneios convulsos que estava muito aflito, e carecido de ar.

Saiu a família do quarto, e ficou o sacerdote. Duas horas depois, foi chamado António da

Silveira, que estava na antecâmara.

– Está a passar – disse o confessor. António acercou-se do leito, e curvou a cabeça ao lábios roxos. do agonizante, que ainda articularam estas palavras:

– Minha pobre filha...

E expirou.

CAPÍTULO DÉCIMO NONO

António da Silveira, procurador da viúva, desceu ao Porto para tomar conta do mesquinho espólio do doutor Francisco Simões de Alpedrinha. Quando chegou e noticiou a morte do doutor Negro, o senhorio da casa em que ele vivera, sem mais delongas, cobrou sumária sentença e mandado de penhora pela renda atrasada. António assistiu à venda em praça da livraria e mobília, apenas bastantes ao pagamento do aluguer do prédio por dois anos, O transmuntano arrematou o piano, os livros de estudo de Albertina, e um resto de seus vestidos desbotados, que desde muito envelheciam escondidos da vista do pai.

Bem que João Crisóstomo não tivesse noticiado sua chegada ao Rio de Janeiro, António da Silveira escreveu-lhe à ventura, narrando os pormenores das coisas decorridas, enviando-lhe cópias do recibo das duzentas moedas, e da denúncia de Caetano Alves ao corregedor do crime, e cópia também do perdão do doutor Negro moribundo. Receoso do transviamento da carta, reteve os originais para oportuna e seguramente lhos remeter.

Indagou Silveira o andamento do processo criminal. Disseram-lhe que se conspiravam a favor de Caetano Alves pessoas de grande vulto e influência, notadamente o regedor das justiças. Os jurisperitos, consultados por Silveira, diziam que a protecção ao réu era tão evidente e escandalosa quanto ele estava no gozo de seus bens, em menoscabo do prescrito do livro V das *Ordenações*, tít. LIII: *—Dos que fazem escrituras falsas ou usam delas*. Os quais bens — ajuntavam os jurisperitos — estavam adjudicados à absolvição do criminoso.

António da Silveira, transido de espasmo e abafado de indignação, faltava-lhe este desafogo da imprensa, que está sendo em nossos dias um aparelho respiratório suplementar para quem abafa sob a pressão da injustiça. Aguilhoado pelo zelo da honra de João Crisóstomo, foi-se o novato desta congregação de vendidos e corruptores, chamada humanidade, de porta em porta, pelos diversos palácios da justiça, que se espreguiçava sobre os seus plácidos coxins, para escutar o selvagem de uma honra antediluviana. Regedor das justiças, chanceler, corregedor, provedor, os oficiais todos da esfarrapada Témis, ouviram-no com edificativa paciência, e observaram-lhe que os julgadores de Caetano Alves, de Benito Rojas, e João Crisóstomo conheciam cabalmente o título LIII do livro V das *Ordenações*.

— João Crisóstomo! — exclamava o transmuntano — que há comum entre João Crisóstomo e os ladrões nomeados!

— Veremos — respondeu o regedor das justiças, enrugando a fronte já impaciente — *Adhuc sub judice iis est*.

Aquele mesmo corregedor do crime que, cinco meses antes, proclamara contritamente a inocência do marido de Albertina, dizia assim:

— Talvez nos seja necessário erguer a mão de sobre o criminoso principal para a não carregarmos sobre o cúmplice. Eu creio que João Crisóstomo pecou por boa fé, dando aos falsificadores a nota; mas a boa fé, em direito criminal, é coisa tão do foro íntimo, que raras vezes se tira a limpo sem provas concludentes, plenas e legítimas.

Silveira pasmou segunda vez, e levou as mãos aos olhos como se quisesse privá-los de verem o mundo.

Nestes dias de excruciante conhecimento dos homens, recebeu Silveira do correio de Espanha uma carta de João Crisóstomo, enviada pelo espanhol da Corunha.

Dizia assim:

«Aqui estamos. Eu já tinha bebido em criança alguns tragos de peçonha deste ar. Apenas avistei o céu inflamado do vaporar deste solo vulcânico, senti confranger-se-me o peito. Olhei para isto como um degredo. Para aqui mandavam as leis portuguesas os condenados a não terem pátria. Cá estou a cumprir sentença.

Minha mulher está contente: eu ainda lhe não disse que sofria: é necessário mentir. Encareço as maravilhas deste clima, e finjo-me espantado do largo peito com que respiro os bálsamos desta atmosfera. Eu conto com vida curta, a menos que as alegrias do coração me não transvertam o temperamento.

Logo que chegámos, hospedou-nos uma família espanhola a quem viemos encarecidamente recomendados. Era hospitalidade para tempo indeterminado; eu, porém, cuidei logo de saber onde granjearia o pão mais doce, que é o do trabalho. Entrei como professor de primeiras letras e francês num colégio, e Albertina, na mesma casa onde nos hospedámos, foi assoldada para ensinar piano. Estamos, pois fruindo os bens, o éden, de que fomos expulsos na Espanha. Neste teor de vida poderemos ir até à velhice, sem sobressaltos de ambição.

Por enquanto, está o meu nome aqui a coberto da calúnia. A cada navio que chega do Porto trememos que o raio da desgraça nos fulmine esta modesta satisfação. Já colhi informações da família do doutor Francisco Simões aqui. É gente de más entranhas, revolucionária, e inimiga dos portugueses. Fala-se muito em independência. Assim que o rei de cá sair, o Brasil, que não pode ser nosso – porque nós é que estamos no caso de ser de quem nos quiser – sacudirá o jugo que tem sofrido por delicadeza, e nós lá pelo tempo fora é que sairemos de Portugal a colonizar por conta dos futuros governos brasileiros os matagais de Pedro Álvares Cabral. Aqui estou eu feito profeta, com prejuízo das minhas funções de mestre de meninos, que me estão esperando.

Albertina quer que eu pergunte a V. S^a muitas coisas; mas eu sei que o nosso amigo tudo nos dirá. Provavelmente avisa-me que está provado que eu tomei parte no crime de falsificação. É uma grande desgraça que me anuncia, porque a desonra virá aqui atar-me os pulsos. Se não houver indulgência connosco, minha pobre mulher o que será dela?...

Chorar antes de tempo é oferecer dois peitos às punhaladas da adversidade. Venha o que tiver de ser. Eu confio na divina Providência.

Albertina quis dar-se a conhecer aos parentes: dissuadi-a para não ter de lastimá-la repelida. Poupei-a a saber que eles afrontam arguições ignominiosas. Não es temo por timbrarem em pontos de honra: é prudente aqui no Brasil cuidar a gente que a vida é coisa pouco respeitável aos que no-la olham com má cara; e eu não sei se o doutor Alpedrinha, depois de me acusar lá, mandará cumprir a sentença aqui. Estes sustos provam que o homem casado se acovarda, quando adora a mulher a quem se deu com a obrigação de ampará-la. Receio, porém, e antevejo uma hora em que todo este amor não baste a reter-me o braço... Pressagio que hei-de uma vez saldar de todo em todo as minhas contas com o *meu benfeitor Agostinho José Chaves*.

Adeus, meu caro amigo. Albertina quer saber de sua mãe, e fala no pai sem rancor: folgo de lho afirmar. Diga-nos V. S^a, sem reserva de sua compadecida amizade, o novo revés que há-de provar a nossa paciência, *etc.*»

O pressentimento de João Crisóstomo saiu-lhe acerbamente confirmado. Cartas do Porto levaram a nova da falsificação da escritura, menos com o intento de molestar o genro do doutor Negro, que em descrédito de Caetano Alves de Carvalho, cujo comércio prosperado para os portos brasileiros lhe granjeara émulos vingativos. Ao mesmo tempo o rancoroso preso, sabendo da fuga de João Crisóstomo para o Rio, escrevia a um primo lá estabelecido, defendendo frouxamente a sua honra, e delatando

em miúdos uma inventada traição do homem a quem ele acudira em grande aperto. Nomeava-o, esclarecia a obscuridade da pessoa com sinais indicadores, e recomendava a perseguição a expensas dele, que creditava toda a despesa feita.

O primo de Caetano, zeloso no extremo, quis instaurar logo processo contra João Crisóstomo, facilmente descoberto no exercício colegial. As leis recusaram indiciá-lo sem nenhuma prova. Do Porto nenhum aviso tinha chegado às justiças constituídas na corte.

Já o espanhol protector de João Crisóstomo sabia que o descrédito do seu recomendado principiava a reunir numa só as mil bocas, sempre prontas a conclamar a difamação. Chamou ele o protegido, e, com severo semblante, exigiu uma relação dos factos de que a maledicência tirava pretexto para acusá-lo. João Crisóstomo contou a história com a máxima exacção, e disse que assim a contara aos cavalheiros da Corunha, seus protectores. A simplicidade e lhaneza da narração convenceu o interrogador, que saiu às praças em defesa do caluniado; mas o primo de Caetano Alves contraminava as diligências do outro, e tinha por si o engulho que sente cada traidor em engolir o vômito.

Um dia, o proprietário do colégio apresentou-se ao comerciante espanhol, lastimando-se da dura obrigação que lhe impunha o crédito do seu estabelecimento. Depós o exórdio, seguiu-se a exposição do boato desonroso ao professor que ele admitira abonado pela respeitável pessoa a quem se dirigia. Ajuntava que alguns pais dos seus alunos lhe haviam imposto a demissão do infamado mestre, sob pena de retirarem eles seus filhos, e avisarem os pais dos outros. Aqui se debulhava em lágrimas o dono do colégio, dando-se como desamparado e morto de fome se os discípulos lhe fugissem.

O espanhol entendeu que era vã e importuna a apologia do mestre: agradeceu a delicadeza do homem, pedindo-lhe que se abstinésse de falar em tal matéria a João Crisóstomo.

Nesse dia, quando o professor voltava de sua tarefa, o amigo, com agradável sombra, lhe deu a saber que não tornaria ao colégio, e continuaria a ser seu hóspede, querendo, ou seu ajudante de guarda-livros, se mais lhe convinha esta ocupação, à míngua de outra melhor ajustada à sua capacidade e estudos. João Crisóstomo pediu explicação adivinhando-a, e instou o silêncio do delicado e condoído espanhol. Foi forçoso esclarecê-lo. O infeliz não redarguiu. Bebeu as lágrimas para que Albertina lhas não visse. Escondeu às indagações da esposa a causa da saída do colégio, dando como plausível intento na mudança de vida o esperar ele maiores lucros e melhor futuro na vida comercial.

Que montava o artificio?! Era tanta a opressão daquela abatida alma que o rosto a não podia dissimular aos olhos da mulher. O trabalho já o não distraia. A calúnia cravara-lhe no cérebro a garra. Depunha a pena, e comprimia as fontes arquejantes. Assim que a represa das lágrimas era tanta que se afogava nelas o alento, João Crisóstomo não podia deixar de vertê-las no seio de Albertina. Contou então em soluçantes ânsias o seu descrédito. Albertina, de princípio, sucumbiu; depois, recobrou-se, venceu a natural fraqueza da mulher, que vê chorar um homem, e disse:

– Não me disseste na Corunha: «Quando o mundo me chamar ladrão diz-me tu que o não sou»?... Fizeste-me esperar tanto do meu amor, e agora não valho eu nada para ti, quando o mundo te injúria!... E deixas-te esmagar, meu amigo... Que hei-de eu fazer, se tu choras! Onde hei-de eu ir procurar almas vigorosas que te reanimem!... Deixa-me ser o teu mundo unicamente; despreza a injúria, e aceita o louvor desta pobre Albertina! Tu és uni mártir, tu és um anjo atribulado pelo meu amor... Refugia-te em mim, e Deus nos defenderá!

“Palavras de inspiração divina foram estas para o desalentado homem. A débil mão da ameigadora Albertina, ao levantar-lhe da frente os cabelos, apagou de lá o ferrete calcinante em que João Crisóstomo cuidava que toda a gente fitava olhos indignados.

Vieram dias mais tranquilos. O ajudante do guarda-livros passava-os todos em casa. Se o patrão, acintemente, o mandava pagar ou receber avultadas quantias – no propósito de fazer notória a confiança que lhe merecia – João Crisóstomo recolhia triste, quebrantado e doente; é que o olhar petulante dos caluniadores o vexara, e pode mesmo ser que os mais inocentes reparos o aviltassem. Desistiu o patrão de o abonar no conceito público a preço de tamanhas mágoas. Deixaram-no com as consolações da esposa e do trabalho.

Certa gente, que se prezava de juízo claro e honestidade limpa, não perdoava à tolerância do espanhol. O acto corria explicado, não como caridade, mas como assentimento ao crime. Alguns intérpretes mais sumários e concludentes da consciência do negociante diziam, a meia voz, que o homem, porventura, apreciava a habilidade do caixeiro, e carecia dela em alguma ocasião. João Crisóstomo, no entender dos louvados da sua desonra, era propriamente o contrafactor da letra falsificada na escritura. A aleivosia, assim formalizada, era mais certa, mais hedionda, e melhor definida sem quebra de circunstâncias atenuantes.

As cartas anónimas levaram ao espanhol as ferroadas da gente sisuda. Doíam-lhe estas ofensas por serem as primeiras, mas o ânimo resistia inquebrantável às insinuações atroztes contra o caixeiro. João Crisóstomo desconfiava, ou lho disse o guarda-livros, que o patrão estava sendo, à conta dele, insultado por anónimos. Quis, sem olhar ao futuro, despedir-se logo; o comerciante, porém, impôs-lhe com autoridade o preceito de continuar no seu serviço, enquanto o não atraíssem mais vantagens.

Começou desde logo o caixeiro a pagar a dívida contraída na Corunha; todavia, a primeira ordem foi-lhe devolvida com o recibo da dívida por inteiro. O pai das educandas de Albertina, em nome de suas filhas, oferecia à mestra a melhor saudade do seu coração, e aquele nada do dinheiro como insignificância realçada pelo afecto que a oferecia.

Os bons de um lado a brigarem peito a peito com os maus! A Providência sempre! Sempre a formosa do céu a tirar flores dos espinhos, com que os réprobos entretecem as coroas dos seus holocaustos!

Mas aí vem o revés! Não quer Deus que as chagas de uns espinhos se fechem enquanto outros vêm rompendo de uma terra já de longe regada de lágrimas.

É que lá, em cima, nas assomadas da serra do Mezio, se está àquela hora cerrando a sepultura de um pai que chorou muito!

A Providência viu as lágrimas dele, assim como agora há-de ver as tuas, Albertina!

CAPÍTULO VIGÉSIMO

É obrigação corrente de quem faz romances evitar que o leitor volte a página em claro, dizendo de si para si que a tem. por supérflua ao enredo do conto. E este cuidado importa que o não desdenhem aqueles romancistas que propriamente se abonam com dizerem que escrevem para pessoas entendidas. Nós, os operários do jardim do coração, e não seareiros dos campos fertilizadores do espírito, devemos considerar que o nosso ofício é entreter os ócios. das senhoras e dos sujeitos que as igualam em superficialismo de inteligência. Isto não é desfazer na inteligência das damas; antes significa o despreço em que estimamos este género de escrita. Presumimos que as senhoras, graduadas virilmente na escala da inteligência, desadoram romances, e gastam seu tempo em leituras sumarentas, de par com as quais esta coisa de folhetins é um lustre de vidrilhos em compita com a perfulgência de brilhantes de alto quilate.

Pois que, por desfortuna, é incomparavelmente maior o número dos espíritos incultos, devemos assentar que para o maior número escrevemos, e dar já a razão deste cabeçalho de capítulo, para se não cuidar que estamos legislando aos arroteadores destas charnecas do romance português.

Parece que vinha de molde neste lugar discorrer acerca do processo judicial que deu por culpado na cumplicidade da falsificação o genro do doutor Negro. Se à custa de paciência, e estudo da terminologia jurídica, pudéssemos compor um relatório dos pontapés que a cega justiça levou dos seus sacerdotes, mandaríamos o nosso artigo à *Gazeta dos Tribunais*, protestando contra o despejo dos julgadores de há cinquenta anos, em nome da moralidade dos juizes nossos contemporâneos; moralidade que nos faz pasmar do reviramento que, em meio século, se fez na consciência dos executores da lei.

Visto a esta luz, o nosso trabalho seria valioso para contrastar as épocas e o progresso das almas; todavia, encravado num romance, passaria despercebido, e, como tal, pregão sem eco na consciência da humanidade. Digamos, pois, breve e espaladamente que as justiças de hoje em dia, em vez de esperarem que João Crisóstomo se refugiasse na América para de cá. o pronunciarem por falsificador, é muito de crer que o mandassem lavar-se por espaço de dois anos nas águas lustrais da Relação do Porto; e, por fim, chagado da lepra da desonra e tolhido das faculdades morais, o entregassem à purificação do júri. Isto no caso de ele entrar pobre nos ferros; porquanto, a entrar rico a imitação de Caetano Alves de Carvalho, nem mesmo o mandariam lavar na tal onda lustral, por entenderem que o sujeito, ainda encarvoado de estigmas, podia sair à luz do sol sem receio de que as mãos limpas dos transeuntes se esquivassem à imundície das dele. Até aqui parece-me que não estafei a paciência do leitor. Ponto final na filosofia, Chama-se filosofia isto, em romances. *Indocti discant.*

Foi portanto, culpado João. Crisóstomo.

António da Silveira, impando de ódio, procurou o corregedor do crime, e ousou abrir a represa da bília na cara venerável do magistrado, cuja tolerância excedeu as medidas da capacidade de um juiz. Replicou ele que João Crisóstomo seria absolvido em julgamento final, e não passou daqui.

António da Silveira revelou as palavras do corregedor aos jurisconsultos maravilhados da iniquidade. As opiniões foram consentâneas em conjecturar que Caetano Alves de Carvalho seria absolvido, à sombra da provada inocência de João Crisóstomo. Por esta hipótese gretava o paradoxo; mas era preciso aceitá-la, à mingua de outra.

Como quer que fosse, António da Silveira avisou o marido de Albertina,

acautelando-o do cumprimento de ordem de prisão ida do reino à intendência do Rio de Janeiro.

Esta nova é que João Crisóstomo futurava, quando chegou de Portugal a carta de Silveira.

Assim que a leu, a ocultas de Albertina, foi mostrá-la ao espanhol com tanta angústia que os sentidos lhe fugiam.

– Aquiete o seu fraco espírito – disse o negociante. – Depois falaremos.

Deu João Crisóstomo a notícia da morte do pai a sua mulher, e mostrou-lhe o traslado do perdão. Choraram ambos. Quis Albertina ler a carta de António da Silveira. João tergiversou, e ela compreendeu-o. Secaram-se-lhe logo as lágrimas da saudade filial, que devia de ser medianamente mortificadora. Angústia mais directa lhe golpeou o seio: a felicidade de seu marido, o cavarem-se súbito as feições dele crestadas por labareda de aflicção abafada.

Pedi a Albertina que a considerasse animosa, e necessária à partilha das dores comuns. João, carecido deste alento, mostrou a carta, e ajuntou o susto que tinha de ser preso, posto que o patrão o mandava sossegar. A esposa, quebrantada pelo pavor do cárcere, e previsão da morte do marido entre ferros, desmentiu a prometida coragem. Irrompeu em ais e gritos, que alvoroçaram a família. Acudiu o comerciante, consolando a desditosa com a promessa de lhe salvar o marido das presas da justiça.

E saiu a informar-se do que havia na intendência da polícia por secretos canais, cujos impedimentos ele desbastou com a serrilha de algumas peças.

De feito, estava na intendência ordem de prisão para João Crisóstomo, e já o primo de Caetano Alves, cômico da vinda da precatória, instava pela captura. Na noite deste dia, João Crisóstomo e Albertina foram removidos para fora da cidade, onde esperavam ordens do patrão. Quinze dias depois, embarcaram para Havana, enviados a um irmão do espanhol estabelecido no Rio.

A casa do comerciante fora, no entanto, duas vezes assaltada pelos esbirros, açulados pelo agente de Caetano Alves.

Em Havana, deteriorou-se rapidamente a débil saúde de João Crisóstomo. Albertina cuidou que o via ir-se finando irremediavelmente. Porém, findo o segundo mês de febres, o valetudinário caixeiro afez-se ao clima, e convalesceu. A vida era-lhe mais penosa. Não houve em que ocupar-se Albertina. As portuguesas, em Havana, como educadoras tinham pouco quem as preferisse às inglesas. As prendas de uma menina espanhola dispensavam a arte do piano, e os ricos curavam mediocrementemente da educação das filhas. No que se eles esmeravam era em locupletar-se, e fazerem-se a vela para a metrópole, como aves de arribação que pressentem as borrascas do céu em que passaram a sazão temperada. As borrascas antevistas dos comerciantes das Antilhas ainda não dispararam os raios que hão-de fulminar a grande ilha de Cuba, a quase extrema relíquia das possessões espanholas. Os colonos de há quarenta séculos esperavam, a cada hora, que os netos dos ingleses de 1660 e 1762 os saqueassem de sobressalto.

Como dissemos, o assíduo trabalho de João Crisóstomo escassamente facilitava as despesas da sua subsistência. Faltavam-lhe elementos para bem desempenhar o encargo de guarda-livros. Ignorava o inglês, e escassamente escrevia e falava o espanhol. A língua francesa, que ele apenas traduzia, era a menos usual naquele tráfico de grandioso comércio. Ia a pouco, portanto, o estipêndio do seu trabalho.

Albertina fazia milagres de economia, que, algumas vezes, poderiam chamar-se cortes nos objectos de primeira necessidade. Ainda assim alegrava-os a pureza da consciência entre mágoas tamanhas de tão imerecida expatriação.

Nunca se queixou de pobreza João Crisóstomo ao espanhol do Rio, nem aos da

Corunha, que facilmente o socorreriam. Nas curtas vagas que tinha do seu encargo de copiadador, cultivava a língua inglesa, e desprendia a pronúncia na espanhola.

Deixá-lo-emos a pelejar, vestido da diamantina armadura da paciência. Lá tem ao pé de si um anjo para esteio nos desfalecimentos. Albertina lhe oferecerá o seio amoroso, quando a cabeça lhe pender esvaída de trabalho, e abraçada pelo ferro candente da desesperança.

Voltemos a Portugal.

Há ano e meio que Caetano Alves de Carvalho e D. Benito de Rojas esperam julgamento.

O castelhano sente-se confortavelmente na Relação. Está moço, segundo ele diz, e tem ante si brilhantes horizontes de futuro a rasgarem-se. Com a segurança pessoal, que os homens honrados raramente gozam, tem ele engrossado os seus haveres, extirpando as últimas mealhas das algibeiras dos companheiros. Para entreter a índole engenhosa, até a sua boa estrela lhe tem levado à cadeia recibos, certidões, e firmas a falsificar. Todas as suas horas são produtivas e folgadas, excepto quando dorme, que, algumas vezes, acorda escouceando abantesmas de carrascos que lhe apertam o esparto na garganta. Estas incomodidades nocturnas não lhe amolgam o rijo espírito. O homem ergue-se, escanhoa-se, veste com certa louçania e frescura, e visita o seu amigo Caetano Alves de Carvalho, cujo contubernal é de almoço e jantar. Outra fonte de riqueza!

Enquanto ao ricaço de Vila Nova de Caia, observavam os seus amigos que ele engordava na proporção do bolo alimentício, que digerira em paz de alma e valente dinamia de bucho. À sua lauta mesa concorrem convivas de estimação na sociedade, e vê-se com frequência uma Tomasinha, rapariga fresca e sécia, que dizem ser a menina roubada aos pais, sumida alguns meses na quinta da Póvoa de Varzim, donde ela vem a miúdo visitar o prego. Consta que o raptor, assim que sair livre, casará com ela, em galardão da lealdade com que a gentil moçoila lhe tem assistido nos seus infortúnios. Pois sim... Lealdade a Caetano Alves!... É o que nos faltava ver! Cá por fora corre a onda do Pactolo, que Caetano fez jorrar das suas burras. Nesta onda lava-se muita gente suja, que o mundo imaginava limpa. Habilmente cortada em meandros, a torrente rega muitas searas. A do regedor das justiças passa por ser a mais absorvente; as outras à proporção; as testemunhas que vão jurar sobre os santos Evangelhos a honra imaculada, e a incapacidade do crime em Caetano Alves, são mais de trinta, afora cinquenta rejeitadas, que se ofereceram por metade do dinheiro com que foi alugada a consciência das outras.

Estas notícias chegam semanalmente a António da Silveira. O desesperado amigo de João Crisóstomo não tem que lhe fazer. Uma consolação o salva de enlouquecer, e é que o marido de Albertina, acusado no mesmo tribunal por ladrão, sairá absolvido com os dois ladrões inocentes.

Chega o dia do julgamento.

Os réus não têm parte acusadora. Os promotores da justiça, que hoje chamaríamos ministério público, chamam as testemunhas da acusação: umas ninguém sabe em que remos estão; outras contradizem-se; outras parece que depõem no sentido da defesa. O tabelião Ferreira tinha morrido; o sucessor não sabe de nada; a justiça não pode saber o que toda a outra gente ignora. A audiência nem mesmo teve as honras dum longo debate. O julgador estava convencidíssimo da inocência dos réus ainda antes do defensor dizer que o segredo da falsificação, se a houve, tinha caído na sepultura do tabelião Ferreira. Isto era concludentíssimo e irrespondível. Foram os réus absolvidos: e o lavrador, que tinha desistido da parte, não lhe aceitaram a desistência para o pagamento das custas. Em abono desta equidade, eram tantos Os reinícolas, que o lavrador temeu que, por cima de tudo, o degradassem a ele!

E a humanidade riu-se, e os corrompidos riram também com a humanidade.

Exceptua-se, porém, D. Benito Rojas. Este não riu, quando lhe disseram que estava absolto do crime imputado em Portugal; mas, a requisição do cônsul, tinha de ir responder a Espanha, donde fugira..

– Não se aflija! – lhe disse à puridade Caetano Alves. – Eu comprarei o cônsul, e vossemecê irá para o olho da rua.

O proprietário de Vila Nova teve numerosos amigos que o acompanharam a casa. Logo que pôde desprender-se dos braços das testemunhas, fechou-se por dentro do seu escritório, e meditou.

Os seus haveres estavam desfalcados em mais de cinquenta contos de réis, preço da liberdade. Restava-lhe a casa da vivenda, e a quinta da Póvoa de Varzim, afora uns vinte contos em peças de duas caras, que ele encofrara, e escondera num falso da casa daquela quinta. Com grande pesar seu tinha ele de tocar neste tesouro: era-lhe preciso dinheiro grosso para chatinar a indiferença do cônsul espanhol a liberdade do criminoso, que o ameaçava de pôr tudo em pratos limpos.

Foi Caetano Alves a Póvoa, onde estava a menina roubada. Ajoelhou à beira do cofre; tirou uma quarta parte das peças, e voltou ao Porto. Comissionou os agentes conhecidos de mais árduas empresas, e ajustou a compra do homem que não tinha motivo algum para ser mais incorruptível que os outros.

O espanhol saiu da cadeia, e foi jantar com Caetano Alves. Findo o ágape destes dois inocentes resgatados das unhas da calúnia, D. Benito despediu-se com um temo abraço, oferecendo ao amigo o seu préstimo na América inglesa para onde ia partir.

Decorridos dias, Caetano deliberou ir repousar-se à sua quinta da Póvoa, e calcular os reparos indispensáveis nos seus bens esbanjados. Movia-o também a ideia de ir esposar a moça, que tão fielmente o servira.

Quando chegou ao portão da quinta, bateu três vezes, e ninguém lhe falou.

Acudiram vizinhos, dizendo que, alguns dias antes, a senhora dona Tomasinha havia despedido o criado e a criada, e saíra da quinta com um sujeito.

Fez o roxo Caetano arrombar as portas, e foi direito ao falso do cofre em que deixara quinze contos. Achou o cofre arrombado e vazio.

Caetano Alves bateu com a cara em cheio na tampa do caixão cintado de ferro.

Não podemos calcular que infernos chamejavam naquela alma negra.

O que podemos averiguar foi que a sr^a D. Tomasinha, destinada esposa do sr. Caetano, tinha fugido com D. Benito Rojas.

A Providência dá uns castigos que parecem zombarias!

CAPÍTULO VIGÉSIMO PRIMEIRO

Assim que a notícia do julgamento chegou ao Rio de Janeiro, com o traslado da sentença enviado por António da Silveira ao patrão que fora do seu amigo, foi logo João Crisóstomo chamado de Havana para exercer o seu cargo em casa do espanhol. Esta agradável nova levantou o infeliz do seu mortal abatimento. Custava-lhe já a suportar a cruz, ainda com o ombro de Albertina lacerado sob o peso dela. Aviventava-o mais o frenesi do ódio que o incentivo do amor: ódio sanguinário ao homem que o perdera, ânsia de espedaçar com suas mãos Caetano Alves. Uma vez, dizia ele, exasperado e raivando contra a justiça divina, que, se tivesse recursos, viria ao Porto, e iria à Relação atravessar a garganta do algoz da sua honra. Albertina aplacava estes delírios com o refrigério das lágrimas, orvalho piedoso de coração amantíssimo, que todos os infernos apaga.

Transferidos ao Rio de Janeiro, melhoraram de vida, porque tinham o anteparo do comerciante, contra os tiros da aleivosia contumaz em assetear João Crisóstomo, sem embargo da absolvição. As cartas do Porto a diversos negociantes do Rio levavam o espanto da sentença e a confirmação do crime dos absoltos. Os créditos do caixeiro continuaram infamados, e a desconsideração do comerciante encruou-se com a impunidade.

O marido de Albertina sabia isto, e contorcia-se na angustiosa impossibilidade de provar sua inocência. Ao mesmo tempo, como se o gume do cutelo carecesse de fio que cortasse fundo pelas raízes daquelas duas vidas, deram eles tento de que o espanhol os ia desestimando: efeito da pertinaz maledicência com que o mundo procurava destruir a misericórdia do benfeitor.

Neste sentido escreveu João Crisóstomo a António da Silveira, perguntando-lhe se seria indiscreta ou intempestiva a sua vinda para Portugal.

Silveira respondeu de modo que, passados anos, lhe redundou em remordente arrependimento, e chaga insanável no coração. Disse-me que a sua casa estava pronta a recebê-los, como recebera a viúva do doutor. Quanto à sua vinda, se ele projectava empregar-se, mal avisado vinha; porquanto não havia dissuadir o mundo da criminalidade cúmplice de Caetano Alves. Acrescentava: «Se o meu amigo viesse rico, parece-Ple que seria recebido regularmente por muitas pessoas, não direi honradas, mas suficientes e boas para lhe ajudarem a gastar o cabedal que o senhor trouxesse. Porém, desembarcar no Porto, pobre como creio que o meu amigo. está, e na dependência :de um emprego, aventure-me a asseverar-lhe que dá um passo falso, e importante na sua carreira, tão cavada de precipícios. Pediu-me conselho: respondi segundo os ditames da minha razão esclarecida pela precoce experiência dos homens em três anos. Repito: a minha casa é vossa, meus bons amigos. Vinde, e tereis mesa frugal, amizade de irmãos, e duas mães para vos amarem.»

Este oferecimento não quadrava com a hombridade e isenção do marido de Albertina. Preferiu as dores do descrédito longe da pátria, e esperou remédio do tempo.

Continuou a exceder-se na pontualidade costumada de suas ocupações para ganhar a estima cerceada do patrão. A ira sobreposse dos honestos esmoreceu a pouco e pouco. O espanhol, que não pudera sacrificá-lo à vindicta pública, folgou com o silêncio dos praguentos, sem contudo restituir ao caixeiro o antigo affecto, nem cuidar em encaminhá-lo por estrada mais prometedora.

Deixemo-lo ainda em acérrima peleja com a inflexível desgraça. Passados cinco anos, voltaremos em busca da filha do doutor Negro.

Caetano Alves de Carvalho, depois que o ergueram de sobre a tampa do cofre

vazio, esteve de cama uma temporada, e por um cabelinho que não resvalou à cova. Tinha fibras, ou a Providência teve mão dele, posto que a medicina se adjudicasse o milagre. O certo é que o homem passou da Póvoa para Vila Nova de Gaia, e cuidou de vender a quinta.

Um dos seus comensais da Relação, a quem ele expansivamente contara a fuga da moça com o considerável roubo, três vezes bateu na testa, e disse-lhe:

– Eu vou jurar que a Tomasinha fugiu com o D. Benito!

– Como desconfias tudo isso?!

– Porque já desconfiava na cadeia que eles se namoravam. Todos viam: tu é que estavas cego, homem! Pois quem não deu fé que ela lhe lançava os olhos derramados, e ele lhe estava sempre dando riscos para bordar, e corações a lápis com anjos a brincarem à roda dos corações?! Eu via isto, e tu também; mas quem te ouvia falar da fidelidade dela com tanto entusiasmo, não se afoutava a dizer-te nada! Eu, de mais a mais, uma vez que estávamos a jantar, não sei como, espreitei por debaixo da mesa, e quis-me parecer que os quatro pés deles lá se entendiam...

– É não mo disseste! – interrompeu Caetano.

– É verdade que to não disse porque nestas coisas de consciência sou muito liso e escrupuloso... (Este liso escrupuloso tinha ido jurar que Caetano Alves de Carvalho era modelo de homens de bem). E, depois, bem sabes que isto de se intrometer a gente em negócios de aflores é perigo de ficar mal com todos. Quem está cego de paixão dá bordoadas de cego em quem o avisa... Pois podes estar na certeza de que a moça fugiu com o endiabrado do galego! Asno foste tu em o tirares da cadeia!... E, esta hora, onde estarão eles? Podem estar na China, e tu ficaste sem os teus quinze contos!... Já é dinheiro; mas não te fará grande falta, Caetano! O pior é ir-se-te a rapariga, que tu amavas a valer...

– O pior é ir-se-me o dinheiro! – atalhou sinceramente Caetano Alves.

– Faz-te muita falta?

– Ora, se faz! era o meu pecúlio, que eu ali tinha, para um revés! Agora, dinheiro foi-se todo. Resta-me a quinta, e estas casas, e umas terras no Candal. O muito que poderei apurar são quinze contos! Já me vi com perto de cem, ganhados com o suor do meu rosto, afóra a boa casa que me deixou meu pai. Como hei-de eu agora endireitar a minha fortuna com um casco de quinze contos!...

– Está feito, está feito! – ponderou o confidente – Com menos começaste, e em menos de seis anos estavas rico.

– Lembra-me ir negociar no Brasil com este resto... Preciso distrair-me a trabalhar, senão arrebento de paixão...

– Da Tomásia?

– Não, homem, do meu dinheiro, do meu dinheiro, que Tomásias há tantas como a praga...

– E daquelas – tornou o amigo – há mais que dez pragas juntas... Pois não me parece desacertado o teu projecto, Caetano. Vai-te até ao Rio...

– Ao Rio não, que deve lá estar o patife do João Crisóstomo; e, se o vejo, esgano-o, palavra de honra! Foi ele que me fez gastar a minha fortuna! Não lhe posso perdoar! E, de mais a mais, enquanto eu estive na Relação, andou ele à solta, a divertir-se, e por Havana! E, agora, pode andar por onde quiser... Que justiça! Que justiça, homem

– Também acho ajuizado – observou o interlocutor – que não vás para o Rio. Tiveste lá negócios, e agora não deves lá ter muitos créditos...

– Créditos é o dinheiro, meu rapaz! Eu não vou pedir abono a ninguém. Em dez anos, se os cálculos me não falham, hei-de voltar com mais de cem contos. Posso ainda ter uma velhice descansada e alegre.

- Isso podes, meu amigo. De mais a mais não tens :a quem deixar por obrigação...
- Hei-de ter filhos, porque não me despeço de casar
- Cuidado com as Tomasinhas, amigo Caetano!

Um mês depois deste diálogo programático, vendida a quinta da Póvoa e as restantes propriedades, Caetano Alves de Carvalho embarcou para o Maranhão, e encetou comércio de couros e campeche. Como a fortuna lhe ventasse menos que o cálculo da sua cobiça, desistiu deste tráfico, e conchavou-se com os armadores de navios para escravatura. Saíram-lhe prósperas as tentativas; e o casco, segundo a frase dele, dobrou-se no primeiro ano.

Nos seguintes cinco anos, apesar de contratemplos e delapidações dos sócios, triplicou os seus haveres, e alegrou-se de antever realizada a sua esperança antes do prazo calculado.

Teria, neste tempo, Caetano Alves de Carvalho quarenta e cinco anos.

Pontual ao seu prospecto, cuidou em matrimoniar-se com a irmã de um sócio, quarentona vermelhaça, filha da província do Minho, e famosa arranjadeira de casa.

Avençaram-se os sócios enquanto às condições, e casou Caetano, fazendo desde logo ardentes votos pelo nascimento de um filho.

A natureza não lhe ouviu os votos, como se à boa ordem da sociedade fosse preciso que Caetano não propagasse.

O cunhado de Caetano Alves, neste tempo, foi a negócios a S. Domingos, na América francesa. Acaso travou conhecimento com uma mulher portuguesa, galante, mas mal trajada, e exposta às calamidades da mulher desvalida e ainda atraente com a sua desbotada formosura.

Disse chamar-se Luísa, e ser natural de Lisboa. Averiguou dela e de pessoas que a conheciam, o caso estranho de ter vindo bater àquela paragem. Luísa dizia que um francês em 1809 a tirara a seus pais, tendo ela doze anos. de idade, e a trouxera para S. Domingos, onde a abandonara, fugindo para França. As pessoas informadoras variaram da história narrada por Luísa, dizendo que não era francês o homem que a deixara, fugindo com um grande capital que ela roubara aos pais.

O negreiro maranhão tomou conta da mulher desamparada, e embarcou para o Brasil. Apaixonou-se; e no primeiro porto em que saltaram, recebeu-a como mulher, coisa fácil, sem as precedências canónicas do estilo eclesiástico. Deste porto, escreveu a Caetano Alves dando-lhe parte que havia casado com uma senhora de Lisboa, filha de um antigo militar affecto a Napoleão, e estabelecido em S. Domingos. Vaidade perdoável!

Ordenava, por isso, que lhe trastejassem a casa para dignamente a ir ocupar com a esposa.

Concluídos os seus negócios nas costas brasileiras, o noivo recolheu ao Maranhão.

Caetano Alves e sua mulher foram a bordo receber os benvindos.

Estava a noiva no tombadilho do barco encostada ao ombro do marido, quando avistou num bote que saía da terra alguma coisa que a fez amarelecer e tremer.

- Que tens, Luísa? – perguntou o marido.
- Quem é aquele homem que vem naquele bote?
- É meu cunhado e minha irmã.

A mulher fitou a vista de louca no bote, e expediu um grito sibilante.

Depois, acercou-se da amurada para se atirar ao rio. O marido susteve-a, apavorado da demência de sua mulher.

Estavam os cônjuges rodeados de marinhagem, quando Caetano Alves e a mulher assomaram no portaló.

Luísa tinha desmaiado

Aproximaram-se os recém-chegados do grupo... Caetano afastou desabridamente dois marinheiros, infirmou-se na mulher, e exclamou:

– A Tomásia!... Quem trouxe aqui esta mulher?

– Que diz você? – perguntou o cunhado.

– Quem trouxe aqui esta ladra, que me roubou quinze tontos de réis, moeda forte, e me fugiu com um espanhol tão ladrão como ela?

Terror e espanto geral!

O marido da desgraçada fez pé atrás, e abriu a boca. Era a petrificação de um homem fulminado pela demência! Neste conflito, Tomásia voltava a si, porque Deus lhe não concedera a felicidade de morrer.

Lançou-se de joelhos aos pés do marido, e exclamou:

– Mate-me, por misericórdia, ou deixe-me lançar ao rio!

– Pois esta é a mulher de você? – perguntou Caetano Alves, com as mãos postas na cabeça.

– É – respondeu o cunhado, abafando os soluços, e encostando a cara ao peito denegrido de um marujo.

– Mulher de você?! esta ladra?! – rebramiu ferozmente Caetano.

Tomásia tinha o rosto no pavimento, e os braços enroscados aos pés do marido.

O capitão do navio travou do braço de Caetano Alves, tirou-o à parte, e disse-lhe:

– Parece-me que o melhor é vossemecê retirar-se de bordo. Isto não tem jeito.

Aquela mulher morre ali estarecida!

– Que a leve o diabo! – bramiu Caetano. – O que ele deve fazer é afogá-la, o marido!

– Não se afoga assim uma mulher, sr. Alves – tornou o marítimo. – Já agora, o mal feito não tem remédio.

– E os meus quinze contos! – replicou o vil sem vislumbre de dignidade e compaixão –. Quem é que mos dá?

– Eu decerto lhos não dou – redarguiu o capitão, bradando: – Olá, gentes, caça velas!

A tripulação desfez o grupo. Ficaram Tomásia na postura de rojo, imóvel, como morta, e o marido abraçado à irmã. Caetano sentava-se sobre o cabo das amarras, e observava de longe.

Nisto, a mulher do negreiro ergueu-se de ímpeto, e arremeteu contra um bordo para se atirar ao rio. Reteve-a o marido pelas saias, e repuxou-a com violência, exclamando:

– Não quero que morras!

A desgraçada barafustou nos braços dele, até cair extenuada. O homem tomou-a em peso, e desceu com ela à câmara. Lançou-a num beliche, e subiu ao tombadilho. Chamou Caetano Alves, e disse-lhe:

– Eu não desembarco: espero que outro navio se faça de vela para onde for. Pode vossemecê retirar-se com sua mulher. E a respeito da minha, nem mais uma palavra, senão mando-o de presente ao inferno!

Caetano quis benzer-se, mas não sabia.

Chamou a mulher, saltou no bote, e foi para casa.

No dia seguinte, o marido de Tomásia traspassou a sua casa comercial, e todos os seus haveres, e fez-se ao mar, até onde um navio de viagem para a América inglesa lançou ferro.

Quando saltou em terra, apertou a mulher ao seio, e disse-lhe:

– Estás perdoada pelo mal que me não fizeste a mim, e perdoada também pela

mentira. Tem juízo de hoje avante, se desejas viver...

CAPÍTULO VIGÉSIMO SEGUNDO

Carecemos de dar algumas páginas a António da Silveira, personagem secundário desta história; porém digno de o ser de um livro entretecido das suas obscuras virtudes.

Em 1817, quando Comes Freire foi enforcado, e os revolucionários seus cúmplices espingardeados uns, e devorados outros pelas fogueiras, estava em Lisboa António da Silveira, onde seu irmão Alexandre o mandara recolher a pequena herança de um tio cónego da Sé Patriarcal. Apavorou-o o horrendo espectáculo da carnificina, e todas as fibras do coração lhas vibrou o ódio à tirania sanguinária. Fez-se em sua alma súbita mudança. O amigo da liberdade da consciência, sem má vontade aos opressores do espírito, ali, naqueles dias nefastos de Lisboa, desfigurou-se em revolucionário rancoroso, e jurou de si para Deus sacrificar-se até à morte, em defesa dos oprimidos. Neste propósito, digno de um Cévolá, e dos muitos heróicos romanos que ele conhecia, voltou para a província, e cuidou logo de juramentar-se e iniciar-se nos mistérios revolucionários da maçonaria.

O Porto arfava já então nas ânsias de dar à luz eterna da história o grito de 1820. Silveira ligara-se de coração aos caudilhos conjurados na revolta, mormente com José da Silva Carvalho, o ardente liberal que, em sua pobreza, se afigurava ao transmuntano o homem de têmpera dos Cincinatos... *desromanizados* pelo tempo, que aperfeiçoa muita coisa, mas também estraga muita.

Alexandre da Silveira era o herdeiro das tradições avoengas, e o sectário desmalicioso da imobilidade do espírito humano. Lia pela cartilha do tio general. Queria o trono e o altar, a paz e concórdia entre os príncipes cristãos e a extirpação das heresias.

António balbuciava timidamente os seus princípios na presença do irmão. Demasiara-se, quando chegou colérico e aterrado de Lisboa. Alexandre, a propósito da morte de Comes Freire, disse sentenciosamente que era boa medicina amputar o membro podre, antes que o restante do corpo se contagiasse. António replicou citando as leis divinas e sociais. Alexandre contraveio alegando que a lei de Deus era amar o próximo, e não conspirar contra ele, e que Jeová ordenara ao seu povo a carnificina das nações rebeldes aos seus preceitos. Neste estilo, parecia um dos frades daquele tempo, que da cátedra santa e do púlpito pregoavam o holocausto dos jacobinos, cujo sangue aprazia ao Senhor Deus dos exércitos. Mas Alexandre era melhor que os frades, frades maus, quero dizer. Estas polémicas repetidas dispararam em inimistade dos irmãos, que tão amigos haviam sido. A mãe dos dois, próxima a render o espírito ao criador, chamou-os à beira de sua cama, e conciliou-os, com promessa de se amarem sempre.

A virtuosa morreu, e eles cumpriram, impondo-se António da Silveira absoluto silêncio em questões de partidos.

Estalou a revolução de 1820.

A dez de Agosto daquele ano já António da Silveira estava na cidade eterna entre os mais modestos da conjuração, onde grandes e pequenos eram gigantes, a quem nós, os herdeiros das messes que eles lavraram, fizemos a assinalada honra de não levantar estátuas. É que não cabe em nossas praças um pedestal condigno.

António da Silveira foi dos mais enérgicos, e dos menos gritadores. Folgou de embalar a liberdade no seu berço; nada pediu; nada lhe ofereceram; e, com esta máxima condecoração, voltou para a sua província.

Alexandre recebeu-o silencioso e triste. Passadas horas, disse-lhe com lágrimas:
– Semeaste vento; mais tarde colherás tempestades.

António sorriu-se, e replicou:

– A humanidade já não retrocede.

– A humanidade está sempre no mesmo posto – retorquiu Alexandre. – O que tu chamas «civilização», meu amigo, se não vier sem baptismo de sangue, também não virá com ele.

O fidalgo lavrador, até certo ponto, parecia cordato e razoável.

No ano de 1820 a viúva do doutor Negro, cortada de desgostos, e cansada de viver, pediu instantemente ao Senhor que a levasse. Esperou seis anos por sua filha, ignorando até ao extremo dia as desventuras que a perseguiram:

Silveira enganava-lhe as esperanças, com a promessa de que João Crisóstomo voltaria para a pátria.

Agravou-se-lhe a enfermidade com a morte da senhora da casa, consoladora santa das suas penas. Em 1821, descansou no Senhor, e foi sepultada na mesma cova de seu marido.

No fim deste ano recebeu Silveira notícias de Albertina. João Crisóstomo continuava no invariável mister de ajudante de guarda-livros, e sofria moléstia assustadora de peito, consequência do clima e do trabalho. Mostrava-se conformado com a vontade de Deus e dos homens. Noticiava a existência de Caetano Alves no Maranhão, e, a este respeito, acrescentava: «Vai-se aproximando o tempo de fecharmos o saldo aberto das nossas contas. Lamento hoje ter uma mulher. Às vezes, sonho que a vejo ao abrigo da casa misericordiosa dos Silveiras.»

A longos prazos, sustentaram correspondência até 1823.

– Depois, disse-me António da Silveira, em 1824, indo eu ao Porto, casualmente encontrei o advogado que defendera João Crisóstomo. Disse-me ele:

– Deve já saber o que aconteceu ao nosso desgraçado homem...

– A João Crisóstomo? Não sei...

O advogado contou brevemente um sucesso, que o romancista não pode reproduzir com a mesma concisão. Vamos procurar a causa da palidez angustiosa com que António da Silveira ouviu a pungentíssima nova.

Caetano Alves de Carvalho, enriquecido além das suas contas, em poucos anos, resolveu retirar-se para Portugal, onde também a esposa, saudosa de Esposende, sua terra, desejava regalar os últimos anos. Quando estava em liquidação, faliu um comerciante do Rio, em cuja casa Caetano Alves tinha alguns contos de reis.

A espora da ambição, irritada por este revés, cravou-se-lhe na alma, e atirou-o na direcção do Rio, a demandar preferências ao remanescente da massa falida. Azoadado por esta imprevista pancada, esqueceu João Crisóstomo, ou dignou-se perdoar-lhe.

Chegou ao Rio, e cuidou nos seus negócios. O espanhol, patrão do marido de Albertina, era também credor do negociante falido. Assim que viu no tribunal comercial o requerimento de preferências de Caetano José Alves, disse-o ao caixeiro, notando a estupidez do requerente.

João Crisóstomo ouviu a nova com plácida naturalidade.

No mesmo dia saiu a indagar a residência de Caetano. Disseram-lhe que estava hospedado em casa de um mercador de pretos, seu consociado na mercadoria.

Voltou, no dia seguinte; espreitou-o à saída, e reconheceu-o. Tornou para o escritório; e, à noite, conforme o costume de seis anos, sentou-se ao lado de Albertina, continuando a copiar para os livros, com intervalos de conversação, ou leitura de alguma obra amena em francês.

Às dez horas desta noite, João Crisóstomo depôs a pena, com desalento.

– Estás fatigado? – perguntou Albertina. – Basta de escrever, filho; conversemos um pouquinho.

João Crisóstomo abraçou-a com veemência, e deixou-lhe o rosto húmido de

lágrimas.

– Que é isto – clamou ela. – Tu choras, meu amigo? Que nova desgraça me anuncias? Conta-me tudo por compaixão das minhas dores!

– Nada, filha, nada é. Foi um rapto de ternura, de amor... – balbuciou ele.

– Por Deus! tu enganas-me!...

– Pois duvidas que te estremeço, filha?

– Não; mas creio que estás aflito!... O meu esposo!... – que negra nuvem é esta que me baixou à alma!... Que há na tua vida... Oh! diz-mo, diz-mo!...

– A eterna desgraça que sabes... Mais nada.

– E a resignação, meu querido amor? a resignação, que é o bálsamo das mãos de Deus?...

– E a infâmia, o ferrete indelével, o descrédito, este viver e morrer coberto de opróbrio!... E a pobreza, Albertina!... Não me vês assim doente?... Que te deixo eu, que te fica de mim? Um nome injurioso!... Quem dará um colmado e uni bocado de pão duro à viúva do ladrão?

– Ó filho!... – exclamou ela, pondo as mãos suplicantes. – Pois tu morres-me? Tu queres deixar-me?

– Deixar-te desvalida, envolta nesta mortalha escarrada do mundo, que eu arrasto há cinco anos... É assim que eu te deixo, esposa da minha alma... Onde irás tu? Se isto que temos bastar à tua passagem para Portugal, vai pedir o talher, vago pela morte de tua mãe, à mesa dos Silveiras. Viverás trabalhando, e morrerás resguardada dos insultos do mundo... Os teus ossos terão sepultura honrada, já que tantos abrolhos de ignomínia te fiz trilhar nesta vida toda noite, toda inferno para ti... e para mim, que a não merecíamos...

– Confiança no Altíssimo, filho!...

João parecia não ouvir as interrupções de Albertina; e continuou agitado e vibrante de ira:

– Foi aquele homem que nos perdeu... Está nas mãos dele esta esponja de fel, que se me não despega da boca! É o maldito sempre a cavar-me a sepultura, que a sociedade me há-de cobrir de lama... E a minha vingança, Albertina!... a vingança do homem que tu enobreceste com o teu amor?...

– Vingança de quem? do miserável? Deixá-lo debaixo da mão da Providência! Pois tu pensas em alguma vingança que nos acabe de perder?... Por compaixão de mim, João!! desiste, desiste desse intento... É um demónio que te alucina, filho!...

João tornou sobre si com instantâneo artifício, e disse quase sossegado:

– Que dizes tu de alucinação? Pois eu disse que me ia vingar?!

– Falaste de vingança.

– Tantas vezes tenho falado nisto, Albertina...

– Pois sim; mas nunca te vi esses gestos, esse incêndio nos olhos...

– É febre, meu querido anjo... Vês que estou tranquilo?...

– Quem sabe?...

– Sabes tu, Albertina, que vês o mais recôndito da minha alma... Se eu pudesse agora dormir... Era-me necessário repouso.

Na madrugada do dia seguinte, João Crisóstomo levantou-se mansamente. Albertina dormia o primeiro sono. Ajoelhou-se ele ao pé do leito, ergueu as mãos, contemplou-a, e muito de leve lhe beijou a face direita. Fitou-a de espaço outra vez, e absorveu nos lábios trémulos as lágrimas copiosas.

Saiu abafando o rumor dos passos; e, de passagem, tirou uma carteira dentre os livros da sua pequena estante, e desceu à rua.

Encaminhou-se à residência de Caetano Alves.

O negreiro que hospedava o sócio ia saindo quando João Crisóstomo entrava.

– Se este me conhece – disse o caixeiro entre si –, balda-se tudo!

Não o conhecia o negreiro: a sua vida era mais de mar que de terra.

Perguntou João Crisóstomo se o sr. Caetano Alves ainda estava em casa.

– Ficou a dormir; mas levanta-se logo – respondeu o outro. – Se lhe quer alguma coisa, este preto que o leve lá acima à sala, e que vá chamar o sr. Caetano.

João Crisóstomo seguiu o preto.

Ao primeiro mainel da escada, sentiu cãibras nas pernas. Viu a imagem lagrimosa de Albertina. Se nos braços desta imagem visse uma criancinha, João Crisóstomo retrocederia. Os filhinhos são anjos da guarda.

Entrou na sala.

Sentou-se a enxugar o suor que lhe ondeava na face e seio. O coração batia-lhe contra as paredes do peito. Azulejava-se-lhe o lume dos olhos, e cortavam coriscos a luz quase trevas em que mergulhava o olhar espavorido.

O escravo entrou a chamar Caetano Alves, e voltou a perguntar quem era.

João tergiversou a responder, e disse afinal:

– Diz-lhe que é um sujeito que vem saldar contas.

Levou o preto a resposta, e Caetano disse em monólogo:

– Eu não devo nada a ninguém cá no Rio... Então é homem que me deve, e eu estou esquecido... Vamos lá.

E ergueu-se à pressa: porém, quando estava envergando a jaqueta de fustão branco, sentiu nas cavernas do peito um estrondo, se não antes um couce do caprichoso diabo que o avisava.

– Não estou bom cá por dentro! – disse ele. – Adivinho não sei quê... Estará minha mulher doente! Ou...

Não sabemos que outras inferências supersticiosas ele tirou do abalo com referência às coisas da sua casa, O certo é que o homem ia abstraído, quando entrou à sala.

Caetano Alves estacou, e pôs as costas contra o alizar da meia porta que abrira.

– O senhor é... – tartamudeou Caetano.

– Sou eu – respondeu João Crisóstomo.

CAPÍTULO VIGÉSIMO TERCEIRO

Caminhou vagorosamente João Crisóstomo para Caetano Alves, e disse-lhe:

– Creio que o sr. Agostinho José Chaves me vê sem óculos, e me ouve sem cometa acústica. Felicito-o da feliz cura de olhos e de ouvidos.

Então o senhor que me quer?! – atalhou, com sobranceria, o negreiro, medindo com olhar desprezador o franzino e descamado vulto do caixeiro.

– Saldar contas – respondeu com gravidade o outro.

– Estou pago e satisfeito.

– Eu é que não.

– Que lhe devo eu a você? – replicou Caetano Alves, trejeitando carranca ameaçadora.

– A honra.

– Qual honra, nem meia honra! Vá-se com Deus ou com o diabo, e deixe-me, se não quer que eu lhe peça contas a você.

– Peça, que eu dou-as leais ao sr. Agostinho José Chaves, ou como é que se chama. Vamos ver quem deve.

João Crisóstomo tirou da carteira dois papéis, e continuou, lendo meia folha que desdobrou:

«Ficam depositadas duzentas moedas de ouro, as quais o sr. António da Silveira, por ordem de João Crisóstomo, residente na Corunha, entregou para serem dadas a Caetano Alves de Carvalho, logo que se liquide Ler este o Agostinho José Chaves que as emprestou a João Crisóstomo. Porto, 12 de Março de 1815. O corregedor do crime, *Mourão Mosqueira.*»

– Recebeu o sr. Agostinho, ou Caetano, este dinheiro?

– Recebi; e daí?

– E daqui está o senhor pago.

– Já disse que estava... Não me tire o tempo!

– Serei breve. Está aqui o título da dívida de que eu sou credor.

– Credor o sr. João? Ora essa! Vejamos!

– A letra é sua? – perguntou Crisóstomo, voltando para Caetano a face da carta que desdobrara.

– Parece-o, se não for letra falsa.

– Pode ser. Quem falsificou a escritura, com menos engenho falsificaria a carta. Leia o senhor.

– Não quero. Leia, se quiser.

– Da melhor vontade – respondeu João Crisóstomo, sorrindo, e leu:

«Il.^{mo} sr. corregedor do crime,

Devo participar a V. S^a, para que a justiça se não engane com os criminosos ladinos, que João Crisóstomo, actualmente residente na Corunha, foi quem deu a nota do cartório do tabelião Ferreira, sabendo o fim para que a dava, assistindo à falsificação da escritura, e recebendo em paga disso muito bom dinheiro. As cento e cinquenta moedas é a quantia que ele depois me pediu emprestada; e o pagamento deste dinheiro não prova nada para a inocência de João Crisóstomo. Eu provarei em ocasião própria a verdade do que Levo exposto. Cadeias da Relação, 15 de Fevereiro de 1816. *Caetano Alves de Carvalho.*»

– Agora reconheça o texto e a assinatura da sua carta, sr. Caetano.

– Já vi; fui eu quem escreveu isso – disse denodadamente o homem. – E então que quer? A vilão vilão e meio, é o ditado. Você perdeu-me, eu quis pagar-lhe na mesma moeda. Deixasse-se lá estar onde estava, que ninguém bolia com o sr. João.

– Mas a minha honra, sr. Caetano?

– E a dar-lhe com a sua honra! E a minha?

– A sua?! perguntou João, espirrando um impulso de riso feroz.

– Sim, a minha! e a minha fortuna de mais de cem contos que perdi por sua causa?

– O sr. Caetano é prodigiosamente infame! – replicou tranquilamente o marido de Albertina.

– O quê? você vem insultar-me ainda por cima?! – bradou Caetano, sacudindo os nervudos braços.

– O senhor não é homem que se insulte; é um celerado sem pejo e sem cara para o vergão do azorrague.

– Fora daqui, patife! – ululou Caetano.

– Pois cuida o miserável que eu vim aqui para me retirar pacificamente com mais uma injúria da sua boca?

– Então que quer?

– Quase nada. Obrigá-lo a engolir esta carta.

E, dizendo, meteu-a à boca, e estrinçou-a e humedeceu-a com os dentes até a reduzir ao tamanho de uma bala de onça. Caetano Alves observava perplexo a operação, sem atinar com o desfecho.

Subitamente, João Crisóstomo arrancou da algibeira uma pistola.

– Que é isto? – exclamou Caetano; e, de um salto, entrou no quarto mais próximo, que devia ser o do sócio, e saiu com uma brilhante faca de matos em punho.

Crisóstomo tinha ajustado ao bordo do cano da pistola o globozinho formado da carta, e, ao tempo que o adversário o atacava corajosamente, disparou o tiro no rosto em cheio, e subtraiu o peito à facada que descia.

Caetano Alves rugiu uns grunhidos formidáveis, e baqueou de encontro a um tremó, e daí ao pavimento com grande estrupido.

O homicida cruzou os braços, e esperou. No esgazeado da vista, aquela infeliz alma parecia acordar de um sonho dilacerante e horribilíssimo.

Entraram, a um tempo, alguns pretos por diferentes portas da sala.

Caetano estrebuchava as últimas vascas.

A negraria gritou, sem ousar acercar-se do desconhecido, que figurava uni morto em pé.

A vizinhança acudiu de tropel aos brados. O dono da casa entrou neste conflito. João Crisóstomo não respondeu a pergunta alguma. Deixou-se agarrar dos braços trementes de susto, que o cingiram brutalmente.

Apareceram o inspector de quarteirão e chusma de pedestres. Levaram-no escada abaixo, quase abafado na compressão de braços e corpos, que o cerravam de perto. Ao fim da escada, João Crisóstomo olhou em redor de si, e ressumou duas lágrimas, e proferiu esta palavra, que era em si uma hórrida e infinita agonia:

– Albertina!...

Conduziram-no ao primeiro interrogatório. Disse que matara Caetano Alves. pediram-lhe a causa do crime. Respondei:

– Sabe-a Deus; sei-a eu; o mundo a saberá. Não me defendo.

Conduziram-no à correcção.

E Albertina?...

Quando deu tento da falta do marido, ergueu-se acelerada. Buscou-o no escritório, saiu a procurá-lo em casa do patrão; voltou a sua casa; e saiu outra vez ao escritório do negociante.

Aqui minguaram-lhe as forças para voltar à rua. As senhoras tentaram pacificá-la, não vendo causa a tamanho alvoroço. Daí a uma hora, ergueu-se grande rumor na casa, e chegou aos ouvidos de Albertina que João Crisóstomo matara Caetano Alves. O espanhol tinha já saído para o cárcere. A dilacerada mulher, sem dar tempo que a seguissem, foi também. Gritou por seu marido às portas da correcção. Rodeavam-na centenas de pessoas. Era-lhe vedado o acesso ao recinto do preso, e disseram-lhe, para a consolarem, que ele estava escrevendo tranquilamente.

Consentiram-lhe que esperasse na saleta do carcereiro, mediante os rogos do negociante, e entregaram-lhe um bilhete aberto do marido, que dizia:

«Apalpo a fronte e já não acho o ferrete. Lavou-mo o sangue do assassino da minha honra, O teu marido não podia morrer infamado. Tu me perdoarás, se o mundo me não perdoar. Albertina, se eu morrer aqui, diz ao mundo que tirei uma vida, e dei outra, para não te deixar atada ao posto ido meu vilipêndio. Vou escrever ao Silveira. Espero que vás refugiar-te, e orar por mim, na casa do nosso amigo. Alguma hora me verás. Reanima-te, pobre mulher. Deixa-me morrer primeiro.»

Albertina, lido este bilhete, perdeu o sentimento da sua desgraça. Foi levada em braços a um palanquim, e transportada a casa do espanhol.

Entretanto, João Crisóstomo escreveu a António da Silveira. Mandou a carta aberta ao patrão, e recostou-se sobre uma tarimba de tábuas nuas, golfando sangue. O comerciante enviou-lhe colchão e roupas. Crisóstomo aceitou indiferentemente o benefício. Ajeitaram-lhe a cama, e ele deitou-se, dizendo:

– O leito da morte!...

Avisado o negociante do estado doentio do preso, enviou-lhe o seu médico. Em resultado da auscultação, o módico declarou a tísica tuberculosa do enfermo, e asseverou a brevidade da vida, com a ocorrência da enorme tribulação em que o vira. Esconderam de Albertina o resultado, deste exame.

Divulgou-se a notícia do próximo trespasse do homicida. A justiça relaxou as suas algemas, por entender que a lei não é vampiro que sugue cadáveres. Concederam licença a Albertina de visitar o marido, e deter-se até à noite no seu quarto.

Pode a fantasia conceber o quadro da aproximação destes dois, a que eu não sei dar nome na escala da desgraça: eu também não me atrevo à glória de pintar eficazmente o relanço da primeira entrada de Albertina ao ergástulo do marido. Abriu ele os braços, ela atirou-se-lhe ao seio, sem articular uma palavra. Eram gritos lancinantes para as almas que presenciaram o lance, gritos mal abafados pelo peito do esposo, onde o coração, escaldado pelo bafejo febril de Albertina, se estorcia em mortais convulsões.

Os circunstantes retiraram-se a pedido da esposa do espanhol, a qual, com suas filhas, acompanhara Albertina.

Era uma esmola do céu deixarem-nos chorar a sós.

A filha do doutor Negro encarou a fito nos olhos do marido, e exclamou:

– Como estás desfigurado!... Tu morres! tu morres! filho de minha alma!

– Quem sabe?! – acudiu ele, contrafazendo jovialidade. – Estou ainda na idade da força e dos milagres, minha Albertina! Esperancemo-nos, filha...

– Santo Deus!... – tornou ela em clamor. – Virgem mãe de Jesus Cristo!... pois eu hei-de ficar sem meu marido!... Eu hei-de vê-lo morrer, oh Senhor!

E, soltando-se dos braços do esposo, caiu de joelhos, com as mãos postas, e os olhos lançados ao céu, através das grades.

– Albertina! – disse João Crisóstomo em aflitivas ânsias. – Tem pena de mim e de ti... Vem cá, pobrezinha... Deus há-de operar em ti um prodígio de valor, porque tens sido uma santa e forte alma, e nunca deixaste de o crer e chamar nos grandes transes da nossa vida. Dá-me a mim o exemplo da coragem, Albertina!

Ergueu-se ela com transporte, e estreitou o marido ao seio, e disse soluçante:

– Pode ser, pode ser que tu não morras!

Estas esperanças eram relâmpagos. Assim que ela fitava olhar atento no semblante do marido, cortava-se-lhe o coração, e cedia ao alto gemer da sua inconsolável dor.

O médico observou que a presença de Albertina, a não se comedir em sua aflição, apressaria a morte do preso.

– E que lucra ele em viver?! – reflectiam as mais condoídas testemunhas do espectáculo.

Seguiram-se as quotidianas visitas de Albertina. Fizera espanto a inesperada mudança que se operara na miseranda senhora, passada a terceira visita. Viam-na chegar à cabeceira do enfermo – a quem o facultativo chamava moribundo – e sentar-se, sem lágrimas, num sereno quietismo e introversão, que incutia maior piedade no ânimo dos assistentes. João Crisóstomo dissimulava os empuxões que lhe iam no peito ao desatar-se a vida fibra por fibra. A cada contorcimento e estridor de dentes, erguia-se ela, punha-lhe a mão na face, e perguntava:

– Sentes a morte, filho?

Esta pergunta repetida infundiu no espírito de João Crisóstomo receio, que lhe redobrou as penas. Previu que Albertina lhe esperava o alento final para suicidar-se. Revelou a suspeita ao comerciante, pedindo que a salvassem da fraqueza e do crime.

Quem pode salvar a alma forte, que se desprende dos suplicios que esmagam os fracos?

O espanhol tinha ideias sobre o suicídio, avessas à religião santa da paciência, e da esperança noutra mundo.

João Crisóstomo, o homicida – quem o diria? – combateu o materialismo de seu patrão; e, como sua mulher chegasse a tempo em que discutiam, o enfermo acalorou-se, quando as forças lhe deixavam, e falou na imortalidade da alma com tanta elevação, subtilidade e compungimento, que arrancava prantos, e calava no ânimo obdurado do argumentador filósofo.

Albertina ouvira-o atenta, e sorria, quando João Crisóstomo disse:

– Não estão estas verdades no teu coração, anjo?

E, como ela permanecesse silenciosa, o marido sentou-se de violento ímpeto, e disse:

– Não permita Deus que eu seja causa a que tu dêes ao mundo um quadro de miserável fraqueza, Albertina! Não permita Deus que tu me faças dar contas ao supremo juiz da perdição da tua alma!...

E limpava um suor, semelhante ao soro do último sangue, que vinha arrefecido das artérias mortas.

Albertina ajoelhou, e disse:

– Perdoa-me, que eu sou mulher, e não sei o que é viver sem ti! Perdoa-me, que eu, se não morrer, enlouquecerei, e depois o fim da minha vida será horrendo...

– Que seja... que o mundo te lastime perdida para a luz do entendimento. O Senhor te dará luz, mártir!... Jura, jura ao teu pobre marido agonizante que não tentarás contra a tua vida!

Albertina beijou a mão que o esposo lhe estendera a solenizar o juramento, e balbuciou:

– Não me matarei!

– Bem hajas! – tornou João Crisóstomo com repetidas intermitências de abafação.
 – Bem hajas! Fica pedindo por mim... Bem sabes que eu não deixo quem reze uma Avé-Maria por minha alma. Tu irás à Pátria, e dirás aos difamadores do meu nome que eu... não roubei um ceitel a homem nenhum... Irás ajoelhar à sepultura de teu pai, e pedirás perdão para os delitos da minha alma... Eu matei um homem; levo a Deus este sangue que me ressaltou à face; mas... quem sondou, senão Ele, as minhas angústias?... E tu hás-de viver, Albertina, para eu ouvir na eternidade as tuas preces!...

Caíra sobre os travesseiros extenuado. Albertina soluçava de joelhos.

O moribundo pediu a presença de um sacerdote. Confessado e unguido, chamou para junto de si a esposa, que o esteve contemplando com uma paralisia de gestos, indicativa das trevas que se estavam carregando em volta de seu espírito.

Conseguiu a piedade dos amigos, contraídos nos últimos dias de inexcedível desgraça, que Albertina e o frade carmelitano pernoitassem no quarto do agonizante.

Ao repontar do sol da seguinte manhã, o comerciante entrou no quarto, e disse:

– Todos os seus amigos, sr. João Crisóstomo, apregoam a sua inocência, e juram que o senhor padeceu os efeitos da calúnia, e está limpo de toda a mácula.

João Crisóstomo pôs os olhos em Albertina, e disse:

– Minha mulher, já vês que te deixo a única herança que podia deixar: um nome sem o ferrete de ladrão. A sociedade perdoará ao homicida...

Estas derradeiras palavras foram exprimidas com tanto desafogo e serenidade que os assistentes julgaram muito aliviado o moribundo.

Albertina viu que o sacerdote e o comerciante confirmavam as suas esperanças dela; e logo, arrebatada de alegria, abraçou-se ao esposo, exclamando:

– Tu estás muito melhor, meu filho!

– Estou... – disse João Crisóstomo, e, descaindo lentamente as pálpebras, inclinou algum tanto a face para Albertina, e desprendeu um trémulo e profundo soluço.

Morreu.

Esta palavra atroz, quando o sacerdote a proferiu, com as mãos erguidas e a cruz entre elas, foi o último sopro na razão de Albertina.

– Não me respondes? – exclamou ela, abraçando-se ao peito do cadáver. – Não me respondes?... Pois tu estás morto.?

Ergueu-se de golpe, e contemplou-lhe a face; vergou-se outra vez, e beijou-lhe os lábios.

Depois, levou as mãos aos cabelos, repuxou-os com pavoroso frenesi; arrancou uns gritos semelhantes aos da ave nocturna, gritos que ali simulavam a risada da loucura.

O frade e o comerciante retiraram-na, levaram-na do quarto, e reclamaram os socorros de um médico.

Onde está a medicina daquelas demências?

CAPÍTULO VIGÉSIMO QUARTO

No mesmo dia em que António da Silveira recebia do defensor de João Crisóstomo a notícia do repelão que atirara o malfadado à última paragem do seu abismo, foi ele procurar carta ao escritório do último navio chegado do Rio, e encontrou a de João Crisóstomo, escrita da cadeia. Era assim breve e simples:

«Saldei as contas. Agora posso morrer. Caetano Alves deve ter empastada no sangue da cara a denúncia que deu ao corregedor. Como a sociedade, em vez de me vingar, me escreveu na testa o ferrete de ladrão, vinguei-me eu. Se eu não tivesse esta mártir ligada à minha existência, morria feliz. A justiça dos homens já não pode cevar-se no meu sangue. Não se levanta a forca sobre uma sepultura. Morrerei breve. Aqui fica Albertina, aquele anjo que V. S^a amou como irmão; ela aqui está à espera que me enterrem, para ir pedir uma esmola. Se ela chegar à porta, receba-a. Ela é nobre de condição: aceitará a esmola, porque há situações em que o aceitá-la é fidalguia de ânimo... Ouço-lhe os gemidos... Sei que amanhã parte um navio. Não me dá tempo a mais. Adeus, sr. Silveira. Não me ofereço como exemplo à sua vida, que é a de um justo; porém, aos desgraçados que encontrar conte-lhes a minha vida e a minha morte. Seu do coração pela eternidade,

João Crisóstomo.»

António da Silveira, confiado na beneficência de seu irmão Alexandre, cuidou logo em incumbir a um dono de navios da carreira do Brasil o transporte de Albertina para Portugal, se ela estivesse viúva à saída da embarcação.

As participações subsequentes davam a filha do doutor Negro doida incurável, apesar dos paternos desvelos com que era tratada. António da Silveira, solicitando-a para sua casa, não somente obedecia aos impulsos da sua benfadada índole, senão que parecia querer mitigar assim a ferroadada pungitiva do remorso, remorso de ter afastado de Portugal João Crisóstomo, quando ele o consultou sobre a sua vinda. Não obstante, o caridoso patrão do homicida, que a opinião pública endeusava, respondeu directamente a Silveira que Albertina era sua filha.

A redarguição a benfeitor tão do céu seria uma teima de indiscreto juízo.

Cessaram as notícias do Rio para António da Silveira, por espaço de dois anos.

Em 1828, o conjurado nos tentâmenes da liberdade tomou o seu quinhão no infausto arrojo do marechal Saldanha. Emigrou.

No espaço de cinco anos de expatriação, comportou pacientemente muitos dias de fome, para não pedir a seu irmão excedentes às suas legítimas, que montavam a pouco.

Desembarcou no Mindelo com a patente de capitão. Fez a campanha até à capitulação de Évora-Monte. Era tenente-coronel por distinção, e tinha quarenta e seis anos, no fim da guerra. Perdera um braço nas linhas de Lisboa. Pediu a sua reforma em coronel, e foi procurar sua família.

Alexandre da Silveira tinha morrido em 1830. Encontrou um sobrinho de vinte e quatro anos, que o recebeu com frieza e menospreço.

Era um legitimista intolerante, que se espantava de que pudesse cair o colosso levantado por seu tio marquês de Chaves.

Por amor de partido, inventou que seu pai tinha morrido de desgosto por ver um irmão ao serviço do Senhor 13. Pedro. Alexandre, coração nobilíssimo, lamentara o irmão até ao fim, porque morreu na certeza da infalível vitória do Senhor D. Miguel.

Mas odiá-lo não podia o filho da virtuosa que, ao despedir-se da vida, conciliara, por juramento inviolável, os dois irmãos.

O coronel Silveira, assim que traduziu os vincos da fronte de seu sobrinho, sacudiu o pó dos sapatos, e saiu, dizendo:

– Procurei o céu e as árvores da minha infância: cá estão, reconheço-as, e reconhecem-me: a ti, meu sobrinho, é que eu não conheço.

E saiu para habitar uma casa coberta de colmo, que se alugava na aldeia de seus avós.

A mobília que levou da casa onde nascera reduziu-se ao piano de Albertina, e aos seus clássicos latinos. Escreveu para o Rio de Janeiro ao negociante espanhol. Não teve resposta.

Pedi informações a comerciantes do Porto: responderam-lhe que o espanhol tinha morrido em 1829, e não sabiam mais nada. António da Silveira conjecturou que Albertina havia morrido.

Em 1840, procurou-o o ancião abade de sua freguesia, e disse-lhe, com um periódico do Porto na mão:

– Trago-lhe uma surpresa dolorosa.

– Que é?... Aboliram os soldos aos coronéis que só têm um braço? – perguntou o risonho Silveira.

– Não é tanto; mas receio que lhe doa. mais.

– Mais? Que pode ser?!

– Tenha a coragem de ler esta local.

O coronel leu o seguinte:

Os homens do Porto que hoje têm cinquenta anos ainda se recordam do famoso DOUTOR NEGRO, grande jurisconsulto, e maior desgraçado que jurisconsulto. Este homem tinha uma única filha, que o levou à sepultura. Casara-se ela com um amanuense de seu pai. Chamava-se João Crisóstomo, o qual foi um prodígio de infortúnio, até ao extremo de morrer, no Brasil, assassino de um celebrado Caetano Alves de Carvalho, de Vila Nova de Caia, seu caluniador. Pois a filha do doutor Negro, e viúva do pundonoroso homicida, é uma mulher meio-cadáver, meio-idiota, que o leitor encontra desde 1839 no topo da Calçada do Mirante, com a mão estendida à esmola, posto que a não peça. Quem escreve estas linhas não sabe dizer que desventuras antecederam esta em que a infeliz se encontra. O que sabemos de o ouvir contar a pessoas coevas é que a mendiga da Calçada do Mirante foi formosa entre as mais formosas do seu tempo; prendada como poucas; era um encanto de ouvidos quando tocava; e foi a primeira cantora no Porto de há trinta anos! Aqui se presta à caridade pública excelente ensejo de estender mão valedora àquela infeliz, que é um exemplo; mas um exemplo que enternece a lágrimas.

Meia hora depois, o coronel Silveira estava a caminho do Porto, com todo o seu cabedal, que era o soldo de um mês rebatido por menos de metade, e umas economias dos meses anteriores, que eram uns vinte mil réis, que ele amealhara para mandar cobrir de telha a sua casa achoupanada.

Assim que apeou à porta da estalagem mais económica, dirigiu-se à Calçada do Mirante.

Lá viu uma mendiga com a mão aberta e o braço estendido, e um cão de água no regaço. Afirmou-se muito tempo nela, e disse consigo:

– É mentira! não é possível! Aqui não há rosto de feição de Albertina!...

Avizinhou-se, quase convencido do romance do localista, e disse:

– Albertina!

A mendiga ergueu os olhos do regaço, fitou-o, e respondeu:

– Quem me chama?

– A senhora é Albertina?

– Sou Albertina.

– A filha de Francisco Simões Alpedrinha?

– Que Deus tenha em sua santa glória.

– A mulher de João Crisóstomo?

– Desse anjo, que espera entrar no céu.

– Conheceu António da Silveira?

A mendiga baixou a fronte entre as mãos, e correu os dedos pela fronte, murmurando:

– António da Silveira?...

– Sim... o amigo de Albertina e de João Crisóstomo, e de seu pai e mãe, que morreram...

– Em casa de António da Silveira...

– Pois é! – exclamou o coronel, tomando-lhe a mão com veemente ardor. – É Albertina que está aqui pedindo esmola?... E não reconhece em mim António da Silveira?

A mendiga assestou-lhe uma vista fulgurante de demência, e disse com vozes interpoladas de suspensões ansiosas:

– A voz dele era assim... e os olhos... e o olhar piedoso... Era novo então, e gentil, o nosso querido amigo...

– E aqui estou velho, sr^a D. Albertina, e mutilado, e desconhecido até aos seus olhos, que viam em mim o irmão extremoso. Não me reconhece ainda, desgraçada senhora?

– Conheço!... conheço!... – exclamou ela debulhada em lágrimas; porém, imóvel como se fosse paralítica.

Silveira apertou-lhe convulsivamente a mão, e clamou embargado de soluços:

– Como chegou até isto?... E eu que a julgava morta há tantos!...

– Morta estou eu – disse ela sem a menor agitação.

– Vai sair já daqui – tornou o coronel – eu vou buscar uma sege...

– Não vá – acudiu Albertina.

– Porquê?

– Porque o meu posto é aqui.

– O seu posto é o que seu marido lhe impôs. Eu conservo ainda a carta em que ele me avisa de que sou eu o amparo da sua viúva.

– Uma carta?... Bem me lembra... Mas não vou... A alma de meu marido está ganhando o céu com minha humildade. A humildade da mendiga é a mais grata ao Senhor. Se o Altíssimo for servido, acabarei neste serviço à alma do meu anjo.

O coronel instou; mas o silêncio de Albertina era uma resposta que o desesperava de movê-la.

Penalizadora situação a do honrado homem!

– Que hei-de eu, pois, fazer em bem desta infeliz? – disse ele como interrogando o seu coração. – Que horrível serenidade a desta mulher! Que hei-de eu fazer?

– Dê-me uma esmola como os outros que passam – respondeu ela.

António da Silveira, coberto de lágrimas, tirou da algibeira todo o dinheiro que tinha, e depôs-lho no regaço.

– É muito – disse ela –; basta-me isto.

E tomou uma pequena moeda de prata.

O coronel foi obrigado a aceitar o dinheiro. Albertina beijou a esmola, e orou. Era noite.

A mendiga ergueu-se; tomou o cãozinho nos braços, e caminhou em direitura à Rua da Soveia. Silveira acompanhou-a, e viu-a entrar num baixo de pobríssima aparência, contíguo ao tabique de uma forja.

Albertina abriu a porta, fez uma mesura a António da Silveira, como lhas tinha feito em 1811, e disse:

– A Virgem mãe de Deus lhe dê uma boa noite, ar. Silveira. Contarei a meu marido que o vi.

No dia seguinte, Silveira foi procurar um velho camarada, contou-lhe o sucesso, e encarregou-o de enviar todos os dias ao cardenho da filha do doutor Negro um almoço e jantar.

Foi ainda vê-la em três dias sucessivos; porém o espectáculo cortava-lhe o coração. Era desgraça irremediável! Quando o coronel lhe pedia a história de quinze anos, Albertina respondia:

– Não sei... Lembra-me que vi morrer meu marido, e mais nada... Depois, achei-me aqui... e estou orando, e ajudando a remir a alma do pecador.

António da Silveira voltou para a sua pobre casa, deixando ao camarada o preço da sustentação de Albertina por um mês.

A filha do doutor Negro aceitava a esmola, e pedia sempre a Deus a felicidade de quem lha dava.

Contava, porém, o encarregado desta beneficência quotidiana que a mendiga, a intervalos, se esquecia de António da Silveira; e perguntava se ele tinha morrido à pessoa que lhe falava dele, acrescentando que o não vira há muitos anos. Devemos crer que interpoladamente se fazia noite sem estrelas naquele espírito; e que as intermitências de sua razão eram como o embaciado entreluzir da lua enublada.

Como viera a viúva de João Crisóstomo assentar-se na Calçada do Mirante, desamparada, esquecida, e mendiga?

É uma história que se refere sem divagações. Albertina esteve com a família espanhola, até à morte do patrão de seu marido, em 1829. A viúva liquidou os seus haveres para retirar-se para Cuba, onde tinha duas filhas casadas. A doida era um estorvo à ida da viúva, já cansada de lhe ouvir os gritos, e desesperada da cura. Os seus amigos disseram-lhe que o mais acertado era mandá-la para o hospital de S. José, em Lisboa, onde era frequente o curativo dos doidos. A viúva aceitou o alvitre dos seus amigos e desfez-se do encargo, mandando dar em Lisboa uns tantos tostões por dia ao hospital, a fim de não misturarem Albertina com as outras doidas. Viram-na embarcar sem lágrimas; ela entrou alegre no navio, dizendo que vinha juntar-se ao marido, que estava a ares da pátria.

Recebida no hospital em quarto particular, aí esteve seis meses em tratamento inútil. Depois, como os pagamentos cessassem do correspondente por parte da espanhola, Albertina foi mandada para a enfermaria comum.

Aqui esteve nove anos. As outras doidas, quando a ouviam cantar, rodeavam-na e choravam com ela. Os facultativos de S. José, e os estudantes de cirurgia, pasmavam da voz e arte com que ela relembrava as antigas cançonetas. Julgavam-na brasileira, e nada sabiam de sua vida.

Ao cabo de nove anos, Albertina cessou de cantar, e deu vislumbres de razão e esperanças de cura. Parecia conhecer o local em que estava, e afligia-se muito, suplicando que a deixassem ir para a sua terra. Então disse que era do Porto, e viúva: às perguntas indagadoras de sua vida passada não respondia.

Resolveu o médico deixá-la sair, quando a viu em riscos de tornar à demência

completa, com o suplício da retenção. Supôs-se no hospital que a mulher devia ter parentes no Porto, e deixaram-na sair entregue a um estafeta por conta da Misericórdia.

Chegou Albertina ao Porto, e apeou à porta da hospedaria Estanislau. O condutor deixou-a ao seu destino. A filha do doutor Negro achou apenas aberta uma porta, onde ela podia entrar sem receio de ser expulsa: era a igreja de Santo Ildefonso.

Passou ali o restante do dia ajoelhada.

À noite, como as portas do templo se fechassem, foi direita à Rua de S. Miguel, e parou em frente da casa onde tinha nascido, e sentou-se com os olhos cravados na vidraça do escritório de seu pai.

A patrulha encontrou ali às onze horas da noite aquela mulher. Interrogou-a; e, como ela respondesse com sufocantes soluços, conduziu-a à casa da guarda no quartel do Carmo. A senhora de um oficial, residente no quartel, condeou-se da mulher, que dava ares de turbção de juízo, e chorava sempre. No dia seguinte, despediram-na como insuspeita de culpa, e com o título de louca, passaporte para morrer de fome, onde quisesse. Porém, a caritativa dama encarregou-se de lhe arranjar um abrigo, e perguntou-lhe se queria uma casinha, onde pudesse viver. Albertina aceitou a esmola, dizendo:

– Eu sou uma pobre que pede. A alma de meu marido precisa que eu seja humilde. Confirmou com este dizer a suposição da demência.

Arranjaram-lhe o baixo da Rua da Soveia, com um enxergão, e uma manta, sobre um pavimento de pedra.

A viúva de João Crisóstomo sentou-se sobre o esmolado enxergão, e esperou o dia, entressonhando com a alma de seu marido.

No dia seguinte, foi sentar-se no cimo da calçada que mais perto lhe ficava de casa.

E assim durante trezentos e tantos dias, até que António da Silveira a encontrou.

E assim durante cinco anos, até que eu lhe entreguei a avultada esmola do meu velho amigo de Trás-os-Montes.

Quando me ela disse que não sabia de António da Silveira, havia quatro anos, desconhecia eu ainda aquela especial loucura de alternativas de memória instantânea, e longos prazos de esquecimento absoluto.

Neste tempo já ela mal podia suster-se, e levantar-se da cama para sair a esmolar

Do almoço e jantar que lhe enviava o camarada do coronel repartia ela com duas pobres vizinhas, que a denominavam «a santa». Das esmolas que ajuntava mandava dizer missas por alma de seu marido.

Tinha um cãozinho, que levantara quase morto de um monturo. Cuidava dele com muito zelo; aviventava-o; e consentia que o agradecido animal lhe lambesse as lágrimas.

António da Silveira, quando me mandou entregar as quatro peças a Albertina, já sabia que o seu amigo a convencera a entrar no hospital de S. Francisco.

Deus sabe quantas privações custou ao coronel aquela generosidade, e a alimentação de cinco anos da filha do doutor Negro. Quando se viu de todo reduzido a pedir para socorrer a mendiga, naqueles anos em que os oficiais reformados rebatiam pela quarta parte os seus soldos, vendeu o piano de Albertina, e os seus livros da mocidade, os amigos de toda a vida, e remoçadores da alma quebrada e mutilada como o corpo.

CONCLUSÃO

Em 1846, um lavrador de Vairão procurou Albertina no hospital de S. Francisco, e disse-lhe:

– A senhora é a viúva de João Crisóstomo que Deus haja?

– Sou eu essa desgraçada.

– Há poucos dias soube que a senhora ainda vivia. Venho aqui restituir o que não roubei, e cuidei que era meu. Eu estou há quinze anos de posse dos bens que eram de meu parente João Crisóstomo. O pai dele morreu há vinte anos; ficou um filho, que Deus levou quatro anos depois, e morreu solteiro. Soube-se logo que o irmão herdeiro tinha morrido no Brasil, e que a viúva também morrera. Eu era filho de uma irmã do tio Nicolau, pai de seu marido. Tomei posse dos bens; mas agora que soube que a senhora está viva, não quero senão o que é meu.

Albertina meditou alguns instantes, e respondeu:

– Aceito a esmola de ir viver na sua companhia, com a condição de me darem para morrer o leito em que nasceu meu marido.

– Lá está tudo como estava quando morreu seu cunhado. A senhora vai para sua casa, e fará o que quiser.

A filha do doutor Negro saiu do hospital, e foi para Vairão.

Não consentiu que se lhe desse posse judicial. Tomou para si o quarto e leito de pau-santo, que tinha sido de sua sogra. Era quase evidente que João Crisóstomo nascera naquela cama.

Restaurou-se-lhe completamente a razão nos últimos meses da sua vida. António da Silveira mostrou-me, e deu-me traslado da última carta que Albertina lhe escreveu de Vairão. Aqui se dá integralmente a cópia:

«De tudo me recordo agora: um reflexo da eterna luz aclara a minha razão. Vejo os seus cabelos brancos da última vez que o vi; ouço os seus gemidos; e o coração abre-se-me a receber as lágrimas, que me não impressionaram então. Deus é que viu tudo. Ele lá está para lhe dizer: – Vem buscar o estipêndio do teu trabalho, sementeiro das virtudes que eu te derramei a mãos cheias no coração. – Agora tudo vejo; todas as suas palavras proferidas na sala de meu pai, e na grade do convento dos Remédios, lembram-me todas. O que foi a minha vida desde então até hoje? Que desgraças, sr. Silveira! que dores há, neste mundo!... Se o senhor visse como aquele desventurado padeceu!... se o visse agonizar no catre da cadeia, e morrer na flor dos anos, pedindo-me que tivesse ânimo para beber as últimas fezes do meu cálice!... E eu obedeci-lhe... Ele sabe que a minha vida de vinte e dois anos foi um suplício, com quinze anos de demência, em que o mundo me julgou morta para as recordações tormentosas, quando eu sentia em minha alma o que não posso contar.

Não sei quando envelheci!... Desde o dia em que meu marido saiu ao amanhecer para mais não voltar às pobres alegrias da modesta casinha em que vivíamos, nunca mais me vi num espelho. Penso que os cabelos se me branquearam em dois minutos de agonia entre a morte de João Crisóstomo e o perdimento da minha razão. Tenho erguido as mãos ao Senhor agradecendo-lhe o bem de aniquilar em mim tudo que meu marido amara, no mesmo momento em que mo levou.

Ignoro se a sociedade perdoou ao homicida de um homem que nos matara a pedaços. É mais natural que a sociedade o esquecesse a ele e a mim. O meu pobre João parece-me que morreu com a candura de alma que o fez desgraçado. O que eu lhe juro, com os olhos no divino juízo que breve me há-de julgar, é que meu marido estimou, até

ao extremo affecto de um irmão, e, mais que tudo, de um desgraçado reconhecido, o sr. António da Silveira. Bem sabia ele que o amparador de meus pais havia de dar o pão de todos os dias de cinco anos à sua viúva. Aqui ponho as mãos reconhecias diante da sua caridade, sr. Silveira. E adeus, meu benfeitor. Esta parece-me que é a última carta, que recebe minha. & eu o igualasse em merecimento, dizia-lhe – *até ao céu!*

Da sua irmã.

Albertina.»

E foi a última carta.

A filha do doutor Negro morreu em Janeiro de 1845 com cinquenta e oito anos de idade, e aparências de setenta. O seu morrer foi um cerrar de olhos sobre os pés de Jesus crucificado.

Diremos agora fugitivamente acerca de alguns outros personagens desta história.

Simão de Valadares, um ano depois da fuga de Albertina, casou com aquela sobrinha que o tomou para o seio, e lhe disse com melódicas meiguices umas frases que deram o excelente resultado de se matrimoniarem. Corridos anos, morreu Simão sem descendência, e o vínculo coube ao irmão, e deste à filha mais velha, que passou a segundas núpcias. Creio que ainda vivem umas macróbias Valadares, que eram formosas meninas no tempo de Albertina.

A mulher de Caetano Alves de Carvalho, quando soube da morte do marido, fez tamanha gritaria que muita gente cuidou que ela rompesse alguma veia considerável. Quis embarcar para o Rio, na intenção perdoável de levar à força o assassino de seu esposo, ainda que houvesse de gastar com a justiça uns cento e tantos contos liquidados. Havia, porém, na casa um caixeiro discreto, que a despersuadiu de gastar vintém com a força, visto que era do interesse da humanidade enforcar-se João Crisóstomo. Este caixeiro, atilado como se vê, deu prova ainda maior do seu juízo, casando-se depois com a viúva, e regressando com ela para Esposende, terra de ambos, onde acabaram tranquilamente os seus dias.

Tomásia, em 1835, se é verdade o que me asseveraram, veio com seu marido para Portugal; moraram uns três anos aqui no Porto; compraram uma quinta na província do Minho, sobre a margem esquerda do Lima; e, como a quinta se denominasse *Cabeçudos*, os proprietários fizeram-se barões de Cabeçudos. Eu conheci ainda uma baronesa deste titulo; mas não sabia que ela se havia chamado Tomásia. Consta que esta senhora acabou santamente, e deixou filhos muito ricos.

D. Benito de Rojas dava só por si que fazer a um romancista dos que têm fôlego para quatro volumes. O importante para este sucinto romance é saber-se que ele abandonara Tomásia em S. Domingos, passou-se à América inglesa, onde se intitulou marquês de Pontevedra, conde Altamira, grande de Espanha, e próximo parente da casa real. Gastou a frouxo para sustentar a posição; e pretendeu algumas das principais herdeiras da Nova Irlanda. Uma das pretendidas aceitou apaixonadamente o galanteio do parente de reis, e conseguiu que o progenitor cedesse à paixão, tendo de optar entre vê-la casar ou morrer. Dias antes, porém, da destinada celebração dos esposórios, D. Benito de Rojas foi encontrado em sua própria cama cortado de facadas, e degolado com tanta perfeição que parecia trabalho de anfiteatro anatómico! Quem podia contar os pormenores desta catástrofe era o marido de Tomásia, que chegara quinze dias antes à Nova Irlanda, com seis negros da sua maior confiança; mas o homem não disse nada; e a opinião corrente foi que o grande de Espanha tinha sido canibalmente assassinado por enviados de Castela, a cumprirem uma ordem da maçonaria.

Mas a cabeça de D. Benito que não estava ao pé do cadáver? A cabeça presume-se

que caíra aos pés de Tomásia, e daí passou para algum escoadouro da cidade em que ela vivia. A gente da Nova Irlanda supôs que a tal cabeça custou muitos milhares de pesos fortes ao governo espanhol. Escreve-se assim muita história antiga e moderna.

Muito mais pacificamente morreu aquele Januário que citava Cícero, e ensinava originalmente as filhas desobedientes em matéria de amor. Morreu como pagão, citando o orador romano. As suas últimas palavras foram: *Moriendum est omnibus, atque finis miseriae in morte*. E calou-se para sempre este secante latino, que até na casa de jantar mandara escrever estas duas máximas de Cícero: *Esse oportet ut vivas, vivere non ut edas*. «Come para viver, e não vivas para comer.» De frente mandou escrever estoutra: *Cibi condimentum est fames*. «A melhor mostarda é a fome».

E assim à proporção, uma sentença, alusiva a todos os actos da humanidade! Morreu um sábio, que seria um justo, se não fosse um velhaco. Deus lhe perdoe, que o leitor decerto lhe não perdoa o muito latim que vai neste romance à conta dele.

António da Silveira, o justo, o honrado, o cristão, chegou aos setenta anos com a alma no pleno fulgor de suas faculdades, e o corpo sadio e vigoroso, exceptuado o braço que ele pendurou entre os troféus da liberdade em Portugal.

Morreu em 1860 na casa onde nascera, porque seu sobrinho, remordido pela consciência da feia acção, um dia se ajoelhou aos pés do velho coronel, suplicando-lhe que entrasse no seio da sua família. O ancião ergueu nos braços o sobrinho, e disse-lhe:

– Estás perdoado pelos afagos que me fazias em criancinha.

Na minha última visita às montanhas onde fui criado, encontrei António da Silveira, ensinando a traduzir Horácio a um neto de seu irmão Alexandre. Ao lado de Horácio estava também aberto o livro de Sob. Em seguida à versão de uma ode respirando blandícias de sibarita, o velho traduzia uma lamentação do virtuoso inabalável, enternecedora pela paciência, e confiança na Providência, que tudo lhe tirara ao opulento da terra de Hus.

Conversamos ainda com referência a Albertina, ao doutor Negro, a João Crisóstomo. Refresquei memórias delidas pelo processo dos anos, e prometi historiá-las, quando as minhas desgraças me dessem tréguas para pensar nas alheias.

Mal de mim se esperasse o desafogo das tréguas, que nunca à luz dos livros, que nascem e morrem num dia, havia de sair esta coisa de nenhuma serventia entre as necessidades desta vida.

Quis eu que António da Silveira, com o seu estilo sentencioso, me insinuasse no espírito a ideia moral deste romance.

A isto respondeu ele:

– O senhor tem escrito muitos romances sem moral nenhuma que eu saiba; e desculpe, se isto belisca o melindre do seu engenho. Quer-me parecer que há por esse mundo muita desgraça, que move à comiserção, e até certo ponto desmoraliza. Há outras desgraças que não moralizam nem enternecem. A gente não deve supor que todos os infortúnios procedem de desvios do dever. Se assim fosse, para inferirmos que um homem delinuiu, bastaria vê-lo desgraçado. Ora eu conheci, no trajecto de setenta anos, muitos maus afortunados, e muitas almas nobres passadas de angústias. Se eu fizesse romances e escrevesse as histórias que sei, teria de me abster de moralizar por conta da Providência, que importaria o mesmo pô-la em dúvida. E, demais, se inferno e glória fossem neste mundo, a que vinha a superfluidade do outro, em que se prometem prémios e castigos?! Escritores cristianíssimos sei eu que se afadigam em demonstrar que os prevaricadores inevitavelmente pagam neste mundo. Eu mesmo preguei este falso Evangelho ao doutor Negro; mas o mundo preleccionou-me sessenta anos, e modificou as minhas crenças dos vinte e dois. Pois, em verdade, lhe digo que fazem um desserviço à religião de Jesus os que pregoam que a felicidade neste mundo é prova de

sã consciência e rectidão de vida. Não, senhor, absolutamente não é. A religião de Cristo diz: «Bem-aventurados são os que sofrem, porque estes serão consolados.» Os errados intérpretes exclamam: «A religião, mãe de todas as virtudes, é um manancial de felicidades neste mundo para quem a observa.» Isto, se não é contraditório, ataca a eficácia das palavras do Divino Mestre. Em suma, se o senhor instasse muito comigo para lhe eu dar o tom da filosófica, ou da cristã moralidade do romance da filha do doutor Negro, citar-lhe-ia estas palavras dele:

Minha filha há-de ser muito desgraçada, ainda mesmo que o homem que ma roubou venha a ser seu marido, e a felicidade mentirosa lhes dê a efêmera embriaguez do crime satisfeito. Eu morrerei, sem a ter visto no último degrau da miséria; mas você viverá para lembrar-se das derradeiras palavras proferidas pelo velho que chora em suas mãos.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera de acordo com a edição de 1891, Companhia Editora de Publicações Ilustradas. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
